

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Ana Cândida de Arruda Becker

**Alter ego e cidadania:** urbanismo através do espelho

São Paulo

-2023-

Versão corrigida

São Paulo, 14 de dezembro de 2023.

Prezados senhores,

Informo que aceito e concordo com as alterações feitas pela aluna Ana Cândida de Arruda Becker no texto de sua Tese de Doutorado.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, consisting of a stylized 'G' followed by a cursive 'S' and a final flourish.

Gilson Schwartz

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Ana Cândida de Arruda Becker

**Alter ego e cidadania:** urbanismo através do espelho

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, Diversitas, da Universidade de São Paulo, como pré-requisito para a obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Schwartz

São Paulo

-2023-

Versão corrigida

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

B111a Becker, Ana Cândida de Arruda  
**Alter ego e cidadania: urbanismo através do espelho**

Ana Cândida de Arruda Becker; orientador: Gilson Schwartz –

São Paulo, 2023.  
222f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas da Universidade de São Paulo. Área de  
Concentração: Interdisciplinar.

1. Narcisismo 2. Psicanálise 3. Urbanismo 4. Alteridade 5.  
Transcendência I. Schwartz, Gilson, orient. II. Título.



BECKER, A. *Alter ego e cidadania: urbanismo através do espelho*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Universidade de São Paulo, como pré-requisito para a obtenção do título de Doutor.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

## Sampa

*Alguma coisa acontece no meu coração  
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João  
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi  
Da dura poesia concreta de tuas esquinas  
Da deselegância discreta de tuas meninas*

*Ainda não havia para mim Rita Lee  
A tua mais completa tradução  
Alguma coisa acontece no meu coração  
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João  
Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto  
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto  
É que Narciso acha feio o que não é espelho  
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho  
Nada do que não era antes quando não somos mutantes*

*E foste um difícil começo  
Afasto o que não conheço  
E quem vende outro sonho feliz de cidade  
Aprende depressa a chamar-te de realidade  
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso*

*Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas  
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas  
Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas  
Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços  
Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva*

*Pan-Américas de Áfricas utópicas, túmulo do samba  
Mas possível novo quilombo de Zumbi  
E os novos baianos passeiam na tua garoa  
E novos baianos te podem curtir numa boa*

(Caetano Veloso)

## RESUMO

### **Alter ego e cidadania:** urbanismo através do espelho

O objeto da presente Tese é uma leitura autobiográfica da Cidade de São Paulo a partir do conceito de narcisismo na obra *A negação da morte*, de Ernest Becker, considerando a questão do *Outro*, em Lévinas. Desenvolvo inicialmente uma reflexão sobre a noção de *mito e linguagem*, para analisar o mito de Narciso, na passagem de *Metamorphoses*, de Ovídio, sua estrutura narrativa, bem como outras imagens do mito em obras relevantes na história da arte. No segundo momento, mapeamos as referências bibliográficas beckerianas para trazer à luz a apropriação do mito de Narciso pela prática psicanalítica e nos detemos na obra *A negação da morte: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana*, seus fundamentos teóricos e seus desdobramentos nos cinquenta anos de sua premiação pelo Prêmio Pulitzer, especificamente na questão do narcisismo e do equilíbrio da libido na tópica *ideal-do-eu e eu-ideal*. Trata-se de uma cartografia espiritual, a unidade de uma proposição fundamental na diversidade de fenômenos e afetos. O corpo teórico estruturado em Ernest Becker fornece repertório para a leitura da cidade de São Paulo, especificamente na visada do arquiteto Aloysio Becker, meu pai. Ao final, o conceito de *objeto* será discutido em sua abordagem psicanalítica de objeto interno e objeto externo, para contemplar a obra *Totalité et infini: Essai sur l'extériorité*, de Lévinas e a questão da transcendência em Ernest Becker e Aloysio Becker.

**Palavras-chave:** 1- Narcisismo 2- Urbanismo 3- Alteridade 4- Transcendência

## ABSTRACT

### *Alter ego and citizenship: urbanism through the mirror*

The object of this Thesis is an autobiographical interpretation of the São Paulo City inferred from the concept of narcissism in *The denial of death*, by Ernest Becker, considering the question of the Other, in Lévinas. I initially developed a reflection on the notion of myth and language, to analyze the myth of Narcissus in *Metamorphoses*, by Ovid, his narrative as well as images of relevant works in the history of art. In the second moment, we mapped the Beckerian bibliographical references, to bring to light the appropriation of the myth of Narcissus by the psychoanalytic practice, and we focused on the work *The denial of death: a psychological approach to human finitude*, its theoretical foundations and its consequences in the fiftieth anniversary of the first edition, specifically on the issue of narcissism and the balance of libido. It is a spiritual cartography, the unity of a fundamental proposition in the diversity of phenomena and affections. The theoretical body structured in Ernest Becker provides the basis for interpreting the city of São Paulo, specifically in the view of architect Aloysio Becker, my father. At the end, the concept of object is discussed in its psychoanalytic approach of internal object and external object, to contemplate the work *Totality and infinity*, by Lévinas and the issue of transcendence in Ernest Becker and Aloysio Becker.

**Keywords:** 1- Narcissism 2- Urbanism 3- Otherness 4- Transcendence

## Agradecimentos

Agradeço profundamente ao Diversitas – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos e todos os professores e técnicos ligados a este núcleo de pesquisas, bem como ao Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades. Impossível não citar nominalmente o agradecimento à Profa. Dra. Zilda Márcia Grícoli Iokoi e Teresa Teles.

Agradeço especialmente aos professores que deram atendimentos e aconselhamentos sobre o projeto: Prof. Dr. Luis Guilherme Galeão da Silva, Prof. Dr. Júlio Katinsky, Profa. Dra. Zilda Márcia Grícoli Iokoi.

Ao Prof. Dr. Sérgio Bairon e Prof. Dr. Bruno Roberto Padovano, pela leitura atenta de meu projeto e importantes comentários, quando participaram do exame de qualificação.

Ao Prof. Dr. Bruno Roberto Padovano pela gratificante experiência de trabalho no NUTAU – Núcleo de Pesquisas em Tecnologia da Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade de São Paulo, tão importante para o desenvolvimento do presente trabalho.

Agradeço aos colegas do Programa e à equipe da organização do Diversidade em Ação – 1º. Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades.

À equipe de estagiários do curso de edificações do Liceu de Artes e Ofícios, Gabriel Barbosa, Lucas Skruzdeliauskas, Marcos Degan e Thiago Nogueira, pelo apoio técnico ao meu projeto.

Às equipes da biblioteca do Goethe Institut São Paulo, e das bibliotecas das seguintes instituições: Escola de Comunicações e Artes, Instituto de Psicologia, as duas unidades da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, todas da Universidade de São Paulo.

Agradeço a Edilson Dias de Moura, pela revisão e preparação do texto.

Agradeço à CAPES pelo apoio, tão necessário e louvável, do governo brasileiro.

Agradeço a Antonio e Ana Carla Vilela dos Reis, minha família.

Não há palavras para descrever minha gratidão infinita ao Prof. Dr. Gilson Schwartz, que tão generosamente compartilhou comigo um universo de conhecimentos. Agradeço por ter transformado a feitura da Tese em um processo de cura.

Dedico a  
Antonio  
e  
Ana Carla

## SUMÁRIO

Introdução.....	10
Parte 1 .....	20
1.1 Mito .....	20
1.2 Número pitagórico e visão mágico-mítica dos números.....	25
1.3 O mito em Cassirer .....	23
1.4 Mimese e identificação .....	25
1.5 Ética: entre o mito e a lógica .....	27
1.6 As narrativas .....	29
1.6.1 Narciso .....	29
1.6.2 Metamorfose.....	30
1.7 Mito de Narciso na História da Arte .....	36
1.8 O Espelho .....	53
1.8.1 O Espelho Mágico.....	54
1.9 Édipo.....	55
Parte 2.....	59
2.1 Mito na Psicanálise .....	59
2.2 Narciso em Freud.....	60
2.2.1 Introdução ao narcisismo .....	65
Parte 3.....	69
3.1 Ernest Becker.....	69
3.2 Narcisismo em Ernest Becker .....	79
3.3 Mito em Ernest Becker .....	81
3.3.1 Narciso acha feio o que não é espelho .....	82
Parte 4 – São Paulo.....	83
4.1 Jogo da Cidade Nova .....	83
4.1.1 A Festa da Independência .....	94
4.2 Jogo da Cidade Moça.....	95
4.3 Jogo da Cidade Velha .....	99
Parte 5 – Personagens em Busca da Cidade Perdida .....	106
5.1 Os filodrammatici.....	106
5.2 Os Centros Eclesiais de Base .....	115
5.3 Operação Urbana CEUs: Centro Educacional Unificado .....	116
5.3.1 As Operações Urbanas Consorciadas .....	118
Parte 6 – Aloysio Becker.....	121
6.1 A Cidade onde me Espelho.....	121

6.2 Cidades Possíveis.....	121
Parte 7.....	185
7.1 Sujeito Narcísico X Subjetividade Projetista Alter Egoísta.....	185
7.1.1 Da questão do narcisismo à retomada da alteridade.....	185
7.2 Projeto causa sui X Projeto alter egoísta.....	186
7.2.1 Projeto Causa sui.....	186
7.3 Projeto Alter Egoísta.....	191
7.3.1 O que não é espelho: O Outro.....	192
7.4 Transcendência em Ernest Becker.....	196
Parte 8 – Conclusão.....	200
8.1 Arquitetos – Urbanistas – Utopistas.....	200
8.2 Transcendência em Aloysio Becker.....	200
Parte 9 - Anexo.....	203
Referências.....	204

## INTRODUÇÃO

A presente Tese descreve a trajetória que parte do medo e do terror e aponta para a esperança em uma comunidade cósmica. Neste sentido, ela é também um manifesto por um urbanismo que conceituamos alter egoísta.

O neologismo alter egoísmo foi criado para definir a “qualidade que coloca a si mesma a transcendência como um objetivo social total”. (BECKER, 1976, p. 294)

Trata de uma cartografia espiritual feita em quatro níveis.

Ao fazer uma reflexão sobre o sentido da vida, sobre o valor que um ser humano atribui ao seu objetivo de vida e sua relação com a morte, o trabalho toma como modelo teórico alguns fundamentos da principal obra de Ernest Becker, *A negação da morte*, que recebeu o prêmio Pulitzer em 1973, e defende a ideia de que o ser humano, consciente da inevitabilidade da morte, cria seu projeto de herói para dar sentido à própria vida.

Cartografia-manifesto é a proposta que se articula pela mobilização espiritual para ir além do espelho.

Na tradição da Cabala judaica, existem quatro níveis, ou dimensões, de interpretação da relação entre o divino e o material. Trata de uma estrutura conceitual que permite explorar as camadas da realidade espiritual e se aproximar da compreensão de Deus e do universo. Uma cartografia espiritual...

O primeiro nível é o mais próximo do corpo, da natureza, do primeiro. Este é o nível onde tudo é observação e estranhamento.

No primeiro nível, o corpo sensível informa. Texturas, cor, luz, calor, equilíbrio, perspectiva são informações que vêm mais que pelo olhar, também pela pele. Estímulos sonoros e musicais, vibrações. Aqui, busca-se a infância no sentido ontológico, não cronológico.

Na parte 1, o mito de Narciso é estudado a partir das narrativas, tanto no texto de Ovídio, como em imagens feitas a partir do século 16, observando a estrutura formal de forma liberta de símbolos e significados, buscando um olhar primeiro, inocente, infantil.

Mitologia, no mais elevado sentido da palavra, significa o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento, e isto em todas as esferas possíveis da atividade espiritual. (CASSIRER, 2013. p.19)



Ainda que para Cassirer espiritual não tenha o sentido metafísico ou transcendental, o trabalho inicia questionando qual a fronteira entre a vida e a morte.

Ernest Becker enfatiza que a ciência e a crença, a psiquiatria e a religião se reforçam mutuamente. Antropólogo social, Ernest Becker acredita que muito antes da lei do mais forte, das guerras, das tribos, a raça humana não teria sobrevivido se não fosse possível a compreensão e união entre os seres.

O acampamento do bando de caçadores tornou-se um lugar seguro para relaxar e brincar; não apenas para moldar ferramentas, mas para reencenar a caçada como ritual; não apenas para distribuir carne, mas para glorificar seu povo com histórias e mitos. Como agora estamos começando a entender, o homem tornou-se homem em uma celebração total de si mesmo, em impulsos de autoexpressão distintos. (BECKER, 1980, p. 25)

Becker reflete sobre a psicologia e a psiquiatria, morte, nascimento e renascimento terapêutico e delinea o escopo do que chama de revolução científica, apontando novas perspectivas para a criação de políticas públicas voltadas à saúde psicológica da população, com foco na questão das identidades e escolhas pessoais.

Não importa se o sistema de heroísmo de uma cultura é francamente mágico, religioso e primitivo ou secular, científico e civilizado. É de qualquer forma um sistema de heróis míticos no qual as pessoas se esforçam para adquirir um sentimento básico de valor para serem especiais no cosmo, úteis para a criação, inabaláveis quanto ao seu significado. (BECKER, 2021, p. 24)

Na Tese, a narrativa de Narciso por Ovídio recebe tradução minha na metade inicial, para depois fazer uso da tradução de Haroldo de Campos.

Minha tradução, como a de Haroldo, procurou buscar a sonoridade dos dodecassílabos, ou antes, a sonoridade mais adequada para que o texto seja falado de forma confortável para o narrador. Haroldo o fez brilhantemente!

Ovídio traz à cena diferentes personagens, cria a voz, e com ela todas as paletas possíveis de paixões e emoções. Narciso apaixona-se, primeiro, pela própria voz, repetida pela menina Eco, que havia se apaixonado pelo protagonista. Há o diálogo entre os dois, repletos de subtextos. Há a voz do garoto também repudiado, que lhe lança uma maldição. Depois de ter suas esperanças frustradas, Eco permanece em cena, ainda apaixonada, repetindo os “ais” do menino que, por sua vez apaixonado pelo

objeto que não pode ter, comete suicídio. A narrativa de Ovídio ressoa na história!

Faço um levantamento de imagens relativas aos mitos de Narciso feitas a partir do século 16, observando a estrutura formal de forma liberta de símbolos e significados, e buscando um olhar primeiro, inocente, infantil. Tinha certeza de encontrar um denominador comum. Mas, mesmo no pequeno recorte estudado, não é possível generalizar qualquer semelhança, sintética ou semântica, que perpassasse todas elas. Foram feitas inferências interessantes, mas importante pedir ao leitor que considere na análise feita na Tese, observar as imagens com a estranheza de um primeiro.

As partes 2 e 3 da tese fazem parte do segundo nível da Cabala. Esta é a dimensão do medo, do terror, da morte. Nível da emoção. Aqui estamos entre a teoria e a prática, entre tempo e espaço. Nível da negação da morte.

*A negação da morte* é o título da obra de Ernest Becker que recebeu, pouco depois de sua morte, o prêmio Pulitzer.

Este é o nível da consciência, da ansiedade e da respiração.

As partes 2 e 3 tratam do verbete *narcisismo* como termo médico. Na parte 2, analiso o mito na psicanálise em Freud para contemplar, na parte 3, a análise de Ernest Becker a respeito no mesmo *narcisismo*.

O narcisismo trata do sentimento de completude experimentado pelo ser humano nos primeiros anos de vida. Freud denomina autoerotismo a sensação prazerosa da libido voltado para o ser (Id), que por sua vez ainda não tem consciência de si. O narcisismo primário ocorre na fase oral, na relação entre o bebê e a mãe. Acontece o primeiro embate entre o amor de si e o amor ao outro.

Na fase oral, o ser humano aos poucos descobre-se um ser inteiro, desligado de sua mãe. Antes do nascimento, o ser e a mãe eram um único corpo. A intersubjetividade é mãe da subjetividade, dá ênfase na relação entre sujeito e objeto.

Freud nos leva a considerar o narcisismo que surge através da indução de catexias objetais como sendo secundário, superposto a um narcisismo primário.

O narcisismo se desenvolve simultaneamente ao ego, quando este se coloca diante de escolhas objetais. Enquanto o narcisismo do período autoerótico é autossuficiente, as descobertas e decisões de investimentos mentais são acompanhadas de uma constelação de afetos e autoestima.

Os conceitos “libido do ego” e “libido do objeto” denotam as características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos. A sexualidade, inseparável do paradoxo existencial, imprime o dualismo natural do homem. O eu interior, a mente, atinge a

esfera infinita do simbolismo humano, no embate entre corpo e símbolos.

A necessidade de amor-próprio gera incômodas aberrações. Na ânsia de heroísmo, absorto em si mesmo, narcisista sente que todos são sacrificáveis, exceto ele mesmo. O indivíduo se protege contra o estranho e o diverso.

Imerso na imagem de herói, o narcisista está certo de ser imortal.

Ao explicar o poder preciso que mantinha os grupos unidos, Freud também pôde mostrar por que os grupos não temiam o perigo. Os membros não sentem que estão sozinhos com sua própria insignificância e seu desamparo, já que têm os poderes do líder herói com quem estão identificados. O narcisismo natural – a sensação de que a pessoa que está ao seu lado vai morrer, mas você não – é reforçado pela dependência confiante do poder do líder. (...) Não admira que centenas de milhares de homens saíssem das trincheiras marchando, diante do intenso fogo de artilharia na Primeira Guerra Mundial. Eles estavam, por assim dizer, parcialmente auto-hipnotizados. Não admira também, que homens imaginem vitórias quando é impossível invólgerter as condições de inferioridade: não têm eles os poderes onipotentes no exemplo da figura dos pais? (BECKER, 2021)

Percebemos que as palavras de Ernest Becker apontam para as demandas do pensamento decolonial e a partir daí chegamos ao terceiro nível da Cabala, o nível da couraça do caráter, da criação, da somatória dos sistemas de heróis e sistemas religiosos. As personagens têm qualidades divinas. Nível dos processos.

O terceiro nível é o da dimensão dos projetos de imortalidade. Aqui, a mentira protege a consciência do desamparo. Nível da alienação.

As partes 4 e 5, contam a história da cidade de São Paulo como uma alegoria, com foco no caráter narcisista do poder que construiu a cidade.

As sandálias

Os muros da cidade de São Paulo são indícios da resistência dos povos originários à edificação da cidade.

Localizado, pelo excelente critério jesuítico, em magnífica posição no pequeno platô dominador da várzea e apenas acessível de um lado, não pode, contudo, o S. Paulo dos primeiros anos, prescindir dos anteparos que o pusessem a coberto das agressões inopinadas dos selvagens, seus vizinhos imediatos. Assim, desde os primeiros dias, cercou-se

de muros e estacas. (TAUNAY, 1921, p. 7)

O texto de 1921 documenta a forma de tratamento dispensada à população indígena ainda no século passado, quase contemporâneo à Semana de Arte Moderna.

Os primeiros invasores chegavam totalmente apoiados na ideia de uma presença. O nome mesmo aponta uma companhia, a Companhia de Jesus. Vieram armados em uma guerra cultural, submissos à hierarquia imposta pelo papa. Guerrearam e tiveram a participação dos indígenas, contra intervenções da França.

As botas

População de desamparados, submissos à coroa portuguesa, apoiados na lei que ao mesmo tempo os oprimia, criava uma hierarquia colonial. Covardes apoiados na tecnologia da pólvora, que vieram com o objetivo de explorar e escravizar. Verdadeiros heróis, que impunham seus poderes contra os indígenas, contra os jesuítas e a população da cidade. E guerreavam contra eles mesmos.

Em 1640, São Paulo passa a viver uma guerra civil entre duas famílias: os Pires e os Camargo. Os jesuítas são expulsos das cidades e vilas próximas e voltam anos depois para intermediar mesma guerra Pires e Camargos. José I expulsará posteriormente a Cia de Jesus do reino e de todas as colônias.

Os descalços

Populações com diferente estrutura simbólica e cultural. Não é possível inferir caráter narcisista nos nativos ou escravizados africanos.

Outras ordens religiosas chegaram à vila. São elas: a Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de 1594, e acontece, ainda no século 16, a chegada do beneditino frei Mauro Teixeira. Em 1606 já havia a Irmandade da Misericórdia e em 1608 seu hospital (TAUNAY, 1927b, p. 193).

Durante os Séculos 17 e 18, as ordens religiosas se impõem e agravam-se os tumultos, irregularidades e fraudes eleitorais, conflitos, crises, desordens.

Carta régia de 11 de julho de 1711 dá a São Paulo o título de cidade, porém o pedido de elevação à diocese é negado. Os homens do Conselho passam assim a ser Senadores.

Procissões tornam-se desfiles das hierarquias do poder. Crescem em número e estrutura de produção, que eram estendidas a todos os ofícios e de presença compulsória.

Em 1808 são registradas duas manifestações: a primeira festiva, a segunda,

após o encontro do governador, um sátrapa paulista, com o rei D. João VI, recém-chegado à terra brasileira, foi uma armadilha.

Ainda estremecem os paulistas com a recordação desta grande calamidade a que se deu o nome de recrutamento para o completo da legião, e do batalhão de caçadores de Santos, considerados em sua nova organização. E à vassalagem à família real, e, pois, que estava reconhecido em firme adesão aos interesses dos pretendentes, e viera assaz iniciado no formulário de proceder com vigor nesses interesses, a ele cometeu-se, exclusivamente, a execução desse recrutamento, que o praticou com inaudito rigorismo desenvolvido com clamorosas tropelias e crueldades. Começou o recrutamento em massa na capital em 1808, e no dia em que a igreja consagra festejos do Corpo de Deus, festividade essa que, como se sabe, há sempre grande concorrência de povo. Houve formatura de tropa na praça do palácio, para onde afluiu quase inteira a população da cidade, e ao terminar-se a solenidade do dia, correram subitamente de vários pontos do exterior da praça corpos de tropa armada tomando logo as bocas das ruas que vão ter à praça, e postas sentinelas nas entradas das casas do seu recinto para que nenhuma evasão houvesse, foi apreendido indistintamente o povo que era ali assistente, e levado tumultuosamente ao quartel dentro de um grande círculo de soldados; e ali passou o dia e pernoitou amontoado, sem abrigo e provimento. E o governador, que das janelas do palácio presenciava esse grave atentado com o desdém de superioridade brutal, regozijava-se dos bons efeitos daquela obra traçada pelas mãos da iniquidade. (TAUNAY. 1950, p. 26)

Os paulistas sofreriam imensamente nos quase vinte e cinco anos que se seguiram, até que a grande paixão de um personagem de histórias de ficção faz o gesto heroico: Independência ou Morte.

O curso jurídico muda o perfil da cidade. Em 1866 é inaugurada a linha férrea Santos-Jundiaí, passando por São Paulo, e em 1867 é criada a Companhia Paulista de Vias Férreas. Como consequência, acontece a transferência de grandes fazendeiros para a cidade, com o incentivo à construção civil, melhorias de produção de bens de consumo e serviços, bem como melhoramentos urbanísticos, de meios de transportes, iluminação pública a gás, entre outros. A Escola de Direito aglutina os poetas românticos que fazem saraus pelas ruas e cemitérios da

cidade em ativismo revolucionário e contra a escravidão. Abolição e abandono.

Imigração: as alpercatas de sola de corda e sapatos de pelica

O desenho feito após a Semana de Arte Moderna e no âmbito da separação espacial da aristocracia em cidades-jardim já antevia a estratégia de espraiamento, com grandes investimentos nas áreas nobres e expulsão das populações para as franjas em crescimento exponencial, em todas as direções.

Chinelos e automóvel particular

Conflito de pensamentos urbanísticos Anhaia Mello e Prestes Maia dominaram os segundo e terceiro quartos do século.

Na década de 1950, prevaleceu modelo americano. Contratada em 1949, a International Basic Economic Corporation (IBEC), dirigida por Nelson Rockefeller, enviou a São Paulo uma equipe de técnicos liderada por Robert Moses. O IBEC apresentou uma série de propostas evidentemente comprometidas com os interesses estrangeiros no país, entre elas:

Quinhentos grandes ônibus deveriam ser adquiridos imediatamente [...] os ônibus poderiam ser de fabricação estrangeira, mas a montagem seria feita no Brasil. À compra inicial, deve ser seguida da aquisição anual de 100 ônibus novos e grandes, durante dez anos. (MEYER, 1991, p. 76)

Com a o mercado de automóveis, vieram as implantações de vias expressas e a conurbação. O capitalismo impõe ao usuário uma expropriação da cidade e do corpo, toma-lhe o direito de fruição, de conhecimento e reconhecimento no parcelamento e edificação da terra urbana, na expulsão do campo, na grilagem e no mercado imobiliário.

Na contramão do pensamento aristocrático e narcisista, a força dos anarquistas e dos trabalhadores que chegaram para construir a cidade tal como a conhecemos. Os *filodrammatici* percorrem a história do teatro moderno e, propomos, floresce como urbanismo na Operação Urbana CEUs – Centro Educacional Unificado.

A Tese toma o crescimento da cidade de São Paulo como um jogo sem regras, ou em outras palavras, a falta de regras é a principal regra. O narcisismo das personagens é evidenciado pelos momentos de exposição pública, isto é, momentos de exibição dos símbolos do poder, o que em hipótese pode simbolizar a cidade de São Paulo como egóica e falocêntrica.

Na parte 6, começa o quarto e mais alto nível da Cabala na Tese.

O quarto nível é o do coletivo e espiritual. A dimensão da transcendência.

Aqui temos o paradoxo do herói: salvar o mundo destrói o mundo. Aqui, propomos ao leitor estar susceptível a se revelar como sacralidade cósmica.

Abordo uma proposta feita ao Poder Público pelo arquiteto Aloysio Becker, meu pai, no ano de 1967, com fotos aéreas das áreas da rua 25 de Março, região da Estação da Luz, do centro, do que é hoje chamado de Cracolândia, e parte do Bom Retiro.

#### Edifícios híbridos

Trata da concepção de uma nova tecnologia da construção, que parte do princípio de agregar, na mesma estrutura, as funções de moradia, trabalho e lazer somada à função de mobilidade urbana.

O fixo e o fluxo da cidade organizados e coordenados na mesma estrutura física e projetados conjuntamente seria capaz de conciliar espaços úteis e espaços de passagem, além de evitar desapropriações. Um sistema que mostra imensa viabilidade econômica. A proposta é combater o déficit habitacional e de serviços e efetivar o direito à moradia com melhoria na mobilidade urbana.

Pensado para ser um projeto coletivo, um desenho para políticas públicas com potencial para o desenvolvimento de tecnologia social contemplando as novas possibilidades de trocas e ações de caráter público-institucional ou da organização da sociedade civil.

Manter a ideia de uma tão forte quebra de paradigma se configura meu projeto pessoal de herói. Minha função espiritual de imortalidade, de propósito.

Mas segundo Ernest Becker, o projeto de imortalidade, de transcender a morte é conectado com a ideia do narcisismo e ao de complexo de Édipo.

As partes 7 e 8 continuam no quarto nível da Cabala.

Na parte 7, finalmente, retoma-se a questão do *narcisismo* em Becker para discutir os conceitos de *alteridade* e *transcendência*.

Freud preferiu executar o seu projeto *causa sui* utilizando-se de sua obra e de sua organização – o movimento psicanalítico – como um espelho que lhe devolvesse pelo reflexo o poder. [...] Quem transmite a ilusão senão os pais ao alimentarem a macromentira do *causa sui* cultural? [...] No grupo, cada homem parece um herói onipotente que pode

dar plena vazão aos seus apetites sob o olhar aprovador do pai. (BECKER, 2021, p. 149- 167)

Becker fala da importância da mãe de Freud para sua sustentação interna, maior que a da maioria dos homens e destaca que ela o chamava de “*meu Sig Dourado*”.

Eis a ambivalência do *causa sui* a um nível conceitual: como é que se pode confiar em qualquer significado que não seja os criados pelo homem? Estes são os únicos significados que conhecemos com segurança. (BECKER, 2021, p. 153)

Ernest Becker argumenta que a consciência da morte é uma força motriz por trás do comportamento humano na busca de significado e imortalidade simbólica.

A transcendência dos comandos inibidores dos pais está enraizada na transcendência ontológica do organismo concreto. Não há como a criança, mesmo se tornando o adulto mais maduro e reflexivo, superar a injustiça da decadência e morte do maravilhoso organismo parental – porque é ontologicamente injusto. Mesmo que a criança pudesse se inocentar totalmente de ser causa dessa decadência e morte, ainda assim a injustiça a humilha. (BECKER, 1969, p. 50)

A transcendência em Ernest Becker se constitui na superação do dualismo, para além da substância, além do ser.

Para Ernest Becker, a morte talvez seja esse grande e infinito “Outro”. O que nos faz humanos é a alteridade, não a finitude em si que a morte individual confirma

O autor concorda com Lévinas quando este afirma que a dimensão transcendental da realidade está presente no encontro com o outro.

A tensão, em outras palavras, é a qualidade-modelo para uma filosofia da democracia como tipo-ideal. É a qualidade que coloca a si mesma a transcendência como um objetivo social total, e o faz sem suplantando a liberdade individual. É a qualidade oposta ao ajustamento, à segurança egoísta, à vida individualista mesquinha. (...) A tensão, em outras palavras, é a qualidade da responsabilidade pessoal com a comunidade cósmica do ser humano e com a natureza. (BECKER, 1976, p. 294)



O trabalho volta à proposição de Aloysio Becker de edifícios híbridos e projeta uma imersão no Metaverso com foco no alter egoísmo, na transcendência como um objetivo social, que se constitui na estrutura do Projeto Transcendência, na busca do infinito e uno, trajeto baseado no amor e na intuição, no trabalho coletivo, voltado para o coletivo.

## PARTE 1

### 1.1 Mito

Há uma fronteira da morte, para além da morte cerebral, como parâmetro médico? Qual seria a fronteira da vida? Como surgiu a humanidade? Cada cultura tem seu mito da criação e é bastante frequente a presença de binômios, como os dos elementos barro ou pedra e de sopro ou ânima. Todo ser humano tem um pai e uma mãe biológicos. Todo ser humano precisa de cuidados de outro ser humano, não apenas no nascimento, mas por longos períodos de sua vida.

Em uma última entrevista concedida para Sam Keen, Ernest Becker define a questão fundamental de sua obra:

No que diz respeito ao meu trabalho, acho que seu maior impulso é criar uma fusão entre a ciência e a perspectiva religiosa. Quero mostrar que, se você obtiver uma imagem científica precisa da condição humana, ela coincidirá exatamente com a compreensão religiosa da natureza humana. (BECKER *Apud* KEEN, 1974, p. 180).

O ser humano é um animal consciente do próprio inexorável e misterioso desaparecimento, da volta ao barro e voo da essência em liberdade. Fala-se em “expirar”, outro parâmetro lógico da passagem pela fronteira. Mas qual é, exatamente, essa fronteira? O que há para além do desaparecimento do corpo? Isto é, de corpos vivos, *contradictio in adjectu*, segundo Flusser (1998, p. 89-91.), encarnações e crendices, ideias confusas de espírito.

Sonhos de cura e sonhos de morte, premonitórios. Hipócrates, Galeno. As imagens mágicas da mente são capazes de superar tempo/espaço da vida e conseguir um novo sensorial? Qual é a fronteira da fé? E a da ciência?

Não importa se o sistema de heroísmo de uma cultura é francamente mágico religioso e primitivo ou secular científico e civilizado. É de qualquer forma um sistema de heróis míticos no qual as pessoas se esforçam para adquirir um sentimento básico de valor para serem especiais no cosmo, úteis para a criação, inabaláveis quanto ao seu significado. Elas adquirem esse sentimento escavando um lugar na natureza, construindo uma edificação que reflita o valor do homem como um templo, uma catedral, um totem, um arranha-céu ou uma família que se estenda por três gerações. A esperança e a fé estão em que as coisas que o homem cria em sociedade tenham um valor e um significado duradouros, que sobrevivam ou se sobreponham à morte e à decadência, enfim, que o homem e seus produtos tenham importância. (BECKER, 2021, p. 24)

A fronteira entre vida e morte é uma das mais profundas incógnitas, e as respostas recorrentemente fazem referência à hipótese de Deus. A fronteira entre fé e ciência repousa no embate entre a verdade e a vida.

Ideias auto germinam na invisível e sólida dúvida, materializadas, até onde se

pode usar o termo, por ambas: a fé e a ciência.

O ser humano busca respostas como animais recorrentemente surpreendidos por novas questões, como presas em fuga, que buscam abrigo ou, a contrapelo, aquele ser que provoca e sublimemente observa para inferir respostas, que imediatamente se transformam em novas dúvidas. Vivemos estratégias sigilosas que trabalham resultados dos eventos observados e continuamente criamos experimentos cujos resultados nomeamos como verdades.

Os caminhos que levam a conclusões, que por sua vez dão suporte a novas conclusões, em uma construção tal que edifica a história, podem ser (e muitas vezes são) falsos, vazios. Assim construímos uma pós-história, que está a conduzir o planeta a uma nova explosão. Que afinal foi como tudo começou.

Fronteiras não existem. Nunca existiram. A propriedade privada não existe. Nunca existiu. Assim como a linguagem, fronteiras, cidades e dinheiro são invenções que se desenvolvem continuamente desde os primórdios da humanidade e são mantidas pela força e pela autoridade.

Hoje, a única hipótese de sobrevivência da espécie humana, e até mesmo do planeta, repousa nos costumes, em constante mudança, que urge envolver efetivamente na discussão a sociedade, na construção da sociedade. A cultura ou a barbárie.

O mito, como o sonho, apresenta uma história que se desenrola no tempo e no espaço, narrativa essa que exprime em linguagem simbólica, ideias religiosas e filosóficas. O lugar em que reside o verdadeiro significado do mito é o das experiências da alma.

O primata não conseguia distinguir realidade de sonho. Os sonhos são usados como cura desde as civilizações mais antigas. Ainda hoje é um mistério para o qual diversas escolas das diferentes áreas se debruçam. Sonhos são transversais da vida, são momentos que um outro “eu” vivencia cenários e situações surpreendentes.

Os cemitérios são anteriores às cidades. Datam das primeiras inferências relativas ao referenciamento geográfico territorial do primata, numa natureza em constante modificação – não apenas as árvores crescem, rochas rolam e a geografia muda, mas o ambiente também, com os ciclos de vazões e cheias. No período, observações referentes à localização espacial têm uma surpreendente relação com a morte. Concomitante ao mito, foi criada a agricultura, mas houve um período intermediário entre o assentamento e o nomadismo. É possível afirmar que o nomadismo existe e existiu em todos os momentos históricos. As vilas, cidades,

impérios, pátrias, por sua vez, sempre enfrentaram desafios sanitários, sociais e, particularmente, as intolerâncias ao estranho e às pequenas diferenças.

Impossível compreender o verdadeiro significado da palavra mito. Confrontam-se duas alternativas: a que trata o mito como uma imagem ingênua, pré-científica, produto de uma bela imaginação poética; ou trata de atitudes autoritárias de crentes e idólatras, indiferentemente de religião. Ernest Becker aponta para os perigos do uso político da teoria do mito.

O mito cria o dogma, a ética e a estética, porém a questão anterior aponta para outro caminho: a crítica e a ética se materializam no embate entre o mito e a lógica. No *Mythos*, como folclore ou narrativa, a fé, ou a crença, cristaliza a verdade, seja científica ou religiosa. O verbete grego para razão, a saber, o *Logos*, carrega o sentido de fundo, de onde também de profundidade, ou proporção, portanto, sob certos aspectos e em certas medidas sugere perspectiva e ponto de vista, que, por sua vez, coloca o sujeito observador assumindo um importante papel na informação.

A passagem do *Mythos* ao *Logos* envolve Platão e Aristóteles e tem como foco o questionamento da verdade. No embate entre o mito e a razão, a ética assume uma consciência sincrônica, a mediação entre opostos. Seriam as competências cognitivas humanas capazes de superar o dualismo? E as artificiais?

O mito percorre a profundidade analógica da mente, onde estão o infinitamente pequeno e o infinitamente grande. A superficialidade da mentira e do discurso vazio não substitui a primitiva necessidade da imagem. No redemoinho do *aqui e agora*, determinadas estruturas colaboram para o terror provocado pela morte, como aquele que é surpreendido por um raio caindo perto de si, ou pela felicidade reificada, tornada concreta, da inferência de cheias e vazões, certezas que traziam consigo o segredo da reprodução e da fecundidade da terra, do animal, das tribos, com a divisão de trabalho e as leis, éticas e estéticas, como também as primeiras leis matemáticas.

Para os primitivos, a vida era maravilhosa porque era misteriosa e assim acontecia o diálogo com a deidade. A fé era a ciência. A observação, a comparação e a organização, os esforços nos primórdios da humanidade, nas formas orgânicas e o trabalho de feitura de ferramentas afiadas. Além das representações de cabeça, tronco e membros, os seres descobriram, em tempos remotos, a ortogonalidade, o círculo e o triângulo e, com eles, a concepção de infinito.

As formas tornaram-se símbolos.

Também o pensamento teórico trata de etéreas tessituras do espírito em que

se expressa não tanto a natureza das coisas como a do próprio espírito. [...] Assim tanto saber como o mito, a linguagem e a arte, foram reduzidos a uma espécie de ficção que se recomenda por sua utilidade prática, mas a qual não podemos aplicar a rigorosa medida da verdade se quisermos evitar que se dilua no nada. (CASSIRER, 2013, p. 21)

### 1.3 O mito em Cassirer

Anatol Rosenfeld localiza o movimento neokantiano da *belle époque*, na Alemanha, em duas cidades: Baden Baden e Marberg. Ambas as escolas têm em comum o método transcendental e consideram criativo o modo de produção da ciência, o que as torna, segundo Rosenfeld, idealistas radicais. Porém, ele destaca que a diferença entre as escolas se dá especialmente pelo interesse da segunda, a qual pertence o autor de *Linguagem e Mito*, nas ciências exatas e da natureza e na ciência matemática.

*Linguagem e mito*, de Cassirer, foi publicada em sua língua original em 1925, ano do nascimento de Ernest Becker. Sua publicação brasileira realizou-se com tradução de Jacó Guinsburg e de Miriam Schneiderman. Importante nota de rodapé diz que o verbete *Anschauung* recebe diferentes tratamentos no texto em português, sendo traduzido como *percepção*, *intuição*, *concepção* ou *visão*, conforme o contexto e caráter espiritual. Becker, como Freud, Cassirer, Rosenfeld, Guinsburg e Schneiderman são intelectuais que se alinham a uma longa tradição judaica e mesmo talmúdica cuja herança foi ameaçada pelo nazifascismo. Autores que lidaram diretamente e de modo muito próximo com a questão da morte.

Anatol Rosenfeld estudou, na Universidade Humboldt de Berlim (1930-1934), Filosofia, Teoria Literária e História (com especialização em Letras Alemãs), tendo sido aluno de Max Dessoir. Interrompeu o preparo da tese de doutorado em 1935 pela perseguição nazista, migrou para o Brasil tornando-se importante crítico na cidade de São Paulo.

Na atualidade, o termo *mito* tem um forte teor pejorativo, o que nos leva a tentar uma compreensão ampla do verbete, especificar, ou recortar, e priorizar muito claramente o valor e a mágica que há no conteúdo mítico.

Nicolas Abbagnano reafirma a acepção de narrativa e ressalta que há, historicamente, três significados para o termo *mito*: primeiro, forma atenuada de intelectualidade; segundo, como forma autônoma de pensamento ou de vida; e terceiro, como instrumento de estudo social.

A primeira concepção vem da antiguidade clássica. Aristóteles e Platão atribuem valor no máximo em termos de verossimilhança ou de verdade. Segundo Abbagnano,

“O mito é considerado um produto inferior ou deformado da atividade intelectual”, por isso:

Platão contrapõe o mito à verdade ou à narrativa verdadeira, mas ao mesmo tempo atribui verossimilhança, o que em certos campos é a única validade a que o discurso humano pode aspirar, e em outros expressa o que de melhor e mais verdadeiro se pode encontrar. (ABBAGNANO, 2000, p. 673)

A segunda concepção de mito apontada por Abbagnano é de ser ele:

uma forma autônoma de pensamento e de vida. Neste sentido a validade e a função do mito não são secundárias e subordinadas em relação ao conhecimento racional, mas originárias e primárias, situando-se num plano diferente do plano do intelecto, mas dotado de uma igual dignidade. (ABBAGNANO, 2000, p. 673)

A terceira concepção, segundo Abbagnano, concebe o mito como elemento fundamental da cultura de um grupo. Destaca a função do mito como amálgama para noções abstratas como *nação* e instituições coletivas.

Cassirer apresenta a questão na Antiguidade Clássica ao citar Fedro e discute a veracidade do mito sob a perspectiva daquele tempo. Boreas, o vento norte na mitologia grega, é personificação deificada de eventos da natureza, uma das formas primitivas de reverenciar fenómenos atmosféricos e celestes das quais a humanidade se distanciou: a aurora e o cosmo, o que une.

Cassirer considera a etimologia um veículo de interpretação, havendo nela também a semelhança. Aristóteles lança sobre a construção da personagem o conceito de *ethos* (costume, hábito, de onde deriva a palavra ética, moral).

Em *Arte Poética*, porém, tradicionalmente o termo *ethos* é traduzido por *caráter*, e não hábito, tanto nas interpretações portuguesas e brasileiras como também nas italianas.

Podemos verificar também, que a ideia de *ethos* está intimamente ligada à estrutura do personagem.

Como a tragédia é a imitação de uma ação e se executa mediante personagens que agem e que diversamente se apresentam, conforme o próprio caráter e pensamento (porque é segundo estas diferenças de caráter e pensamento que nós qualificamos as ações), daí vem por consequência o serem duas as causas naturais que determinam as ações: o pensamento e o caráter. (ARISTÓTELES, 1993, 1450a)

O próprio Aristóteles destaca o duplo sentido da palavra *ethos*. Em *Ética Eudemo*:

É evidente, pois, que a virtude ética está em relação com o agradável e o penoso. E, posto que o caráter, como o indica seu nome, recebe seu crescimento do hábito, graças a numerosos movimentos de um certo tipo, um hábito não inato em nós resulta, finalmente, educado para trabalhar em um sentido. (ARISTÓTELES, 2019, 1220a)

Temos aqui o princípio de educação agindo e determinando o caráter de um povo. O autor volta a destacar a importância em *Ética a Nicômaco*:

Quanto à excelência moral, ela é produto do hábito, razão pela qual seu nome é derivado, com uma ligeira variação, da palavra hábito [...] adquirimo-la por havê-la efetivamente praticado, tal como fazemos com as artes. (ARISTÓTELES, 1994,1103a)

Na continuação do mesmo texto, Aristóteles completa a sua ideia, na formação do caráter, não de personagens, mas da própria cidade:

Esta asserção é confirmada pelo que acontece nas cidades, pois os legisladores formam os cidadãos habituando-os a fazerem o bem; daí a importância, assinalada por Platão, de termos sido habituados adequadamente, desde a infância, a gostar e desgostar das coisas certas, e esta é a verdadeira educação. (ARISTÓTELES, 1994, 1103b-1104b).

Assim o autor enfatiza que a questão do *ethos* está intimamente ligada à educação. A vontade, por sua vez, está relacionada à questão do prazer, do agradável perseguido pelo ser humano. Os trechos acima indicam também semelhanças e “sotaques”, ou em outras palavras, músicas, entonações, de homônimos, homógrafos ou não. Certamente a linguagem surgiu da dança, de rituais e da imitação.

## **1.2 Número pitagórico e visão mágico-mítica dos números**

A forma pitagórica de pensamento, que busca relacionamentos de igualdade, simetria e correspondência é estudada por Cassirer em *A filosofia das formas simbólicas III: fenomenologia do conhecimento*, quando este discute a construção do conhecimento científico.

A geometria, de especulação sensível, tratava de uma ciência de observação e oferecia a possibilidade de geração de provas ou demonstrações irrefutáveis. A observação dos astros, ciência e fé unificadas chegaram como cosmologia para Platão, Aristóteles, Pitágoras e Euclides. Assim como o alfabeto, os numerais têm histórias diversas nos diversos períodos e culturas. A linguagem digital, baseada no binômio 0-1 ou Luz/ não Luz formou-se pelas variáveis mais irredutíveis. O 0 e o 1 apresentam comportamentos diversos nas operações simples de adição, subtração, divisão e multiplicação. Enquanto o zero não modifica o resultado de qualquer adição ou subtração, são inconcebíveis na matemática os números multiplicados ou divididos por zero. O 1, por sua vez, modifica o resultado na adição e na subtração, mas não nas divisões e nas multiplicações, sendo ambos os únicos numerais com estas características. Vivemos no *aqui e agora* das formalizações e formulação de leis e

algoritmos. Axiomas. Há sempre, em última instância, uma escolha sim-não. O “ser” ou “não ser”, que dão a base temporal e ontológica para a linguagem.

Muito se discute se a história manifesta do mito é verdadeira, se eventos realmente aconteceram ou mesmo em qual relato devemos acreditar, como a tradição oral manteve e se ajustou, ou mesmo como serviu de instrumento, nas diferentes épocas e culturas da humanidade.

O folclore se adapta às intervenções do tempo. O espaço se adapta ao tempo e o que rege este movimento é exatamente a ética, no sentido de hábito ou costume.

Redundâncias evoluem para as certezas. Tornam-se instrumentos. Contiguidades, causalidade, lógica. Mas será que devemos declarar, nas redundâncias das auroras, quando formos levados à morte, a matéria-prima da vida, um balé infinito nas sequências dos séculos, que não existe também fronteira espiritual entre a vida e a morte?

Não existindo tempo, também não existe o espaço. Apenas o efêmero, o passageiro eterno, no infinitamente infinito.

#### **1.4 Mimese e identificação**

Em *Birth and death of meaning*, Ernest Becker fala, citando Charles Hockett, sobre o período primitivo da humanidade, em que a caça era uma atividade a partir de que a linguagem, as ferramentas e os planejamentos eram criados coletivamente para o bem comum e explica que, então, a vida era celebração e divisão.

A singularidade do homem não se deve a uma única atividade, muito menos a um truque ou invenção mecânica. O acampamento do bando de caçadores tornou-se um lugar seguro para relaxar e brincar; não apenas para moldar ferramentas, mas para reencenar a caçada com ritual; não apenas para distribuir carne, mas para glorificar seu povo com histórias e mitos. Como agora estamos começando a entender, o homem tornou-se homem em uma celebração total de si mesmo, em impulsos de autoexpressão distintos. (BECKER, 1980, p. 25)

As encenações a que Becker faz referência têm como procedimento a imitação. A mesma imitação que gera prazer é feita pelos primitivos ao lado da fogueira, chegou à atualidade passando pela forma do teatro, cinema, tv e hoje a grande área das redes sociais, games e demais ferramentas. Becker discute o papel da linguagem em tornar o ser essencialmente humano.

A psicanálise aponta que o ego cria o tempo ao vinculá-lo, isto é, o indivíduo dá ao mundo dos eventos um ponto fixo de autorreferência. É isso que permite ao homem viver em um mundo simbólico de sua própria criação: ele é o único animal vinculado ao tempo, o único que tem uma noção de passado,



presente e futuro, uma corrente temporal na qual ele se coloca e que verifica e avalia continuamente. Os animais inferiores vivem em um agora contínuo, perturbados talvez por memórias sensoriais sobre as quais têm pouco ou nenhum controle. Mas o homem controla suas memórias com a ajuda de seu maciço sistema nervoso central. Quando o córtex cerebral se tornou uma central de troca para a regulação e retardo do comportamento, o palco para uma consciência de tempo preciso foi montado e um fluxo de tempo controlado pôde surgir. (BECKER, 1980, p. 28)

Aristóteles verifica ser a imitação instintiva no homem desde a infância e a reconhece como geradora de prazer.

Falemos da tragédia e formulemos a definição de sua essência própria. A tragédia é a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; num estilo tornado agradável pelo emprego separado de cada uma de suas formas, segundo as partes; ação apresentada por atores e que, suscitando a compaixão e o terror, tem por efeito obter a purgação dessas emoções". (ARISTÓTELES, 1993, 1449b)

A concepção aristotélica considera aspectos sensíveis e perceptivos. Esta é a linha de pensamento que reconhece na arte o universo da possibilidade.

Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles se refere à metáfora para aludir ao conhecimento, bem como ao prazer advindo da experiência. Essa tendência natural do homem em imitar é ligada, sem dúvida, à raiz da linguagem, das leis, além da criação teatral. É importante destacar que o autor não se restringe a reconhecer a imitação na arte dramática. Propõe estar também presente nas artes da pintura e da dança.

Essência. A imitação, a contemplação e a vertigem fazem parte da forma de relacionamento com a natureza e com as divindades. Importante trazer à luz o prazer que havia na redundância e o prazer que havia em induzir conclusões.

A imitação, a analogia e a metáfora são processos primeiros, e as inferências construídas pela experiência e convenções. As cidades do século XX apagaram o céu para seus moradores, que precisam enfrentar uma considerável barreira de suspensões advindas da poluição, além de competir com a luz elétrica. No século XXI, os satélites se tornam visíveis entre o céu e a terra. Mesmo o sol não é visto por quantidades significativas da população dos grandes centros urbanos.

### **1.5 Ética: entre o mito e a lógica**

O melhor elemento de nós mesmos quer seguir a razão. Desde muito antes das análises críticas de Platão e Aristóteles, Ésquilo descreve lindamente o ser humano da era do bronze como um animal frágil, solto na natureza que ele não compreende, na dramaturgia de *Prometeu acorrentado*, tragédia escrita nos primórdios da formalização

teatral e em meio aos cultos mágicos em Elêusis. Os cultos daquele período são festividades ligadas aos ciclos da natureza.

É possível afirmar que a cidade é a materialização da ciência e, por sua vez, afirmar ser a ciência quiddidade divina? E a fé ou a crença?

Contrapor *Mythos*, como folclore, narrativa, ao verbete *Logos*, como fundo, súplica, opinião, expectativa, palavra, discurso, conta, razão, proporção, discurso, leva de volta ao embate religioso no que concerne à verdade.

Teofania. Manifestação divina, aparição. Cassirer faz referência a Hermann Usener e a Max Müller. Usener traduz Dionysio Alicarnasso, (do séc. I aC.) em 1887 e escreve *Götternamen: versuch einer Lehre von der Religiösen begriffsbildung (Nomes de deuses: uma tentativa de uma doutrina de formação de conceitos religiosos)*. Importante destacar que o título original de *Linguagem e Mito*, de Cassirer, é *Sprache und Mythos: ein Beitrag zum Problem der Götternamen (Uma contribuição para o problema dos nomes de deuses)*.

Usener é especialista em religião greco-romana desde os períodos arcaicos, mas em *Religionsgeschichtliche Untersuchungen (Estudos em História da Religião)* o objeto de Usener é exatamente o conjunto das teofanias desde o nascimento de Cristo, em diversas culturas, onde discute os calendários de festas religiosas até Teodosius. Os Jogos Olímpicos, que existiam desde 778 aC., foram proibidos pelo mesmo Teodosius I em 383 da era comum, por serem festividades de caráter religioso e politeísta.

Max Müller, que aponta coerências ou correspondência de narrativas em diferentes culturas, foi estudioso da cultura védica que, trabalhando para o império inglês na Companhia das Índias Orientais, traduziu do sânscrito os mitos de Deucalião e Pirra, em que, após um dilúvio, o sobrevivente repovoava o mundo usando pedra como matéria-prima.

A mitologia é obscura sombra que a linguagem projeta sobre o pensamento e que não desaparecerá enquanto a linguagem e o pensamento não se superpuserem completamente [...] nunca desaparece por inteiro. (CASSIRER, 2013, p. 19)

Luz incidindo sobre um objeto projeta, a partir desse objeto, uma sombra que é definida por diversos fatores, como a luz a pino reflete uma sombra pequena e pontual num determinado momento do dia. O teatro de sombras, em culturas como as da Ilha de Java, mantém caráter religioso. A sombra é índice e qualquer partícula entre objeto e fonte luminosa absorve ou reflete e opõe-se à sua formação. Intensidade, altura da fonte de luz, diversas são as variáveis.

[...] Mitologia, no mais elevado sentido da palavra, significa o poder que a linguagem exerce sobre o pensamento, e isto em todas as esferas possíveis da atividade espiritual. (CASSIRER, 2013, p.19)

Para Müller,

O mundo mítico é essencialmente um mundo de ilusão e de uma ilusão que só é explicável se se descobre o original e necessário autoengano do espírito, do qual decorre o erro [...]. Influência patológica da linguagem. (CASSIRER, 2013, p. 20)

A própria idealização medida pela simples “verdade” daquilo que se quer representar não passa de distorção subjetiva e desfiguração. A metáfora da sombra em Platão comparece no mesmo contexto.

Segundo Cassirer, “todo signo esconde em si o estigma da mediação, o que o obriga a encobrir aquilo que pretende manifestar”. (CASSIRER, 2013, p. 21)

Daqui é só um passo até as conclusões da moderna crítica cética da linguagem, ou seja, até a completa dissolução do presumido verdadeiro conteúdo da linguagem e o reconhecimento de que este conteúdo linguístico não é senão uma espécie de fantasmagoria do espírito. [...] ainda mais por esse critério não só o mito, a arte e a linguagem, mas até o próprio conhecimento teórico, chegam a ser mera fantasmagoria, pois nem esse pode refletir a autêntica natureza das coisas tais como são, devendo delimitar sua essência em conceitos. Mas o que são os conceitos, senão informações e criações do pensar que, em vez da verdadeira forma do objeto, encerra antes a própria forma do pensamento? (CASSIRER, 2013, p.21)

Abbagnano explica que:

Mais tarde, em ensaio sobre o homem, Cassirer viu o caráter distintivo do mito em seu fundamento emotivo. O substrato real do mito não é de pensamento, mas de sentimento. O mito e a religião primitiva não são por certo de todo incoerentes, não são totalmente desprovidos de senso ou razão. Mas a coerência provém muito mais da unidade sentimental do que de regras lógicas. Essa unidade é um dos impulsos mais fortes e mais profundos do pensamento primitivo. Contudo, essa concepção também pertence ao tipo de interpretação para o qual o mito é uma forma espiritual autônoma em relação ao intelecto. (ABBAGNANO, 2000, p. 674)

## 1.6 As narrativas

### 1.6.1 Narciso

Narciso ou *O autoadmirador* (em grego clássico: Νάρκισσος), na mitologia grega, era um herói do território de Téspias, Beócia, cidade em constante conflito com Tebas.

Raiz da palavra narcótico, a etimologia do nome é sono.

Narciso é um mito que nos chega pelo romano Ovídio. Não se tem documentos sobre ele no período primeiro dos cultos a Dionísio, mas os santuários amplamente multiplicados nesse novo período são edificadas em honra a Esculápio, ou Asclépio. É

significativo que contíguo a cada um desses templos-hospitais sejam encontrados teatros e que sejam mantidos nos ritos de cura envolvendo drogas, êxtase e interpretação dos sonhos.

As versões sobre o mito de Narciso do período romano são de Ovídio, nas *Metamorfoses*. Encontram-se também em Pausânias (II d.C) na *Descrição da Grécia*.

No período romano, a literatura e a dramaturgia gregas, bem como deuses, *daemons*, divindades, são reinterpretadas.

Conhecemos ter sido Narciso castigado por Nêmesis (ou Ramnúsia), deidade que ocupa o lugar de filha de um dos chamados deuses primordiais, Nyx, que ocupa a seguinte hierarquia: primeiro era o Caos. Nyx, Érebo, Gaia, Tártaro e Eros seus filhos. Tártaro, personificação do abismo, era moradia de Nyx e guardava os titãs. Com Ébero, personificação da escuridão, Nyx gerou Aether (o brilho, o éter) e Hemera (a luz). Por autofecundação Nyx gerou, além de Nêmesis (ou Ramnúsia), uma enorme lista de outros *daimons*, deidades que são seres sobrenaturais hipotéticos, considerados divinos ou sagrados, cuja genealogia consta da *Teogonia*. Dentre eles, Oniros (sonho), Tânatos (morte), Geras (velhice), Eris (discórdia), Hypnos (sono) e Oizys (deidade da dor, da ansiedade, do luto, da depressão, da falta de sorte, da miséria).

Nêmesis (ou Ramnúsia) personifica a indignação contra quem sucumbe à *hubris* ou à arrogância.

### 1.6.2 Metamorfose

*si se non noverit*

(Ovídio)

As famosas *Metamorfoses* estão escritas em hexâmetro dactílico, conhecido como “métrica épica”. (Wikipedia)

Narciso é filho do deus Céfiso, protetor do rio do mesmo nome, e da ninfa Liríope, que, após o parto, buscou de forma desafiadora Tirésias, o adivinho, indagando sobre a vida da criança. A narrativa anterior trata de Tirésias, conhecido no teatro de Sófocles e em passagem da *Odisseia*, de Homero, que na versão de Ovídio era um mortal que interrompeu o coito de duas serpentes e foi condenado, por isso, a metamorfosear-se em mulher. Sete anos depois, Tirésias é absolvido pelos deuses, eles devolvem sua masculinidade, mas lhe tiram a visão, oferecendo o dom da adivinhação.

Liríope havia indagado a Tirésias se o filho teria vida longa e recebeu como

resposta que, para isso, Narciso não poderia nunca conhecer a si mesmo. O avesso de “conhece-te a ti mesmo” haveria de ser um imperativo para o protagonista.

Atingindo Narciso quinze anos, era de uma beleza ímpar. Atraiu o desejo de mais de uma ninfa, dentre elas Eco, a quem repeliu. Desesperada, esta adoeceu. Outro jovem, apaixonado, implorou à deusa Nêmesis (Ramnúsia) que lhe vingasse a arrogância. Também filha de Nyx, Nêmesis, a deusa que personifica o destino, equilíbrio e vingança divina, comparece no mito de Narciso. Variações de mitos no tempo e no espaço aproximam Narciso da lenda do Guaraná, como também a de Naiá apaixonada por Jaci, a lua. Ela o encontra refletido nas águas no mito amazonense da vitória régia.

As narrativas são mágicas desde a origem da palavra e do pensamento.

No texto de Ovídio, Juno já havia tirado a voz de Eco, por ser a ninfa muito tagarela. Eco podia apenas repetir os sons que lhe chegassem ao ouvido. Deslocado de seus companheiros, Narciso surge na narrativa ao chamar na mata, durante a caçada, por alguém. A voz é repetida por Eco, apaixonada. O protagonista se apaixona pela própria voz antes de arder pela própria imagem.

O rapaz faz uma pausa junto a uma fonte de águas claras. Fascinado por seu reflexo, supõe estar vendo um outro ser e, paralisado, não mais consegue desviar os olhos daquele rosto que era o seu. Apaixonado por si mesmo, Narciso mergulhou os braços na água para abraçar aquela imagem que não parava de se esquivar. Torturado por esse desejo impossível, chorou e acabou por perceber que ele mesmo era o objeto de seu amor. Ele tenta, então, separar-se de sua própria pessoa, se fere e sangra antes de se despedir do espelho fatal e morrer.

O suplício é testemunhado por Eco, que sofre ao ver seu amado sofrer. Em sinal de luto, suas irmãs, as Náiades, cortam os cabelos. Quando quiseram instalar o corpo de Narciso numa pira, para as honras fúnebres, constataram que Narciso havia se transformado numa flor.

### **Narciso**

Tirésias era muito famoso  
nas cidades da Aonia, dava  
respostas irrepreensíveis a todos aqueles que  
as inquiriam; A primeira a verificar  
a credibilidade e colocar o oráculo  
à prova foi a azulada Liríope  
que em outrora Cephisus  
abraçou com sua corrente sinuosa  
e a estuprou; trancada em suas águas.  
A mais bela ninfa deu à luz,  
de seu ventre cheio um filho, lindo,  
que em tenra idade era amado

e lhe deu o nome de Narciso.  
Questionado se o menino veria a idade  
longínqua de uma senescência madura,  
o poeta profético respondeu:  
“Se ele não conhecer a si mesmo”.  
Durante anos, pareceu infundada  
a previsão do augúrio; o resultado,  
a realidade, o tipo de morte e  
a loucura insólita provam. De fato,  
o filho de Céfiso havia aumentado  
um ano, para quinze e podia  
parecer uma criança e um moço:  
muitos jovens, muitas donzelas desejam;  
mas (tão cruel orgulho havia em tão  
terna beleza) nenhum jovem, nenhuma  
donzela o impressionou.  
Eis que atira nas redes o cervo arisco,  
E a ninfa tagarela, que não aprendeu  
a calar-se diante do orador nem a  
falar baixo, o eco retumbante.  
Até agora, Eco era um corpo, não só uma voz;  
mas, falante, ela não tinha outro uso  
para sua boca além da que tem agora,  
o poder de repetir as últimas  
palavras entre muitas.  
Isso Juno já tinha feito,  
porque quando ela teve a chance de surpreender  
as ninfas, que muitas vezes se deitavam  
no monte sob seu Júpiter, ela, astuta,  
manteve a deusa com sua longa conversa  
até que as ninfas pudessem escapar.  
Quando a filha de Saturno se deu conta  
disso, disse: “Dessa linguagem, com a qual  
fui zombada, lhe será concedida uma  
faculdade mínima e um uso parvo da voz”  
Eco passou tão só a duplicar  
as palavras do fim das frases e  
a devolver os termos que ouve.  
E com realidade confirma as ameaças;  
que, porém, duplica as vozes no final da fala  
e devolve as palavras que havia ouvido.  
Ora bem, quando Eco viu Narciso, que vagava  
pelos campos remotos, ardeu-se de amor,  
ela seguiu secreta e sorrateiramente  
seus passos, e quanto mais ela o segue,  
mais a aquece com a chama próxima,  
não de outra forma a não ser quando o enxofre  
vivificante inflamável, é espalhado  
embebe as pontas das tochas, arrebatada as chamas  
que se chega ao peito.  
Oh! quantas vezes ela quis se aproximar  
com palavras brandas e lançar-lhe  
súplicas suaves!  
Sua natureza o impede e não  
permite que ela o faça, mas, o que lhe  
é permitido, é estar pronta para escutar  
sons aos quais ela pode retornar como fossem  
suas próprias palavras.  
Ao acaso o jovem, separado do grupo  
leal a seus companheiros, gritou:

“Tem alguém aqui?”, “alguém aqui...”,  
respondeu Eco. Queda-se atônito e,  
quando lança os olhos para todos os lados,  
grita em altos brados: “Vem”:  
Ela chama quem a chama.  
Ele olha em volta, ninguém vem, ele diz:  
“Por que foges de mim?”,  
e todas as vezes ele que disse palavras, ele  
as recebia de volta, ela nunca responderia.  
Ele insiste, enganado  
pela ilusão da voz que responde e diz:  
“Anda venha aqui, vamos!”, e Eco,  
Que jamais haveria de ecoar som  
com mais prazer, repetia: “Vamos!...”  
ela mesma favorece suas palavras e,  
saindo da floresta, ia lançar  
os braços em volta do pescoço insolente.  
Ele, porém, foge e, fugindo,  
afasta as mãos dela, do abraço, e exclama:  
“Tira tuas mãos, antes morrer que entregar-me a ti.”  
Ela não podia fazer nada a não ser que fosse repetir:  
“entregar-me a ti...”  
Repudiada, ela escondeu-se no bosque e  
Com vergonha, agora vive em grutas  
solitárias. Mas, no entanto, vai,  
o amor que está dentro e cresce com a dor da rejeição,  
e insones, as preocupações diminuem seu corpo  
que se move com compaixão,  
e a magreza contrai sua pele, e todo o suco  
de seu corpo vai para o ar, apenas sua  
voz e seus ossos permanecem:  
Permanece a voz;  
Viraram pedra os ossos, dizem.  
A agora ela se esconde na floresta e  
não é vista em nenhuma montanha,  
mas é ouvida por todos: o som é o que vive dela.  
Assim Narciso,  
Porque zombou desta ninfa, assim fizera  
de outras, nascidas nas águas ou nas montanhas,  
já também com os rapazes;  
Logo, algum desprezado, erguendo as mãos  
para o éter, brada:  
“Que lhe seja concedido que ele ame  
mesmo assim, sem possuir do ser que ama!”  
Ramnusia, deusa da justiça,  
concordou com os fundamentos justos.  
E havia [...]¹  
(OVÍDIO, 2008)

Fonte sem limo, pura prata em ondas límpidas,  
jorrava. Nem pastor se achega, nem pastando  
seu rebanho montês, ou gado avulso, acode.  
Nem pássaro, nem fera, nem, tombando, um ramo  
perturba a úmida grama que o frescor irriga.  
O bosque impede o sol de aquecer este sítio.  
da caça e do calor exausto aqui vem dar  
Narciso, seduzido pela fonte amena.  
Se inclina, vai beber, mas outra sede o toma:  
Enquanto bebe o embebe a forma do que vê;

---

¹ A partir deste ponto, a tradução é de Haroldo de Campos. Os versos anteriores são tradução minha.

Ama a sombra sem corpo, a imagem, quase-corpo.  
Se envaidece de si no êxtase pasmo,  
é um signo marmóreo, uma estátua de Paros.  
De braços vê dois sóis, astros gêmeos, seus olhos.  
Contempla seus cabelos dignos de Apolo  
ou de Baco; suas faces, seu pescoço branco,  
a elegância da boca; a tez, neve e rubor.  
No mirar-se, admira o que nele admiram,  
Deseja se a si próprio, a si mesmo se louva  
Súplice e suplicado, atea o fogo e arde.  
Quantos beijos vazios deu na mentira d'água!  
Quantas vezes tentou captar o simulacro  
e mergulhou os braços abraçando o nada!  
Não sabe o que está vendo, mas no ver se a brasa:  
o que ilude seus olhos mais o aguça ao erro.  
Crédulo buscador de um fantasma fugaz!  
O que buscas não há: se te afastas, desfaz-se.  
Esta imagem que colhes é um reflexo: foge,  
não subsiste em si mesma. Vem contigo. Fica  
se estás. Se partes – caso o possas – ela esvai-se.  
Nem Ceres – O alimento, nem sono – paz,  
nada o tira de lá. Prostrado em relva opaca  
Contempla as falsas formas sem saciar os olhos.  
Por seu olhar se perde. Meio erguido, os braços  
Aos bosques circundantes agitando, indaga:  
“Houve, bosques, como este, outro amor tão cruel?  
Sabeis. Destas refúgio há muitos que sofriam  
de amor. Houve outro em tantos séculos de vida  
– Vossa memória é longa – que como eu penasse?  
Vejo o que amo, mas o que amo e vejo, nunca  
posso tomá-lo, e em tanto erro insisto amando.  
O que mais dói, porém: não nos separa um mar,  
montes, o caminho longo, sólidas muralhas,  
Água exígua nos tolhe. O outro também aspira  
a mim: sempre que beijo amada face líquida,  
seus lábios refletidos tendem para os meus.  
É como se o tocasse: nos impede um mínimo;  
Sai fora dessa fonte! Vem! Por que me iludes,  
evasivo menino? Em formas ou idade,  
nada em mim pode haver que te repugne. Ninfas  
me amaram! No teu rosto leio bons prenúncios:  
quando te estendo, os braços me distendes.  
se rio, sorris; lágrimas respondem lágrimas,  
se choro; a meu aceno, acena na tua cabeça.  
Adivinho palavras em tua linda boca,  
móveis palavras, que ao ouvido não me chegam.  
Sou eu este outro! Não me ilude a imagem fútil.  
Queimo no amor de mim, no incêndio que me ateio.  
Que hei de fazer? Rogando, sou rogado. A quem  
e como suplicar? A mim cobiço e tenho:  
pobre e rico de mim. Quero evadir meu corpo,  
desejo estranho num amante! Separar-se  
daquilo mesmo que ama. Agora a dor vence.  
Exaurido de amor, espiro e minha aurora,  
A morte não me pesa, alivia-me as penas.  
Quisera perdurar naquele a quem adoro:  
ambos, num só concordés, morremos juntos.  
Diz e volta abismado a contemplar o espelho  
d'água, e o turva de lágrimas, e a imagem vã  
em círculos dissipa-se. Ao vê-la que foge,



exclama: “fica! Não me destituas, má  
 visão, cruel fantasma em que me nutro e onde,  
 intocado de mim, deliro de paixão!”  
 Rasga, doido de dor, as vestes em pedaços  
 e pune o peito nu com seus dedos de mármore.  
 Ferido, o peito vai se tingindo de rubro,  
 como um fruto que em parte se oferece branco  
 e em parte enrubesce; ou as uvas num cacho,  
 imaturas, aos poucos se fazendo púrpura.  
 Quando – igual – se revê na onda liquefeita,  
 não mais suporta. Como a cera loura funde  
 ao fogo leve e a fria geada matutina  
 desfaz-se ao sol, assim Narciso, pouco a pouco,  
 pela chama de amor se fina e se consome.  
 Sua tez não mais figura neve enrubescida,  
 nem força, nem vigor, tudo o que à vista agrada,  
 nada resta em seu corpo, outrora amado de Eco,  
 a ninfa, que ao fitá-lo se condói, ferida  
 embora pelo seu desprezo. A ninfa chora  
 e “ai!” lhe respondi aos “ais”, duplica seus lamentos.  
 Toda vez que ele fere os braços, repercute  
 o som dos golpes Eco. Às águas familiares  
 voltando o olhar, Narciso diz com voz extrema:  
 “Fugaz menino amado! Ai, e o sítio em torno  
 lhe repete as palavras. Diz: ‘adeus!’ e ‘adeus!’”  
 retorna a ninfa. Então no verde pousa a fronte.  
 A noite lhe clausura os olhos, luz que se ama.  
 Recebido no inferno, assim mesmo esses olhos  
 se deleita, mirando-se no estígio. Choram  
 as Náiades o irmão, em tributo cortando  
 os cabelos. As dríades deploram. Eco  
 ressoa o pranto. As tochas fúnebres se agitam,  
 mas o corpo não há. Em seu lugar floresce  
 um olho de topázio entre pétalas brancas.  
 (OVÍDIO, 1994)

Dois séculos depois de Ovídio, o neoplatonista Plotino buscou a dimensão espiritual em narrativas míticas, e entre elas, Narciso.

O mito de Narciso representa a situação do homem que, não sabendo que a beleza está dentro dele, procura nas coisas externas, as quais tenta em vão abraçá-la. Essa interpretação ganha destaque sobre o pano de fundo da preocupação fundamental de Plotino, que é a da busca interior, ou da interioridade de consciência.

Algumas vezes o significado deste mito foi invertido por autores modernos: o narcisismo não representa a inutilidade da tentativa de buscar no exterior o que é interior, mas o autêntico destino do homem, que é projetar-se para fora de si e amar como tal o que está dentro dele. (ABBAGNANO, 2000, p. 698)

Em Plotino há uma radicalização da noção de transcendente. O mundo das ideias é espelhado no mundo da psique. *Ânima Mundi*. Mito e conhecimento são parte de uma realidade intangível. Plotino propõe uma viagem de retorno ao autoconhecimento para alcançar o que nem é possível ser imaginado.

Para Plotino, Narciso se apega à cópia. O amor é relativo a uma imagem criada exteriormente, que o narcotiza, e faz referência a práticas de se acessar almas de mortos

por meio de catoptromancias, práticas mágicas de se comunicar com almas através de reflexos na água.

### 1.7 Mito de Narciso na História da Arte



1 – Caravaggio (1571 – 1610)

Michelangelo Merisi (1571 1610) foi um dos mais importantes pintores italianos, atuante em Roma, Nápoles, Malta e Sicília. Seu trabalho exerceu influência importante no estilo barroco, estilo do qual foi o primeiro grande representante. Caravaggio era o nome da aldeia natal da sua família e foi escolhido como seu nome artístico.

Tons terrosos contrastam com os fortes pontos de luz. O protagonista entra em cena da direita para a esquerda da tela. Este movimento, no sentido oposto à escrita ocidental, enfatiza a surpresa.

Narciso se debruça sobre o seu joelho esquerdo, este apoiado no centro geométrico da pintura. A imagem reflexo se assemelha a um *rebatimento*, de geometria descritiva, com pontos mais à frente duplicados e pontos mais escondidos, como o adereço que o

protagonista traz junto ao seu braço esquerdo, único elemento fora da paleta de cores terrosas, que não aparecem no duplo.



2 – Caravaggio

Ao girar a pintura em 180°, o rosto do personagem parece mais velho e mais cansado. Na imagem invertida, Narciso parece exausto. O protagonista parece inspirar e seu reflexo, mais circunspecto, se esvai nas trevas.



3 – Ilustração 1533 Ovídio, Públio Nasão, *Le metamorphosi, cioe, Trasmutationi: tradotte dal latino diligentemente in uolgar uerso, na le sue allegorie, significatione & dichiaratione delle fabole in prosa. Tradução Niccolò Agostini, active 16th century. Data da publicação: 1533.*

A ilustração traz uma característica do teatro medieval, de cenas simultâneas. O olhar faz a trajetória da esquerda para a direita e faz uma curva ascendente. Na primeira cena, Narciso foge de Eco. Na segunda, apaixona-se pela própria imagem debruçado sobre o espelho d'água. Na terceira, choram as irmãs; e na quarta, Narciso sai de cena. Como no teatro, a metamorfose do protagonista acontece com o auxílio da imaginação, de convenções e de efeitos especiais. A gruta e o espelho d'água são elementos orgânicos quase circulares.



4 – Francesco Curradi (1570 – 1661)

Reflexo distorcido. Quadro com grande contraste claro-escuro.

O personagem ocupa diagonal de baixo para cima da esquerda para a direita e se debruça sobre uma fonte circular. O reflexo, para o observador, não passa de manchas. O cachorro em primeiro plano olha para Narciso, que se admira. Há um jogo de circularidade da fonte e braços de Narciso.





5 – Jan Cossiers (1600 – 1671)

Jan Cossiers (Antuérpia, 15 de julho de 1600 – Antuérpia, 4 de julho de 1671) foi um pintor e desenhista flamengo. Os primeiros trabalhos de Cossiers foram no estilo Caravaggesque, retratando cenas da vida das classes baixas. Mais tarde em sua carreira, ele pintou principalmente temas históricos e religiosos, bem como retratos. Cossiers foi um dos principais pintores da Antuérpia após a morte de Rubens em 1640 e um dos coloristas mais originais da Flandres do Século 17.

O reflexo aparece apenas parcialmente, como parte pelo todo. A mão esquerda toca a parte interna das clavículas, encobrindo o osso esterno, que fica completamente na sombra. A musculatura das costas avança como uma onda sobre Narciso. O espelho d'água tem a forma orgânica. Joelhos e mãos iluminados. Essas informações somadas ao fato de a leitura da esquerda para a direita ser uma diagonal descendente, a representação cria a sensação de uma personagem absolutamente circunspecto.



6 – Franz Caucig (1755 – 1826)

Franz Caucig, Franco Caucig ou Francesco Caucig, também conhecido na Eslovênia como Franc Kavčič ou Frančišek Caucig (1755, 1828) foi um pintor e desenhista neoclássico.

O espelho d'água forma uma linha orgânica circular. Há dois animais em cena. No reflexo, Narciso parece estar vestido. Aqui, o personagem se apresenta de peito aberto, atraído pela própria figura, com metade da perna esquerda já mergulhada em uma possível nascente pequena e circular. Seu corpo forma na composição uma linha de tensão em diagonal ascendente.

A imagem do personagem é como que cortada por um arpão, apoiado por um galho de uma árvore na forma de forquilha.

O horizonte da pintura tem a forma de um segmento de um círculo que, somado ao abraço da árvore, torna Narciso o centro da cena, sendo, por sua vez, o centro geométrico do quadro, o peitoral do personagem.



17 – François-Xavier Fabre (1766 – 1837)

Fabre foi um pintor francês de temas históricos. Narciso é morto. Suas irmãs choram, enquanto Eco observa de costas para o observador. Ao fundo, à saída de uma gruta, um pequeno grupo observa a cena. É possível perceber a preocupação do pintor em retratar um ambiente com grandes rochas, onde a voz de Narciso pode ter sido rebatida.

Narciso se afogou em um pequeno lago circular, de uma fonte alimentada por águas que vêm de uma nascente e se encontram com caudaloso rio que passa ao fundo.

A cena iluminada em Narciso, deitado no chão sobre um tecido vermelho, com a mão direita ainda na água, apresenta o corpo como tivesse sido virado quando encontrado. Uma das duas irmãs debruça-se sobre o protagonista, ajoelhada a chorar, a outra em pé arranca seus cabelos. Seu braço estendido duplica o traçado do rio e conduz o olhar para a parte superior direita da tela. Existe um condicionamento a um olhar ascendente. Ao lado, também iluminada, Eco sofre ao ver seu amado morto, debruçada sobre um tecido azul que cobre uma rocha. Em segundo plano, o ambiente torna-se mais escuro por nuvens e pela vegetação, voltando a iluminar um terceiro ponto de interesse, a saber, a saída da gruta. Ainda neste plano iluminado e acima da gruta vê-se uma pequena edificação e, no centro superior da tela, a leveza das nuvens se confundem com o peso das grandes rochas.





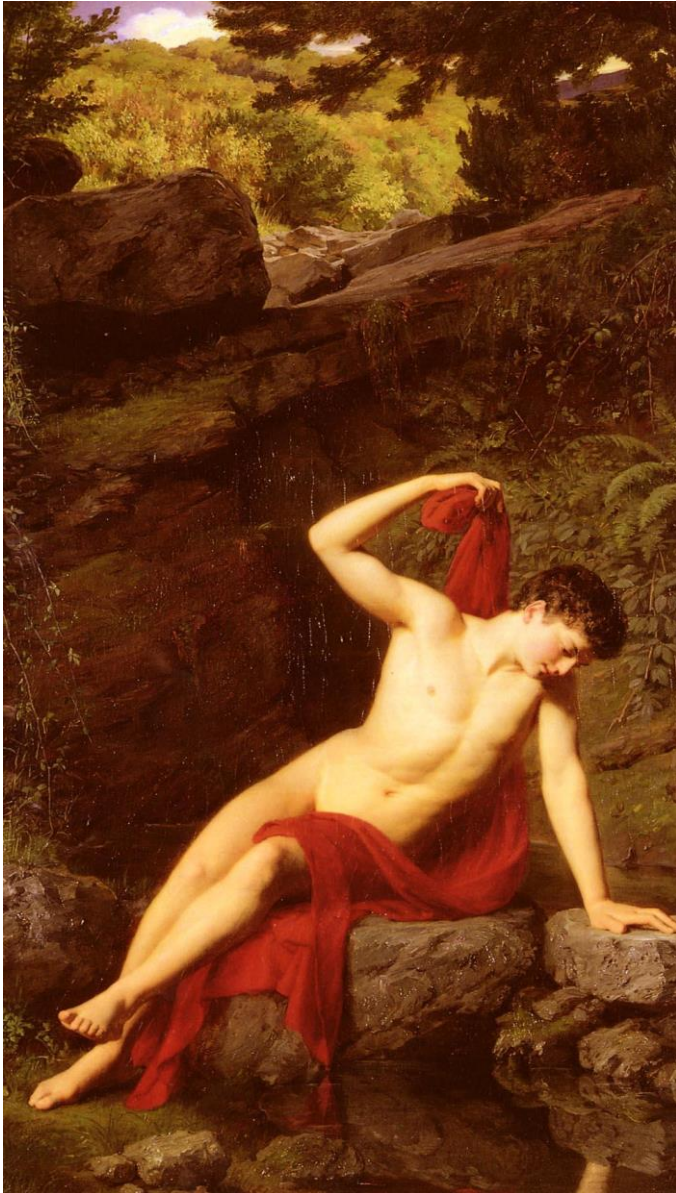
7 – Joseph Mallord William Turner (1775 – 1851)

Membro da Real Academia Inglesa, destaca-se pelas paisagens, aqui a protagonista da ação. O pintor é o primeiro a usar técnicas que serão exploradas mais tarde pelos impressionistas.

O espelho d'água tem aparência de um amebócito.

Não é possível afirmar onde está Narciso na imagem.





8 – Adolf Joseph Grass (1841 – 1926)

Pintor da escola de Düsseldorf, membro da Cooperativa Geral de Arte Alemã e da Associação de Artistas de Düsseldorf para Apoio Mútuo e Ajuda.

A imagem resultante do reflexo não aparece para o espectador, apenas uma pequena parte do braço. Sentado sobre uma pedra, Narciso nu, coberto apenas pelo tecido vermelho sobre o qual está sentado e que é levantado pelas costas, acima de sua cabeça, posa para sua imagem, que não é vista senão levemente pelo reflexo de parte do braço na água. Os quadris da personagem apontam para o observador; enquanto a parte superior do peito volta-se para o espelho d'água. Sua coluna, portanto, faz uma torção.

O ponto de maior luz é a região peitoral da personagem.



9 – Jules-Cyrille Cavé (1859 – 1949)

Pintor parisiense que produzia principalmente retratos. Membro da Sociedade de Artistas Franceses e do Comité de l'Association Taylor.

O personagem está no limite do equilíbrio. Há uma dança de linhas de força na forma de triângulos. O protagonista forma dois triângulos de mesma base e dois pontos superiores: a mão para um triângulo, e o quadril fechando o outro. A base desses triângulos, como linha de força, forma uma tangente ao elemento semicircular, representado pela água.

Desequilíbrio controlado, o personagem segura-se ao galho da árvore como quem agarra o horizonte. A linha de força que liga a mão ao tronco, que oferece o equilíbrio, é interrompida por um desvio do galho, mas a densidade de mata mais escura dá continuidade ao cateto de outro triângulo, formado pelo galho, o tronco de uma frondosa árvore até a cabeça e, enfim, ombros e braços formam a hipotenusa.

Um dos triângulos é equilátero, formado de sombras de folhagens que, imaginamos, pertence à árvore que provê o equilíbrio à personagem e forma uma meia aura em que a cabeça do protagonista compõe um dos catetos. Narciso está na luz, na fronteira com a sombra, sendo que os raios do sol são vistos em sua maior intensidade no segundo plano da pintura, deixando perceber que a luz que ilumina a personagem é filtrada por massas de vegetação mais distantes.

Esta fronteira provê também a refração da luz. Aquele ambiente propiciou que Narciso pudesse ver-se no espelho d'água.

O Narciso, de Cavé, está completamente nu. Frontal. A representação de seu falo está pouco deslocada do centro matemático da tela. O órgão, porém, não é visto no reflexo na água, sendo encoberto por um tufo de mato. Imaginando a imagem resultante para os olhos do protagonista, ele também não poderia ver seu órgão sexual no reflexo, ou veria como que emoldurado pela vegetação. Do reflexo, destaca-se também a participação do espectador. O que vemos como o reflexo de Narciso corresponde ao ponto de vista do observador.

Grande parte das pinturas de Cavé são figurativas, sem que sejam contadas narrativas, mas antes, retratos de meninas e mulheres.

O autor era dois anos mais novo que Freud e Binet, e foi aluno de Tony Robert-Fleury, conhecido por suas cenas históricas. Destaca-se na obra de Fleury a pintura de título *Pinel at the Salpêtrière*, onde Philippe Pinel ordena que sejam removidas as correntes de uma paciente no asilo de mulheres em Paris.

Uma vez que o ambiente de hospital psiquiátrico é cenário onde o termo narcisismo foi cunhado, como se verá adiante, tomo a obra *Pinel at the Salpêtrière* para perceber a estrutura formal que vimos em seu discípulo.



10 – Tony Robert-Fleury (1837 – 1911)

Tomando a escada da edificação ao fundo e estendendo-a, é possível perceber uma forte linha de tensão, ligando os degraus à mulher que beija a mão de Philippe



Pinel. Deslocada um pouco à esquerda, do centro do quadro, uma figura feminina quase não se sustenta em pé. A linha do braço esquerdo da rapariga, que está sendo desacorrentada, forma uma outra linha, que cruza a primeira e alcança o olhar de Pinel, indo à figura central, resultando num enorme X. A mão é levantada não por suas forças, mas antes ela aparenta tanta morbidez que ameaça cair. A linha do braço da figura aponta para as mazelas da condição humana no cárcere que é o hospital.



11 – Tony Robert-Fleury (detalhe)



12 – Tony Robert-Fleury (detalhe)

Na esquerda da cena, uma mulher observa de forma sub-reptícia, literalmente dando as costas ao observador, sorri morbidamente e, enquanto outros personagens secundários olham com desprezo, uma criança abraça sua boneca, apertando-a contra

seu peito.

Interessante observar o tratamento dado a cada personagem com referência ao corpo na altura do osso esterno. O esterno é um osso que serve para sustentação das costelas e da clavícula, formando a caixa torácica onde ficam protegidos os pulmões, coração, timo e os grandes vasos (aorta, veia cava, artérias e veias pulmonares).



13 – Tony Robert-Fleury (detalhe)

As mulheres da pintura em melhores condições têm o esterno parcialmente coberto, enquanto os homens levam literalmente um nó na garganta, protegido por suas golas duras. A bengala do protagonista, dado o nome do quadro, interrompe uma linha ascendente quando olhada da esquerda para a direita, direção e sentido da escrita ocidental.



14 – Tony Robert-Fleury (detalhe)

O ponto de maior luz está sempre na altura do osso esterno.



15 – Tony Robert-Fleury (detalhe)



16 – Tony Robert-Fleury (detalhe)



18 – John William Waterhouse (1849 – 1917)

John William Waterhouse é conhecido pelas representações de mulheres; e na obra *Eco e Narciso* não é diferente, uma vez que a personagem feminina está em primeiro plano. A figura de Eco divide o protagonismo com a de Narciso. Ele e seu reflexo trazem ao centro da cena um triângulo invertido.

É possível perceber uma espiral fazendo a estrutura do quadro, que termina na cabeça do protagonista. A espiral extrapola a parte inferior do quadro. O horizonte fica na metade de cima da tela. Uma grande árvore parece oprimir o herói. Eco forma um pequeno arco e olha o sofrimento de seu amado, compreendendo a mais forte (e dramática) linha de tensão.

O arco da figura da mortal sofrendo por seu amor, castigada por Nêmesis, deusa da justiça e filha de Nyx, portanto representante dos deuses primordiais da mitologia grega, faz parte da espiral, mas a luz que incide nela forma também um triângulo em diagonal ascendente entre mão, cabeça e braço.

O cenário todo conversa com o serpenteado do rio, cujas águas enfeitiçaram Narciso. O espelho d'água é formado por um pequeno córrego que flui em direção ao rio caudaloso e que avança no chão rochoso, que por sua vez, apresenta-se em duas aberturas circulares e interligadas.





19 – John William Waterhouse

Do mesmo autor de *Echo and Narcissus* é a tela *Sleep and his Half-brother Death*. A pintura em si é uma referência para os deuses gregos, Hypnos (sono) e Thanatos (morte), que na mitologia grega eram irmãos.

Apesar de suas posturas semelhantes na pintura, o personagem em primeiro plano é banhado em luz, enquanto seu irmão é envolto em trevas; a primeira, portanto, representa o *Sono* e o outro a *Morte*. A personificação do Sono segura algumas papoulas, símbolo da narcose e estados de sono.

O nome latino de Hipnos é Somno. A personagem Narciso, que tem na raiz do nome o termo *narcótico*, é tardia, comparecendo após a releitura do mundo grego clássico. O pintor é contemporâneo à nova perspectiva dada por Freud ao ímpeto de Tântatos.

A imagem é formada por várias ortogonais em perspectiva, que leva o olhar a uma sala escura, cujo pórtico são duas colunas de difícil identificação. A meio plano, um elemento circular queima algo, que é um índice, porque não vemos o fogo, mas a fumaça que cria a sensação de espiritualidade. Abaixo, a meio plano, também circular, vemos um instrumento musical de corda. Em primeiríssimo plano, outro instrumento; e,



ao fundo, um terceiro elemento circular, na folhagem do pátio ensolarado. A ortogonalidade é tão forte que sozinha faz um discurso, de uma organização dos planos e da vida em inexorável direção à morte. No texto *Introdução ao Narcisismo*, Freud fala de ambos: sono e da hipocondria, que pode ser vista também como consumo de narcóticos, uma vez que trata do consumo recorrente de drogas.



20 – Gyula Benczúr (1844 – 1920)

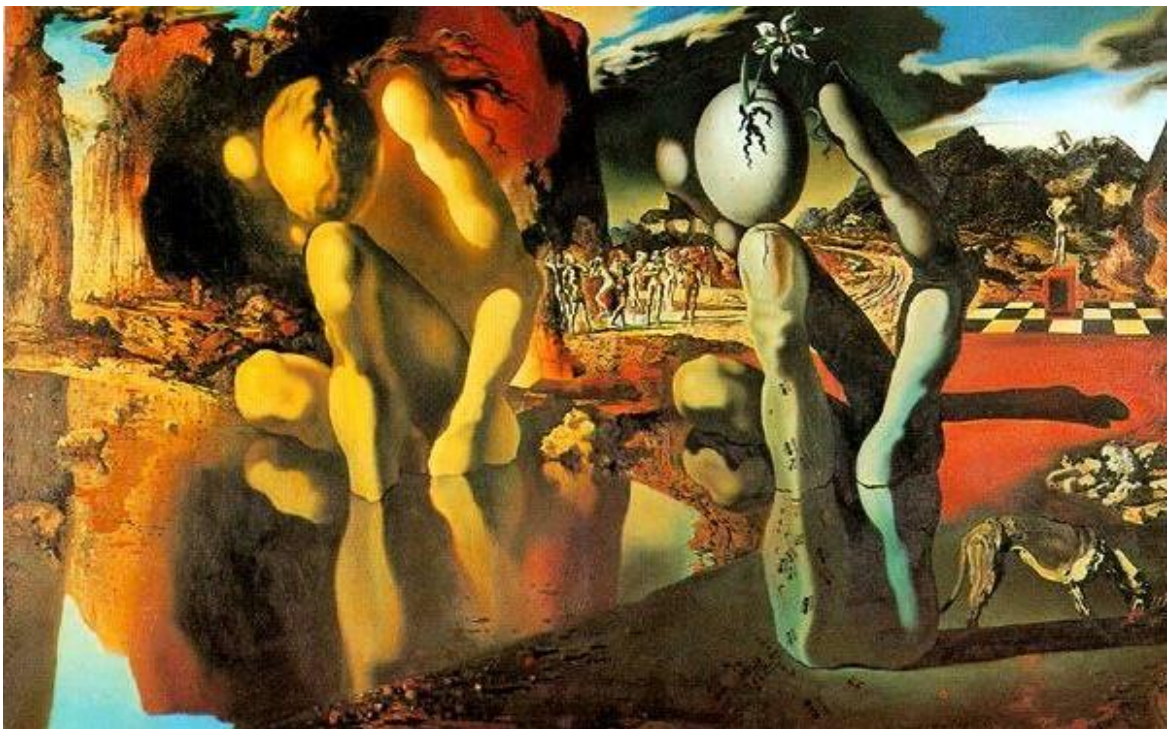
Gyula Benczúr foi um pintor húngaro conhecido por seus retratos e cenas históricas.

Na representação de Benczúr, Narciso é apresentado com o peitoral estourando em luz, protagonizado pelo osso esterno, que faz parte de um arco que une a cabeça ao laço do tecido claro que cobre o corpo nu.

Há linhas de força radioconcêntricas formadas pela musculatura saindo do corpo, apontando para o tanque de água, e outras formadas pelas vestes, apontando para

a região genital, que é cortada pela verticalidade do tecido que passa em frente ao órgão sexual. Essa verticalidade joga o olhar outra vez para o arco e vemos o braço fazendo parte desta tensão radioconcêntrica.

É recorrente que Narciso esteja representado com tecidos vermelhos. Não em Benczúr. Recorrentemente a imagem refletida é dada na representação. Aqui, não há água. Narciso se debruça como que espreguiçando. Há uma tensão contrária à uma força que puxa o protagonista para dentro do que sabemos ser seu reflexo. Mas não é dado ao observador ver além de uma superfície que comportaria o espelho d'água. Este é apresentado de forma surpreendente, o observador infere que o espelho d'água tem pelo menos a profundidade suficiente para mergulhar o antebraço do protagonista. Não é possível afirmar qual seria a forma do referido tanque, que tem continuidade atrás do corpo e estendendo-se até fora da tela.



21 – Salvador Dalí (1904 – 1989)

A tela *Metamorfose de Narciso*, de Dalí, foi pintada em 1937 e tem ao fundo a paisagem da Catalunha, comumente representada pelo autor. Em primeiro plano, à esquerda, temos representada a figura do protagonista, sentado sobre um de seus pés, já mergulhados na água. A seu lado há uma imagem que parece ser seu duplo, mas se trata da representação de uma grande mão segurando um ovo entre o dedo indicador e o

polegar. O ovo, por sua vez, está rompido e de dentro dele sai uma flor branca.

No segundo plano, vê-se um conjunto de figuras nuas à esquerda; e, à direita, sobre um tabuleiro de xadrez e sobre um pedestal, a imagem de um homem, de costas, oferecendo seu meio perfil. Há na composição um emaranhado de símbolos, que evocam o inconsciente e o sonho. Há também diversas narrativas que afirmam ser o jovem homem de costas ora Narciso antes de se apaixonar pela própria imagem, ora ser o próprio Salvador Dali. Dali foi, como toda a corrente dos surrealistas, grandemente influenciado por Freud.



22 – John Woodrow Kelley (1950 - )

Impressionante o fato de nas duas mais importantes representações do século 20 Narciso estar na mesma posição, sentado sobre um dos pés e joelho esquerdo levantado.

## 1.8 O Espelho

Todo aquele que reflete está interessado no espelho. O espelho é, por definição, um instrumento que reflete, que se espelha (de *especulum* = espelho). São Paulo diz que as criaturas são espelhos que refletem Deus. O empirismo iluminista concebe o intelecto como espelho da natureza. O criticismo de Kant é uma revolta contra o espelho, condena o conhecimento especulativo. Para Hegel, é o fluxo da realidade um contínuo espelhar de espelhos contrapostos em ângulos, e a dialética é o pensamento especulativo.

Finalmente Wittgenstein concebe a língua e a realidade como dois espelhos pendurados em paredes opostas num quarto vazio. Podemos enfocar, se quisermos, toda a história do pensamento do ponto de vista do espelho. (FLUSSER, 1998, p. 67)

A face posterior dos espelhos é coberta por nitrato de prata. A descoberta da fotografia também se deu com o uso do nitrato de prata e o sistema foi comparado à alquimia pelo fato de, em certos aspectos e em certas medidas, imortalizar um momento, e foi, portanto, comparado à Pedra Filosofal.

### 1.8.1 O Espelho Mágico

Em 1890 Max Dessoir, professor de Anatol Rosenfeld, publica em meio a seus pares o texto *Espelho Mágico*, importante obra sobre parapsicologia.

Em um momento histórico em que nomes de mitos, especialmente do universo clássico greco-latino, foram usados recorrentemente para nomear diferentes processos, termos médicos foram criados a partir de mitos, como narcisismo, que deriva do mito de Narciso, cuja narrativa se desenvolve sobre um herói humano que sofre as consequências da intervenção de uma entidade que é a personificação da justiça.

Outro exemplo de termo advindo dos mitos greco-latinos é hipnose, que deriva de Hipnos (em grego: ἵπνος), personificação do sono, e da sonolência. Hipnos é um dos *daemons* gregos, estes deuses que interferem no espírito dos mortais.

Outra especialização médica nomeada com um *daemon* vem a ser a geriatria, derivado de Geras (em grego Γῆρας), que personifica a velhice. As três entidades: Nêmesis, Hipnos e Geras são filhos de Nyx, que por sua vez personifica a noite.

Dessoir escreve *História Crítica do Hipnotismo Moderno*, onde demonstra a importância do hipnotismo para o conteúdo e método de ensino da alma, para a estética e para a ética. Discute telepatia, metaloterapia (magnetismo + hipnose), transmissão sobrenatural de pensamentos, bem como sugestão mental, e destaca o forte poder da crença na autoridade como uma das sérias dúvidas contra tal procedimento.

Felizes são aqueles que acreditam que um fenômeno foi eliminado se não o entendem! [...] existe no corpo humano uma força capaz de transcender seus limites e influenciar outros seres. (DESSOIR, 1888, p. 10)

O termo aceito hoje pela Associação Americana de Psicologia para designar estado mental de consciência induzida é hipnose. Anteriormente conhecido como mesmerismo, o termo hipnotismo foi criado em 1842 por James Braid.

Conforme inventário de 1888, de Dessoir, o procedimento já era largamente usado na medicina do século XIX. A obra *Bibliographie des modernen Hypnotismus* é dividida

por publicações em hipnotismo, magnetismo e telepatia, na medicina, na psicologia, na pedagogia e na jurisprudência, trabalhos teóricos e experimentais. O rol reúne trabalhos de instituições, sendo 473 franceses, dos quais 31 são da Escola de Paris e 25 da Escola de Nancy, 102 ingleses, 88 italianos e apenas 69 alemães, especificados pelos seguintes assuntos: a questão de simulação; a questão de sugestão; prática de hipnotismo; teoria de hipnotismo e hipnotismo e religião (DESSOIR, 1888, p. 212).

Dois anos depois, em 1890, Max Dessoir escreve *O Espelho Mágico*. Mas cabe a esta deriva verificar que a nomeação médica de patologias ou especialidades ocorre no período em que Freud inicia suas experiências com Charcot.

*Credo in coincidentiam unam.*

## 1.9 Édipo

Édipo foge de sua cidade para longe de quem pensava ser seu pai, quando soube do destino que o Oráculo havia profetizado quando ele nasceu.

Laio, o pai verdadeiro e filho foram separados no nascimento em função daquela leitura do Oráculo, que previu que a criança que acabara de nascer mataria o pai. O nome do herói significa *o de pés grandes* em função de ele ter sido amarrado pelos pés, colocado em um recipiente e abandonado no rio. O menino foi encontrado e adotado em outra cidade.

O rei Laio e Édipo adulto lutam para decidir quem sairia da estrada, para dar passagem ao outro. Édipo torna-se parricida devido à falha trágica da vaidade.

O herói e seus descendentes comparecem em diversas tragédias, sendo *Édipo Rei* a mais conhecida, quando este, em sua chegada a Tebas, salva a cidade da maldição da Esfinge e como agradecimento se torna rei, casando-se com a rainha viúva. Durante a encenação, Édipo descobre lentamente em si mesmo o assassino do antigo rei, seu verdadeiro pai, como queria a profecia.

A falha trágica de Édipo, a vaidade e a prepotência, resulta no herói cegando os próprios olhos, e o suicídio da mãe-esposa, além da maldição de seus quatro herdeiros Ismênia, Polinices, Eteocles e Antígone. Os dois meninos disputam a sucessão de Tebas e terminam ambos tombando no campo de batalha. Um seria recebido dentro dos muros da cidade como herói, merecedor de honras e com as cerimônias fúnebres e o outro destinado a apodrecer ao relento, comido pelos cães. Este é o tema da peça *Os Sete Contra Tebas*. A quarta filha de Édipo, *Antígone*, porém, faz as honras devidas e enterra

o irmão abandonado. Em função disto, ela é condenada à morte. Na tragédia que recebe seu nome, e que tem um final Shakespeariano, ela e seu amado, o filho de Creonte, que ascendeu ao trono, e que a condenou, são enterrados juntos e mortos.





23 – François-Xavier Fabre (1766 – 1837)

*Édipo e a Esfinge* é uma pintura de François-Xavier Fabre (1766-1837), pintor que também cria a tela chamada *A morte de Narciso*, analisada anteriormente.



25 – Jean-Auguste Dominique Ingres (1780 – 1867)



24 – Gustave Moreau (1826 – 1898)

Moreau constrói atmosferas mágicas em pinturas míticas ou bíblicas.

A imagem de Édipo é fortemente apresentada na cena em que ele decifra o enigma. A esfinge, mulher com corpo de felino, é um dos *daimos* na Tebas de Sófocles. Deriva do grego *sphingo*, querendo dizer estrangular. Introduz seus enigmas dizendo “Decifra-me ou devoro-te”.



## PARTE 2

### 2.1 Mito na Psicanálise

Uma das coisas notáveis acerca da revolução freudiana no pensamento é o fato de ainda não termos sido capazes nem de assimilá-la nem tampouco de ignorá-la. O freudianismo paira sobre e diante do homem contemporâneo como um espectro acusador. (BECKER, 2021, p. 124).

O Complexo de Édipo contribui para a discussão da ansiedade. Ao final da tragédia mais conhecida, em que ele é o protagonista, ao descobrir-se parricida arranca os próprios olhos e deixa Tebas para errar até o final de sua vida. Como expõe Brown:

A essência do complexo edipiano é o projeto de se tornar Deus – na fórmula de Espinosa, *causa sui*... Como prova disso, exhibe claramente uma aparência infantil – narcisismo pervertido pela fuga da morte... (BROWN *Apud* BECKER, 2021, p. 59)

E sobre isso Becker comenta:

Projeto edipiano é a fuga à passividade, à eliminação e à contingência: a criança quer vencer a morte tornando-se pai e de si mesma, o criador e o sustentador de sua própria vida. (BECKER, 2021, p. 59)

Becker conclui que este projeto narcísico se desenvolve nas fases oral e anal, período da descoberta do corpo pela criança e em que ela molda seu ambiente.

Se nos detivermos na expressão de Becker citada acima: “projeto edipiano é a fuga à passividade, à eliminação e à contingência”, encontramos um herói que precisa tornar-se o pai de si mesmo para fugir do destino a que está amarrado: o do parricida. Nas palavras de Becker:

A paixão *causa sui* é uma fantasia que encobre a fundamental condição de criatura do homem, ou o que podemos chamar, agora, de forma mais precisa, de sua *inapelável falta de autêntica centralização em suas próprias energias para assegurar a vitória de sua vida*. (BECKER, 2021, p. 139 – grifo do autor)

E continua:

Nenhuma criatura pode garantir isso, e o homem só pode tentar fazê-lo em sua *fantasia*. A ambivalência do projeto *causa sui* é baseada na sempre presente ameaça de realidade, que está à espreita. O indivíduo desconfia, o tempo todo, de que é fundamentalmente incapaz e impotente, mas precisa protestar contra isso. Os pais e mães sempre projetam sua sombra. Qual é, então, o problema de ceder? Ele representa nada mais nada menos, o abandono do projeto *causa sui*, a mais profunda e completa admissão emocional de que não há força dentro do indivíduo, não há poder para aguentar a superfluidade da experiência. (BECKER, 2021, p. 139)

Na obra *The birth and death of meaminig*, Ernest Becker escreve sobre antropologia, psicanálise e política, inicialmente trazendo à luz as questões do ego e da

autoestima, fundamental para compreender o narcisismo.

O ego cresce ao colocar a ansiedade sob seu controle à medida que descobre o que é a ansiedade para o organismo, e então escolhe evitá-la construindo defesas que a controlam. O ego descobre quais sentimentos, pensamentos e situações são perigosos e, então, permite que o organismo exista em um mundo no qual não haja perigo, afastando-se desses sentimentos, pensamentos e situações. Como Freud disse tão bem, o ego “se vacina” com pequenas doses de ansiedade; e os “anticorpos” que o organismo constrói por meio dessa vacinação “tornam-se suas defesas”: os famosos mecanismos de defesa que já mencionamos. Negação: “Isso não está acontecendo comigo, eu não quero isso.” Projeção: “Essa pessoa está tendo esses pensamentos vulgares, não eu”. Repressão: “Isso não ocorreu.” Torna possível uma espécie de ação distante do animal humano ser comprada por um preço. E esse preço é o mais pesado que um animal tem que pagar: a saber, a restrição da experiência.

O ego, o único *órgão psicológico* dos primatas superiores, desenvolve-se distorcendo as percepções e limitando a ação. Como Freud tão bem colocou: o ego afasta a ansiedade apenas colocando restrições à sua própria organização (1936, pp. 99-101). O ego bane de sua própria organização aquilo que ameaça a segurança do organismo. E as regras de segurança do organismo são estabelecidas na interação com os pais. Adaptar-se aos pais paralisa a expansão organizacional teoricamente ilimitada do ego desde o início da experiência da criança. O ego cresce por uma desapropriação do próprio mundo interior da criança. Os mecanismos de defesa são, afinal, técnicas de autoengano por excelência. E este é o fatídico paradoxo que chamamos de neurose: a criança é entregue à humanização ao ceder a égide sobre si mesma.

Toda a teoria psicanalítica e a genialidade da formulação de Freud se resumem em uma frase, em um pensamento: como disse Freud, é o pensamento da criança quando se torna humanizada e social, e diz: “Você não tem que me punir, padre; eu vou me punir agora”. Em outras palavras, “Você pode me aprovar ao ver o quão bem eu me saio do jeito que você gostaria”. (BECKER, 1980, p. 64-65 - Tradução minha)

A seguir completa:

A conclusão terrível que tiramos da obra de Freud é que o próprio processo de humanização é a neurose: a limitação da experiência, a fragmentação da percepção, a desapropriação do controle interno genuíno. Quando toda a poeira tiver baixado em torno das teorias de Freud – como agora começou – elas ainda manterão um fascínio impressionante e um sentimento de terror por causa dos fatos sinistros da “sexualidade” infantil, causa da brutalidade “de nossa herança animal”, mas pela universalidade da escravidão e cegueira humana que chamamos de neurose. Esta é a contribuição duradoura de Freud e o verdadeiro significado da universalidade do “Édipo”. (BECKER, 1980, p. 66 - Tradução minha)

## 2.2 Narciso em Freud

O narcisismo trata do sentimento de completude experimentado pelo ser humano nos primeiros anos de vida. Freud denomina autoerotismo a sensação prazerosa da libido voltado para o ser (Id), que por sua vez ainda não tem consciência de si. O narcisismo primário consiste na sensação de segurança que acontece nesta fase. Freud fala em dois momentos, a fase oral e anal, para descrever o desenvolvimento humano.

Dado que, sem cuidados básicos, os bebês humanos não sobrevivem, a descoberta de si, ou o desenvolvimento do Ego (ou do Eu) se dá com o envolvimento de constelações de símbolos e valores, no embate entre o amor de si e o amor ao outro. Esse embate, que acontece no tempo e é determinado por fatores pré-determinados e variáveis resultantes de escolhas pessoais, é conceituado por Freud como catexia.

*Introdução ao Narcisismo* conta com diversos relatos de patologias relacionadas ao Ego (ou Eu) autocentrado. No primeiro parágrafo, Freud localiza exatamente as questões do ambiente em que foi criado o verbete e os limites que separam o termo de uma normalidade e aproxima de patologia.

O termo narcisismo deriva da descrição clínica e foi escolhido por Paul Näcke em 1899 para denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado – que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades. Desenvolvido até esse grau, o narcisismo passa a significar uma perversão que absorveu a totalidade da vida sexual do indivíduo, exibindo, conseqüentemente, as características que esperamos encontrar no estudo de todas as perversões. (FREUD, 1987)

Certamente não terá sido fácil para o autor acompanhar a vasta bibliografia de experimentos feitos à época, mas Freud inicialmente esclarece que o termo havia sido cunhado por Paul Näcke para designar alguém que trata o próprio corpo como objeto sexual. Mas a história do antropônimo conta com artigos de outros dois autores e prolifera, na época, em ambiente de cárcere, em discussões referentes à implantação de políticas públicas eugenistas.

No final do século 18, Näcke já havia pleiteado a castração de todos aqueles que semeiam o campo comum com sementes ruins, que pode ser entendido como uma espécie de “higiene conjugal” (*Ehehygiene*).

No decorrer do século 19, o conceito de darwinismo social remete ao médico Johann Peter Frank (1745-1821) de Viena, um dos pioneiros no campo da higiene pública, que advogava a eugenia e higiene racial. Thomas Bryant em *Sexological Deliberation and Social Engineering: Albert Moll and the Sterilisation debate in late imperial and Weimar Germany* lembra que em particular,

As reflexões do médico Paul Näcke (1851-1913), sobre a higiene conjugal com relação aos objetivos demográficos, econômicos e criminológicos, reiteraram o apelo de Frank para impedimentos ao casamento para pessoas em mau estado de saúde. Segundo Bryant, embora Frank tenha se expressado com bastante cautela, Näcke encontrou palavras bastante claras para sua posição em 1899: “o estado tem o sagrado dever de intervir profilaticamente e de impedir, por meio de legislação, o aumento dos elementos mais degenerados”. Ele afirmou que apenas a castração poderia garantir que essa tarefa fosse cumprida de forma eficaz e “da maneira mais fácil e barata”. (BRYANT, 2012, p. 240 - Tradução minha)

Paul Näcke escreve *Die Kastration bei gewissen Klassen von Degenerirten als ein wirksamer sozialer Schutz: Sociologische Studie* para o periódico *Archiv Für Kriminal Anthropologie und Kriminalistik*, onde tem uma grande relevância, contribuindo desde o primeiro volume, em que discorre sobre a enfermidade da penitenciária de Waldheim. Apenas no volume 37, de 1910, Paul Näcke escreve sobre fetichismo, sadismo, homossexualidade e psicose, entre outros temas, em nove pequenas notas e um artigo. No décimo volume, de 1903, o mesmo no qual Näcke defende a profilaxia social, Freud contribui com um artigo sobre o sonho. A respeito deste último, em 1914 Freud escreve:

Tudo que Adler tem a dizer sobre sonhos, a pedra de toque da psicanálise, é igualmente vazio e destituído de sentido. Inicialmente, ele considerava os sonhos como um desvio da linha feminina para a masculina – o que é simplesmente uma tradução da teoria da realização de desejos dos sonhos para a linguagem do “protesto masculino”. Depois descobriu que a essência dos sonhos está em permitir que os homens realizem inconscientemente o que lhes é negado conscientemente. Cabe também a Adler [1911b, 215n.] o mérito da prioridade em confundir sonhos com pensamentos oníricos latentes – confusão na qual se baseia a descoberta de sua “tendência prospectiva”. (FREUD, 1987)

Havelock Ellis teria sido o segundo de três nomes atualmente apontados como autores do verbete *narcisismo* – (uma quarta intervenção teria sido proposta por Freud, cunhando *narβism*).

Em sua autobiografia, Ellis sugere ser correspondente, portanto, próximo de Paul Näcke, mas apenas comenta na sua autobiografia as impressões que este teve ao receber uma foto sua. Curiosa a adesão de Ellis à própria imagem. Mas segundo historiadores, o neologismo teria sido primeiramente usado por ele.

Embora minha ascendência tenha sido inglesa no sentido mais estrito por pelo menos alguns séculos, e provavelmente por muito mais tempo, minha fisionomia não é inglesa. Médicos estrangeiros curiosos em tais assuntos (como meu amigo por correspondência Paul Näcke, quando ele recebeu minha fotografia) fizeram esta observação, e sua veracidade muitas vezes foi trazida para mim. Fui tomado por um espanhol na Inglaterra, e na Espanha os espanhóis muitas vezes me tomaram por um compatriota. (ELLIS, 1939, p.104 - Tradução minha)

Em longa descrição de suas feições, Ellis se diz parecido com Jesus Cristo com um ar satírico.

*Narciso like*, ou na tradução direta *como Narciso*, já havia comparecido na literatura pelo terceiro nome ligado ao verbete. Trata-se de Alfred Binet, que além de ser considerado o primeiro a fazer a analogia, tem uma vasta obra referente ao raciocínio, à percepção e ao hipnotismo, além de, e não por coincidência, importante trabalho em

dramaturgia. A semente do conceito foi, portanto, geminada em cenário de laboratórios, em experimentações, e posteriormente levada ao cárcere por Näcke e Ellis. Binet descreve sessões de hipnoses e seu objeto de estudo são a excitação sensorial e as imagens-resposta ou associações dos participantes na obra *The psychology of reasoning, based on experimental researches in hypnotism*.

Em 1880, a resolução dos microscópios chegava a 0,2 micrômetros.

Binet, como Freud, foi aprendiz de Jean-Martin Charcot e é mais reconhecido pelos esforços em criar avaliações quantitativas para a inteligência, sendo famoso seu teste de quociente de inteligência QI. Ambos os médicos possuem trabalhos relevantes e pouco conhecidos com o referido instrumento: Ernest Jones conta, em sua biografia de Freud, que este, ainda estudante, descobre um corante com o qual se fez possível observar no microscópio a mitocôndria e a função da energia na célula.

Transcrevo agora um trecho da publicação de Alfred Binet no primeiro volume do periódico *The Monist*, periódico fundado em 1888 por Edward C. Hegeler que se tornou uma das mais antigas e importantes revistas de filosofia do mundo. Ajudou a profissionalizar a filosofia como disciplina acadêmica nos Estados Unidos publicando filósofos como Lewis White Beck, John Dewey, Gottlob Frege, Hans-Georg Gadamer, Sidney Hook, CI Lewis, Ernst Mach, Charles Sanders Peirce, Hilary Putnam, Willard Van Orman Quine, Bertrand Russel e Gregory Vlastos. O periódico *The Monist* publicava edições temáticas trimestrais sobre tópicos filosóficos particulares, editados por filósofos líderes nos campos correspondentes. Como resultado, cada edição é uma antologia.

No artigo *A imortalidade da infusoria*, Alfred Binet discute a célebre tese do biólogo evolucionista August Weismann, sobre a imortalidade do ciliado *Infusoria*. Estes seres se reproduzem pela duplicação do mesmo indivíduo, resultando não ser possível apontar qual seria o progenitor.

Quando a vitalidade dos infusarias for enfraquecida por um número considerável de reproduções agâmicas, e o animáculo estiver a ponto de morrer de morte natural, um novo fenômeno biológico pode intervir, rejuvenescendo o animal e tornando-o capaz de se reproduzir novamente por uma longa série de gerações. Esse fenômeno é a fecundação. Em nosso trabalho sobre micro-organismos, falamos longamente do processo material de fecundação em infusarias ciliados, e dos fenômenos preliminares a ele, seguindo como nosso guia as observações de Balbiani, Gruber, Bütschli e Engelmann. Será necessário recorrer a esse assunto e complementar nossa exposição anterior com alguns detalhes importantes. Além disso, pesquisas recentes, somadas a outras mais antigas, nos fornecem informações interessantes sobre as condições e causas determinantes da conjugação e sobre o significado da própria fecundação. (BINET, 1890, p. 27 - Tradução minha)

Binet discute a tese de que os infusários não se procuram e copulam até depois de um jejum de considerável duração causado pelo esgotamento do estoque de alimentos no meio em que vivem e infere daí que a escassez de alimentos é a causa única e real da grande agitação em que então são vistos.

Quando uma infusão densamente povoada começa a se esgotar, os animálculos se reúnem, sempre formando aquelas manchas esbranquiçadas de nuvens que descrevemos como o prelúdio da cópula, que nunca duram muito tempo. Assim, há primeiro uma agitação produzida pela fome, e só em consequência disso são provocadas as preliminares da cópula. Admitindo esta interpretação como exata, o que é uma questão que reservo, concluo que o Sr. Maupas aceita completamente os fatos das preliminares da cópula, distinguindo-as de outros fenômenos. Ele diz, aliás, e estas são suas próprias palavras, que o impulso sexual realmente existe nessas pequenas criaturas. (BINET, 1890, p. 31 - Tradução minha)

Alfred Binet, conhecido, como dissemos, pelo método Binet-Simon de mensuração de capacidade intelectual em crianças, estuda também os estados e intensidades do subconsciente e o papel da sugestão no fenômeno da dupla consciência em investigações e experimentos referentes a transtornos de personalidade. “Dois egos em um indivíduo?”, questiona ele.

Binet volta à teoria do item de Weismann para verificar se ela não foi abalada pelos novos dados.

Aceitando os resultados das experiências de M. Maupas, que aliás chegou às mesmas conclusões que M. Balbiani, somos levados a admitir que, quando um infusário ciliado multiplica por divisão agâmica grande número de vezes, a prole que aparece depois de 50 a 100 bipartições não tem o mesmo valor fisiológico de seu progenitor original; e que a multiplicação agâmica termina em exaustão e morte natural. Mas deve-se, por outro lado, levar em conta que esse processo de senescência é contrariado pelo de conjugação, que consiste em uma renovação nuclear; e como a substância, o protoplasma do indivíduo rejuvenescido escapa à morte, um novo argumento pode ser encontrado nesses últimos fatos mencionados para a teoria da imortalidade dos infusários. (BINET, 1890, p. 36 - Tradução minha)

Ele então conclui que pela observação é impossível confirmar ou refutar a hipótese de Weismann.

Uexküll observa os mesmos seres poucos anos mais tarde.

Interessante notar a renda, ou teia, de relações pessoais. Binet foi casado com uma Balbiani. Charcot, Binet e Freud trabalharam no mesmo laboratório, como também indiscutível o papel das lentes neste preciso momento histórico. Se o *perspicillum*, o instrumento trazido por Galileu, apontando para o céu, abalou e distanciou a crença da ciência da época, encontrando crateras na Lua e um universo infinito, o microscópio debruçava a investigação ao infinitamente pequeno (até então) e para o limite entre

matéria e energia, tema vastamente discutido de Aristóteles à física quântica.

Em todas as épocas, a observação foi ferramenta básica da ciência na fronteira do conhecimento. E o entrelaçamento das investigações e questionamentos buscam as fronteiras entre vida e morte.

### 2.2.1 *Introdução ao narcisismo*

Voltando à *Introdução ao narcisismo*, como dissemos, Freud analisa o termo pelo viés patológico e elenca três transtornos em que ele comparece: a hipocondria, a doença orgânica e a vida amorosa dos sexos. Mas fala também da face narcísica do sono. Freud busca compreender o narcisismo no horizonte da normalidade, da inexistência de patologia e como natural em alguém que, por exemplo, tenha uma intensa dor de dente. Freud descreve que a classe médica se surpreendeu ao encontrar o narcisismo no diagnóstico da homossexualidade como perturbação. Em seguida sugere que a questão do narcisismo esteja ligada a uma questão de localização da libido.

A libido afastada do mundo externo é dirigida para o ego e, assim, dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo. No limite da demência precoce, esquizofrenia ou o que ele prefere denominar parafrenia, em que há megalomania e desvios do interesse do paciente pelo mundo externo, como de pessoas e coisas, a libido também está afastada do mundo externo e dirigida para o ego, assim Freud nos leva a considerar o narcisismo que surge através da indução de catexias objetais como sendo secundário, superposto a um narcisismo primário. Lembrando que catexias são investimentos.

O narcisismo de que Freud fala então se desenvolve simultaneamente ao ego, quando este se coloca diante de escolhas objetais. Enquanto o narcisismo do período autoerótico é autossuficiente, as descobertas e decisões de investimentos mentais são acompanhadas de uma constelação de afetos e autoestima.

Em um dos textos mais significativos, Freud analisa as características narcisistas de Leonardo da Vinci. Freud não comenta a escrita de Leonardo ser feita de forma a ser lida em um espelho. Da Vinci escrevia como se fosse, ele mesmo, o reflexo dentro do lago observando Narciso. Freud faz inferências sobre o narcisismo primário e primeira fase de desenvolvimento do Ego, interpretando um relato de um sonho do autor de *Tratado de Pintura*.

Em *A Negação da Morte*, Ernest Becker, por duas vezes comenta os aspectos

narcisistas do pioneiro da psicanálise: “Não se pode deixar de pensar de novo em Freud, que tinha mais sustentação interna do que a maioria dos homens, graças a sua mãe e ao ambiente inicial favorável” (2021, p. 43). Adiante afirma:

Parece que ele tinha um narcisismo maior do que a maioria, mas sua mãe o havia criado assim, como o especial foco de atenção de suas grandes esperanças; ela, enquanto viveu, o chamava de “*meu Sig Dourado*”. (BECKER, 2021, p. 132)

Torna-se então necessário desenvolver o conceito de narcisismo primário, na sensação prazerosa da libido voltado para o ser (Id), que por sua vez ainda não tem consciência de si. Freud fala em duas fases, oral e anal, para descrever o desenvolvimento do autoerotismo presente nas crianças. Forma com isso a ideia de que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos.

O narcisismo secundário surge eventualmente nas patologias discutidas por Freud em *Introdução ao Narcisismo*, e comparece como uma extensão da teoria da libido.

\*

Wolfgang Pauli e Carl Jung postularam a possibilidade de transições entre o mental e/ou o material mediados pelo *unus mundus* psicofisicamente neutro. Usando o aparato formal da teoria de sistemas complexos, tais categorias podem ser definidas como a estrutura conceitual do monismo de duplo aspecto.

Em nossos dias, a mesma coisa vem acontecendo na ciência da física, cujas noções básicas no tocante à matéria, centros de força, atração etc. são quase tão discutíveis quanto as noções correspondentes em psicanálise. (FREUD, 1987)

\*

O valor dos conceitos “libido do ego” e “libido do objeto” reside no fato de que se originam do estudo das características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos. Falando de uma pessoa sã, que adoece, Freud afirma que ela também retira o interesse libidinal de seus objetos amorosos: enquanto sofre, deixa de amar.

Ao se questionar sobre a sensação desagradável do represamento da libido do ego, Freud explica:

O desprazer é sempre a expressão de um grau mais elevado de tensão, e que, portanto, o que ocorre é que uma quantidade no campo dos acontecimentos materiais é transformada, aqui como em outros lugares, na qualidade psíquica do desprazer. (FREUD, 1987)

Ele então propõe abordar a questão de saber o que torna absolutamente



necessário para a vida mental ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos (FREUD, 1987). Freud se detém na comparação entre as afecções parafrênicas, as neuroses de transferência e na libido liberada pela frustração: “Sabemos que essa ansiedade pode ser transformada por uma elaboração psíquica ulterior, isto é, por conversão, formação de reação ou construção de proteções (fobias)” (FREUD, 1987).

Diferencia a libido objetal masculina e feminina e ressalta a capacidade destas de resolverem as limitações sociais impostas pela condição de mulher.

Segundo Freud, uma pessoa pode amar:

- (1) Em conformidade com o tipo narcisista:
  - (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma),
  - (b) o que ela própria foi,
  - (c) o que ela própria gostaria de ser,
  - (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma.
  
- (2) Em conformidade com o tipo analítico (de ligação):
  - (a) a mulher que a alimenta,
  - (b) o homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar. (FREUD, 1987)

Freud comenta o renascimento do sentimento dos narcisismos primários pelos pais admirando seus filhos e sonhando com a imortalidade.

“Complexo de castração” (nos meninos, a ansiedade em relação ao pênis; nas meninas, a inveja do pênis) é tratado em conexão com o efeito da coerção inicial da atividade sexual (FREUD, 1987).

Sabemos que os impulsos instintuais libidinais sofrem a vicissitude da repressão patogênica se entram em conflito com as ideias culturais e éticas do indivíduo. [...] A repressão, como dissemos, provém do ego; poderíamos dizer com maior exatidão que provém do amor-próprio do ego. [...] Para o ego, a formação de um ideal seria o fator condicionante da repressão. Esse ego ideal é agora o alvo do amor de si mesmo (*self-love*) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. (FREUD, 1987)

O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal.

O Narcisismo é definido como o complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autoconservação, ou seja, essa pulsão recebe um *quantum* a mais advindo da pulsão sexual, tendo esta última então o eu do sujeito como objeto. Para Freud, existe uma fase narcísica no desenvolvimento do ser humano, precedida pela fase de autoerotismo e anterior à escolha de objeto. O Narcisismo pode então ser compreendido como um destino possível para a libido. A definição corresponderia ao chamado narcisismo primário, uma concentração de libido dentro do eu. Posteriormente, na vida do sujeito, quando a libido antes dirigida para os objetos externos se retrai para o ego (então já constituído), fala-se em narcisismo secundário. (BENTO, 1999, p. 6)

Aqui, o narcisismo se revela dentro do padrão do egoísmo. O sujeito lida com a comparação e com a competição pela mediação do outro, a começar com a mãe. Em decorrência disso, ou seja, da necessidade de reforçar o ego através do outro, por intermédio do outro, a questão do amor-próprio se estabelece ao limite de ser fundamental na experiência humana.

Ernest Becker adverte que um animal que adquire sentimento de valor mediante símbolos é obrigado a se comparar, o que gera a rivalidade entre irmãos e afirma que um sistema cultural é uma dramatização de seres heroicos sobre a terra.

A questão da autoestima também é preocupação central na obra de Ernest Becker. O caráter se torna social e o reconhecimento um dos valores básicos. A relação da criança com a mãe e a transferência da poderosa sensação de aconchego e abertura para novas descobertas objetivas de amor constitui o dualismo na experiência humana.

O ego (eu) precisa se sentir confortável no mundo.

## PARTE 3

### 3.1 Ernest Becker

Becker nasceu em 1924, em Springfield, cidade do 104º Regimento de Infantaria, a primeira unidade militar dos EUA premiada por heroísmo com a Croix de Guerre, a maior honra militar da França por ocasião de seus feitos na Primeira Guerra Mundial.

Filho de imigrantes judeus, a hipótese é que Ernest Becker cultivou sua educação influenciado pela cabala. Servindo na infantaria durante a Segunda Guerra Mundial, ele ajudou a libertar um campo de concentração nazista, feito pelo qual o grupo recebeu a Croix de Guerre do governo francês. A mesma unidade de Springfield já havia recebido a mesma honra na Primeira Guerra Mundial. Eventualmente, por essa afinidade, tendo feito a Syracuse University, foi contratado pela Embaixada dos EUA em Paris como funcionário administrativo.

Em 1961, Ernest Becker defendeu, na mesma Universidade em que havia feito sua graduação, uma escola ligada à igreja metodista episcopal situada no norte do estado de Nova York, a tese *Zen: A rational critique*.

Um detalhe marcante das confissões da reforma do pensamento dos jovens chineses é que em quase todos os casos a característica central é uma denúncia pessoal e simbólica do pai. Ele é um símbolo das classes exploradoras, bem como pessoalmente mal. O estudante considera essa denúncia a parte mais dolorosa de toda a sua reforma de pensamento, mas no final ele quase invariavelmente acata. A conversão religiosa também exige precisamente esta catarse do superego parental e a adoção de uma consciência mais ampla, menos constritiva e mais simbólica, sobre a qual basear o comportamento. (BECKER, 1961, p.152 – Tradução minha)

Ernest Becker dialoga com Erich Fromm em toda sua obra, em especial em *Negação da Morte*, e certamente em 1961 conhecia o fato de este haver realizado um *workshop* em 1950 sob os auspícios do Departamento de Psicanálise da Faculdade de Medicina Autônoma da Universidade Nacional do México, em que defende a aproximação entre Zen Budismo e Psicanálise, uma vez que têm ambos como objeto a natureza humana e a prática que conduzem à transformação. Discute a crise espiritual daquele momento e o papel da psicanálise, valores e objetivos nos conceitos psicanalíticos de Freud, propõe a natureza do bem-estar e a evolução psíquica do homem. No documento escrito sobre o evento, foram expostos os conceitos da natureza da consciência, repressão e desrepressão, além de discutidos os princípios do Zen Budismo e da Iluminação. “Exatamente: o indivíduo sofreu uma lavagem cerebral”,

argumenta Ernest Becker, e continua:

A repressão combina-se com o fortalecimento do ego para uma manipulação mais compulsiva de um segmento limitado da realidade. A eliminação de “certos aspectos da existência da fantasia” poderia ser traduzida diretamente na terminologia zennista: a erradicação do erro do apego egoísta. Uma vez que essa “fantasia” de egoísmo é eliminada pela repressão a serviço de um novo sistema de valores, então, “uma certa dose de conformidade e realismo” é alcançada. Mas o indivíduo não está desnudado: ele não apenas aceita “as restrições culturais por seu valor positivo”, ele também tem uma “imagem recém-descoberta de si mesmo como um indivíduo único que tem um *status* ainda mais profundo do que o que a cultura pode fornecer a ele”. Esse *status* e essa imagem recém-descoberta derivam do sistema de valores inculcado pelo terapeuta: a vitalidade e a profundidade mística dos poderes inconscientes. Assim como no Zen, o paciente curado irracionalmente pode ajustar-se melhor à sociedade mais ampla, renovando-se periodicamente nos valores especiais, rejuvenescedores e esotéricos de sua cura de conversão. (BECKER, 1961, p. 161– Tradução minha)

A tese *Zen Budismo e Psicanálise* tangencia o cerne que edifica a presente discussão: narcisismo e catexia em *A negação da morte*. Falaremos sobre repressão adiante. Importante citar um pequeno detalhe na edição brasileira de *A negação da morte*, onde, na nota de número 89, na página 355, o título *Scape from freedom*, de Fromm, é traduzido indicando a obra de Alexander Sutherland Neill, *Liberdade sem medo*, que no Brasil ficou conhecida como precedida pelo lançamento de *Liberdade sem excesso*, para os títulos originais *Summerhill: a radical approach to child rearing* para o primeiro, e *Freedom – not license!*, o segundo. Neill teve grande impacto de vendas no mercado editorial brasileiro, mas absolutamente não trata da obra *Scape from freedom*, de Erich Fromm.

Fromm também foi traduzido para o português e tornou-se *bestseller* pela Editora Martins Fontes com a publicação de *A arte de amar*, centro nevrálgico do narcisismo no presente objeto de estudo.

Além de *A arte de amar* e *O medo à liberdade* – este o título correto da publicação de *Scape from freedom*, de Fromm, para o português –, outras publicações dele no Brasil são: *Análise do homem*, *Conceito marxista do homem*, *Grandezas e limitações do pensamento de Freud*, *O coração do homem*, *Psicanálise da sociedade contemporânea* e *Caráter social de uma aldeia*, todos pela Zahar.

Para Fromm, apenas a produção criativa pode levar à felicidade, enquanto a destruição tem em si o sofrimento, acima de tudo para o próprio destruidor. Para superar a perda das raízes naturais, o homem necessita novas raízes humanas, para poder se reencontrar no mundo. Neste sentido, a relação entre mãe e filho oferece o mais alto grau de enraizamento. A profundidade do sentimento de segurança, calor e proteção é

aqui tão forte que mesmo na idade adulta existe ainda uma ânsia por ele. No fim das contas, o estado, a igreja, o grupo, possibilitam um sentimento de enraizamento na idade adulta do indivíduo, de forma que este se sente parte de uma unidade, ao invés de um indivíduo isolado. O corte do cordão umbilical é um processo assustador, mas certamente necessário para a humanização individual. Somente deste modo é possível ao ser humano realizar progressos e desenvolver-se.

Becker inverte questões comuns como “quem sou?” ou “por que estou neste planeta?” Ao considerá-las, buscando contemplar diferentes pontos de vista, lança luzes sobre o futuro da humanidade. Por que este planeta chegou à atual situação e o que e como fazer para salvá-lo? Sua visão é pessimista.

Ansiedade, impotência e medo da morte levaram a humanidade, por diversos caminhos, à busca incansável pela imortalidade, seja no âmbito da ciência, da alquimia aos fármacos, ou no âmbito da arte, dos monumentos às academias que elegem “imortais”, seja pelo mais singelo elo entre o ser e o universo, a resposta que elegemos porque sentimos, ainda que negando: a hipótese de Deus.

O autor percebe que a necessidade de encontrar significado em evitar as trevas do esquecimento se constitui no cerne do erro da saga na Terra. Paradoxalmente ao fazer o prefácio do livro *A Negação da Morte*, Becker considera a obra como sua absolvição. Compreende o trabalho como um esforço de síntese multidisciplinar de trabalhos que versam sobre seu tema nas áreas de Ciências Humanas e Religião.

O prefácio foi escrito em 1973 e o autor já se posicionava contra a extrema especialização que imperava no meio acadêmico até início do século 21 e destacava ser imperativo maior diálogo interdisciplinar. Becker fala com entusiasmo sobre a obra de Otto Rank e destaca seu conhecimento de largo espectro como característica louvável. Seu objeto do estudo é a condição humana frente a realidade da morte. Sua perspectiva central é a questão do narcisismo e toda uma axiologia que gira em torno do egoísmo e da ânsia da imortalidade. Trabalha com a proposição de que o medo da morte é a mola propulsora de toda atividade humana, e que a fatalidade, invencível, impera. Para sobreviver nesta batalha, o ser humano nega o destino, cria verdades e, apegado às suas leis, divinas ou dos homens, fomentam guerras para sustentar estas verdades.

Há um detalhe tocante nas palavras de apresentação de seu trabalho. Enfrentando um câncer e já bem próximo da própria morte, em 6 de março de 1974 escreve: “Este livro é uma tentativa de obtenção da paz para a minha alma de estudioso, uma oferenda pela minha absolvição intelectual” (BECKER, 2021, p. 13).

Em muitos aspectos, seu pensamento é paradoxal, como também aterrorizantemente premonitório. Na fusão de psicologia, mito e religião, Becker aponta a figura de Eros, o deus-menino lindo que não podia aparecer para Psiquê, menina mortal que se apresentou como oferenda para salvar a sua cidade.

A obra *Will Therapy and Truth and Reality*, de Otto Rank, é apresentada em binômios, tais como medo da vida e medo da morte, ego total e ego parcial, o individual e o social, desejo e força, verdade e realidade ou culpa e felicidade.

Quando Rank coloca o terapeuta e o neurótico como tipos complementares, diferenciando uma terapia ideológica de uma terapia dinâmica, enfatiza a experiência do compreender e do negar, do amor e da força, afinal “passividade, dependência e fraqueza de vontade são, de qualquer forma, o problema que leva o neurótico à terapia” (RANCK, 1945, p. 38 – Tradução minha), um dos momentos em que discute transferência e faz outras comparações com Freud.

Rank também aborda a psicanálise e seu objeto, os seres humanos, não o neurótico reprimido, mas o tipo produtivo e criativo, o que o levou a considerar a psicologia do ego em seus aspectos positivos e construtivos. E questiona a análise ortodoxa em que o ego sempre tem caráter repressivo em contraste com a libido.

Comenta a batalha freudiana entre o id e o superego, fatores psíquicos da representação interior do complexo de pai e do medo de castração (RANK, 1945, p. 118).

Becker esclarece que ele repete e resume coisas que escreveu em outros trabalhos, a partir do que arma a estrutura para os capítulos de *A Negação da Morte*.

Em *The birth and death of meaning*, Becker propõe a fusão da teoria social, da psicologia e da política, em uma perspectiva interdisciplinar sobre o problema da humanidade. Parte da Antropologia, pela imagem da situação do homem primitivo frente a natureza e seus instintos. Esclarece que, ao contrário do pensamento de que a sociedade se forjou em um cenário árido, onde apenas o mais forte sobreviveu, nas sociedades pré-verbais, a socialização e compartilhamento eram dominantes, senão vitais. Na obra, Becker discute níveis de associações e criação de convenções feitas pelos primatas, além de anatomia, especialmente a do cérebro.

Em *The structure of evil: an essay on the unification of the science of man*, Ernest Becker busca inicialmente uma revisão bibliográfica sobre a presença do mal, ao falar em uma teodiceia, termo que provém do grego θεός – *theós*, “Deus” e δίκη – *dikē*, “justiça”, que significa, literalmente, “justiça de Deus”, sendo uma área da filosofia que,

entre outras coisas, busca uma resposta ao paradoxo de Epicuro e ao “problema do mal”. O termo foi cunhado pelo filósofo matemático Leibniz, que criou um método do cálculo integral e derivadas. Becker propõe a ciência do homem como uma antropodiceia. Discorre sobre personalidade e valor, a natureza do Eu (*Self*), a dimensão social do mal.

#### A ciência do homem

É uma ciência fáustica e, dentro das limitações da vida na Terra, poderia se propor a fazer grandes coisas. É uma ciência kantiana e deweyana: é restrita pelas limitações do homem e depende das transações ativas do homem com seu ambiente. Não assume toda a tarefa da religião, pois a antropodiceia não é uma teodiceia: ela se limitaria ao uso de poderes humanos efetuando tudo o que puderem para superar o mal evitável. O homem abandonaria as buscas sobrenaturais por ideais irrealizáveis e consentiria em fazer com que seus significados se desdobrassem no mundo material e cotidiano. (BECKER, 1976, p. 376 – Tradução minha)

Becker analisa na questão do id a necessidade básica da formação do coletivo, o surgimento de diferentes culturas e a percepção de rejeição, que ele retoma em *Negação da Morte*.

O id é um mundo de imagem, imitação, pinturas, emoções, sensações e confusão animal: “O ser humano conhece a morte porque o ego fixa o tempo” (BECKER, 1980, p. 16 – Tradução minha).

O animal não tem consciência do tempo nem do espaço onde ele vive. O autor cita Mumford entre os antropólogos e historiadores que acreditam que a linguagem apareceu em jogos, imitações e eventos ligados à caça. Teria sido provavelmente perto do fogo, quando a comunidade compartilha, lembra e constrói imaginários, em desconhecimento de passado e futuro, assim organiza convenções éticas, que serão, por sua vez, a organização simbólica, nascimento da cultura de cada grupo. Mumford descreve o primata nômade, na situação de total desorientação, e que como observação sensível possibilitou ao ser encontrar-se espacialmente no mundo. Possibilitou as primeiras necrópoles, espaços religiosos e científicos especialmente referentes à observação dos astros. Só então, e interligada a estas construções de reverência aos antepassados, surgem a divisão do trabalho e do tempo, que por sua vez ofereceram estrutura para mudanças no ambiente, resultado da agricultura e assentamentos urbanos.

Na criação e estabelecimento destas convenções acontece o desenvolvimento da linguagem e, possivelmente, constitui o nascimento dos primeiros heróis.

Em *Prometeu Acorrentado*, de Ésquilo, o deus grego Zeus dá aos mortais, para além dos domínios do fogo, a linguagem, a leitura do ocaso dos astros, signos até então ignotos.

O engenho humano assume a característica de divino e mágico. Prometeu criou o ser humano a partir do barro na narrativa das *Metamorfoses* de Ovídio.

Becker destaca que sem pronome pessoal não haveria linguagem de grupos humanos nem um verdadeiro ego: “O individual existe com foco nos seus poderes e nas ações que acontecem ao redor do seu mundo. A criança se vê como objeto dos outros antes de se conhecer como sujeito” (BECKER, 1980, p. 22 – Tradução minha).

São feitas diversas comparações e analogias com Freud, Adler e outros, que esclarecem a leitura de *A Negação da Morte*, onde o autor descreve a característica do conceito de narcisismo primário:

A criança bem alimentada e amada desenvolve, como dissemos, um sentido de onipotência mágica, de indestrutibilidade, de poder comprovado e de apoio seguro. Ela pode imaginar-se, lá no fundo, eterna. Poderíamos dizer que sua repressão da ideia de morte lhe é facilitada porque ela, a criança, na sua vitalidade muito narcísica, está fortalecida contra tal ideia. Esse tipo de caráter provavelmente ajudou Freud a dizer que o inconsciente não conhece a morte. Seja como for, sabemos que o narcisismo básico é aumentado quando as experiências da infância do indivíduo são apoiadoras da vida e reforçam afetuosamente o sentimento do eu, de ser realmente especial, verdadeiramente o Número Um na criação. (BECKER, 2021, p. 43)

Ele afirma, por exemplo, que Freud descobriu a natureza do ego e questiona se não seria o ego a chave do problema da neurose. O ego cresce insuflando ansiedade e para mantê-la sob controle, cria mecanismos de defesas como negação, projeção e repressão. Segundo Becker, o trabalho de Freud sugere que o processo de humanização por si mesmo é a neurose. A limitação de experiência, a fragmentação da percepção e a disposição para um controle interno genuíno. A universalidade da escravidão e da cegueira humanas são o que constitui a neurose. (BECKER, 1980, p. 55 – Tradução minha).

O narcisismo, segundo Ernest Becker, é o que gera a ânsia do homem pelo heroísmo. Uma vez que o narcisismo se alimenta de símbolos, torna-se necessário demonstrar valor. Assim, a sociedade arma o seu sistema de heróis.

Segundo Becker, a humanidade sempre achou que a vida era um palco para o heroísmo. As crianças, no período do narcisismo primário, sentem prerrogativas de sua sensação ilimitada de auto expansão. O heroísmo confere certeza da significância cósmica.

Uma vez que um sistema cultural é uma dramatização de seres heroicos sobre a Terra, costumes, códigos, regras, leis são instrumentos com os quais cada cultura cria seu sistema de heróis, quando o indivíduo veste uma máscara que o transforma numa persona que, por sua vez, vive uma “ficção” ainda não escrita. Existe uma prospecção.



O ato acontece na expectativa de determinado resultado.

O sistema de heroísmo pode ser primitivo, mágico e religioso ou secular, científico e civilizado, mas, de qualquer forma, trata-se da criação de um herói mítico que pretende ostentar seus valores, imortalizando-se em monumentos, templos, grandes obras, ou mesmo cultivando e sustentando uma família. Há uma indistinção entre ciência e religião, crença e fé.

Ernest Becker afirma que admitir honestamente a ânsia pelo heroísmo seria libertador para as sociedades. Para o autor, tornar-se ciente da necessidade de heroísmo é o principal problema autoanalítico da vida: o terror de admitir a necessidade de obter autoestima.

Aprendemos, na maior parte com Alfred Adler, que aquilo de que o homem mais precisa é sentir-se seguro em seu amor-próprio. [...] Um animal que adquire o seu sentimento de valor mediante símbolos é obrigado a se comparar. (BECKER, 2021, p. 21- 22)

Ernest Becker inicialmente busca mostrar o avesso do heroísmo ao dizer que o ser é, antes de qualquer coisa, um reflexo do terror da morte e que o que mais admiramos no homem é a coragem de enfrentá-la. Damos a esse valor a nossa mais alta admiração.

Desde as épocas primitivas e antigas, o herói era o homem que podia entrar no mundo espiritual, no mundo dos mortos e voltar para o mundo dos vivos.

Becker comenta que as antigas religiões mediterrâneas, como os cultos a Ísis, Osíris ou Dionísio, tratavam da morte e da ressurreição. Desafiar a morte e comemorar vitória sobre ela teria sido também a base do cristianismo.

Becker estuda a criança, o medo do aniquilamento e a consciência da morte em diversas religiões. Discute a idade em que a criança toma consciência da morte e discute o papel que os pais têm nesse temor durante a infância. Cita William James para dizer que “a morte é o verme que está no âmago” das pretensões à felicidade (BECKER, 2021, p. 35).

O autor comenta sobre o número de pesquisas e opiniões a respeito do medo da morte, grande demais para ser abordado e resumido com simplicidade. Segundo ele, o darwinismo põe em evidência que o problema da morte configura um problema evolucionário.

O medo da morte está universalmente presente. As neuroses de angústia, diferentes estados fóbicos, estados depressivos, suicidas e esquizofrenias, bem como

outras psicopatologias têm sempre presente o medo da morte, temor da morte, ou como quer Becker, terror da morte. O temor precisa ser reprimido em esforço psicológico para que o indivíduo possa ser uma pessoa funcional.

A autopreservação é uma forma que humanos e animais compartilham com o medo. O terror da morte e o instinto de autopreservação exigem um gasto constante de energia psicológica, que faz com que seja impossível funcionar sem que haja a repressão.

No processo evolutivo, no processo do poder de repressão, o homem molda ou aceita o molde imposto pela cultura. Norbert Elias descreve o fato em várias obras de sua autoria, em especial em *A sociedade de corte*, como códigos de conduta capazes de separar indivíduos dentro de uma sociedade. O ser humano cria técnicas de defesa de caráter e aprende a inserir-se no jogo dos poderes. Existe uma transmutação da repressão até a serenidade.

É possível encontrar nas teses de Norbert Elias abordagens que relacionam o processo civilizador à estrutura do teatro. O teatro como o microrretrato da ação, enquanto a sociedade é o macro. O real e o espectro.

As teorias científicas elisianas partem desta analogia, latente, porém não sempre declarada, entre teatro e sociedade. A principal tese defendida em seu *A sociedade de corte* é que o processo civilizador, que acontece na passagem de uma sociedade guerreira feudal para a sociedade de corte, ocorreu com o estabelecimento de todo um conjunto simbólico de valores, leis, usos e costumes, rigorosamente exigidos dentro de uma monarquia absolutista, que condicionava a vida em sociedade à coerção das pulsões.

Tais mudanças dos homens que se trata, quando falamos de uma individualização mais intensa, de uma couraça em torno das emoções, de um distanciamento maior em relação à natureza, ao indivíduo e ao eu [...] A couraça das autocoerções, as máscaras que os homens singulares das elites de corte desenvolvem então, como parte deles mesmos, de sua própria pessoa, a um ponto que nunca fora alcançado antes, são coisas que também aumentam a distância entre os indivíduos. (ELIAS, 2001, p. 246)

O uso recorrente do termo “couraça” também sugere a imbricação com as teorias desenvolvidas pelo antigo colaborador e polêmico Wilhelm Reich, que propõe a formação de um mecanismo de defesa em torno do ego, que precisa enrijecer, ser cimentado, quando ocorre um recalque dos desejos genitais do ser humano em virtude do medo da punição.

Ernest Becker fala de uma couraça de caráter criada na luta terrível entre a

realidade do corpo e a existência do mundo simbólico.

Associado à couraça, surge no corpo, na forma de somatização, a hipertonia ou rigidez muscular. “A rigidez muscular e a rigidez psíquica são uma unidade, sinal de perturbação da motilidade vegetativa do sistema biológico como um todo” (REICH, 1998, p. 316).

O corpo inteiro comunica de forma não verbal seus estados de espírito. Dentre as couraças musculares, Jura Otero dá o exemplo de que quando, enfrentando uma depressão, a respiração obriga o corpo do sujeito a se colocar em uma postura em que o ato de inspirar torna-se restrito ao mínimo necessário. A pouca quantidade de ar oferecida ao corpo oferece menor troca química com o ambiente e desequilibra o organismo. A musculatura atrofia conforme a postura se impõe, a ponto de o indivíduo não mais conseguir voltar a uma postura aberta e confiante. A couraça faz do corpo inteiro uma marionete conduzida pelos costumes. A criança vive em luta contra as regras simbólicas, o que gera custos aos indivíduos adultos, psicoses secretas e máscaras (OTERO, 1985).

A criança nada mais é do que seu corpo, no que diz respeito à natureza. Inicialmente, o próprio corpo era estranho. Os aprendizados de controle do esfíncter e demais satisfações de necessidades orgânicas acontecem em meio a estranhamentos. Segundo Becker, o valor da natureza é o valor físico e o valor humano é o valor mental. Nesse sentido, Freud cunhou o vocábulo *Reizschutz*, termo alemão composto por *Reiz*, que significa proteção, e *Schutz*, que significa estímulo. Podemos encontrar a tradução para a língua portuguesa como escudo protetor ou, frequentemente, traduzido do inglês “*the protective shield*” apenas como “proteção contra estímulo”. Trata-se de um recurso de proteção que o aparelho psíquico desenvolve. Segundo Becker, a mentira nos condena a uma vida que não é realmente a nossa. A realidade é sofrimento.

Em *A negação da morte*, Becker fala da escravização pela mentira, pela obscuridade, por mecanismos de defesa, couraças e armaduras, que carregamos em um confinamento antigo e altivo de nossa reserva. Diz que “o caráter de uma pessoa é uma couraça contra o desespero” (BECKER, 2021, p. 89).

Ferenczi, segundo Becker, chama psicoses secretas os traços de caráter que o indivíduo apresenta nos jogos sociais, nas máscaras da sisudez ou comportamentos em público.

O caráter humano como mentira vital. O ser humano sofre terror de vida de estar no mundo que luta contra o terror de morte por estar no mundo: “Todo o nosso mundo

de certo e errado, bom e mau, nosso nome, exatamente quem somos, tudo isso é enxertado em nós” (BECKER, 2021, p. 72).

É necessário extrair coragem de Deus, do saldo bancário, seja de quais relações simbólicas de segurança que nos levem para longe da solidão e do desamparo. Na ansiedade, o indivíduo se esquia. Becker afirma que o homem sente o temor da vida e igualmente o temor da morte.

O ser sente necessidade de estar no mundo de alguma forma equânime, e proprietários de um certo tipo de força e retidão, de enfrentar o medo da plena intensidade da vida, resistir à evasão do crescimento e conseqüente fuga do sucesso. Becker volta a citar William James quando diz que tudo se traduz em uma simples falta de força para suportar o superlativo para abrir-se a totalidade da experiência.

Comprendemos a psicose como o completo e absoluto colapso da estrutura do caráter. Dualismo existencial e dualismo humano: “Porque o eu é uma síntese na qual o finito é o fator limitante e o infinito é o fator de expansão. O desespero da infinitude é, portanto, o fantástico, o ilimitado” (KIERKEGAARD *Apud* BECKER, 2021, p. 103)

É necessário conciliar duas posições divergentes em relação ao temor da morte. Na esquizofrenia, acontece a ruptura do eu e do corpo, o eu simbólico se torna “fantástico” (BECKER, 2021, p. 103). Vivemos um torturante dilema por sermos literalmente divididos em dois. Nosso âmago é paradoxalmente metade animal, metade simbólico. Consciente *versus* inconsciente.

Os temores do homem são formados com base nas maneiras pelas quais ele percebe o mundo. Ele pode perceber os seus poderes mágicos e a sua verdadeira onipotência como criança. Becker afirma que, ironicamente, quando a criança percebe relações reais de causa efeito, essas se tornam um fardo para elas que exageram e generalizam. A repressão toma conta do símbolo complexo da morte na maioria das pessoas, mas a repressão não é uma palavra mágica. Trata-se de um fenômeno verdadeiro. A universalidade do temor da morte é fundamento deste estudo da legitimidade como conceito científico, que faz da repressão um aliado mais ou menos confiável na argumentação de William James citado por Becker: a morte é o verme no âmago.

Desejo de morrer *versus* desejo de matar, o dualismo da guerra, quando matar é uma solução simbólica de uma limitação biológica, um doloroso conflito. Ânسيا de liberdade e contradições da função excremental.

É importante destacar que a forma de funcionar da repressão não é simplesmente

que ela seja uma força negativa. Supondo as energias da vida, ela vive às custas dessas energias e das suas formas criativas.

A natureza parece ter imbuído nos seres vivos uma mentalidade saudável e inata, os temores são naturalmente absorvidos pelo esforço organísmico expansivo.

Becker fala da analidade e propõe uma nova visada às teorias de Freud, partindo do paradoxo do ser humano ao se ver dividido entre a natureza e o mundo simbólico. Faz uma reinterpretação de Freud em contexto existencial. Discute o dilema da criança em lidar com seu próprio corpo e sua escatologia. Há uma simetria entre as duas partes do problema com o qual ela lida, que acentua o dualismo, o conflito interno e a ansiedade. O ser humano foge da ambiguidade e da dúvida.

A plena compreensão da condição humana levaria o homem à loucura. [...] O homem é necessariamente louco porque não ser louco resultaria em outra forma de loucura. (BECKER, 2021, p. 49)

### **3.2 Narcisismo em Ernest Becker**

A fortaleza do corpo é a base fundamental para o narcisismo. A sexualidade, inseparável do paradoxo existencial, imprime o dualismo natural do homem. O eu interior, a mente, atinge a esfera infinita do simbolismo humano, no embate entre corpo e símbolos. Becker questiona o transcendente no mistério da criação e afirma que o sexo também é uma maneira positiva de trabalhar no projeto pessoal de liberdade do indivíduo.

Becker afirma que Freud não conheceu, quando criança, não compreendeu quando adulto, e não aceita até o fim o horror do homem em relação à condição humana.

A atração do menino pela mãe e a rivalidade com o pai, a sensação de castração e a culpa arraigada são desafios da vida do indivíduo. Controlando a mãe, a criança controla o mundo e isso é um caráter do narcisismo. O domínio e a posse do mundo através do autocontrole é um caráter do sistema obsessivo.

A dificuldade básica do ser humano, de sermos simultaneamente vermes e deuses em suportar o superlativo, ser milagre da criação enquanto possuímos um corpo falível, faz com que o ser humano sinta medo da plena intensidade da vida. Eventualmente o ser sente medo de concretizar os seus plenos poderes. Perplexidade e impotência, terrores da natureza e medo do abandono o acompanham até o fim.

Becker reflete sobre a psicologia e a psiquiatria: morte, nascimento e renascimento terapêutico, e comenta a plena consciência do absurdo. Para ele, traços de caráter são psicoses secretas.

Em *Revolution Psychiatry*, Ernest Becker discute a esquizofrenia, como patologia, e a depressão para fazer uma crítica à abordagem psicológica e psicanalítica. Delineia, então, o escopo do que ele chama de revolução científica, apontando para um novo significado para a normalidade bem como novas perspectivas para a criação de políticas públicas consistentes voltadas à saúde psicológica da população, com foco na questão da identidade e escolhas pessoais.

Enfatiza que a ciência e a crença, a psiquiatria e a religião se reforçam mutuamente.

O homem é uma multidão de contrários, autoconsciência *versus* corpo físico e individualidade *versus* divindade parcial na criação e apresenta completa incapacidade de dominar a ambiguidade animal e espiritual. A angústia é consequência da absoluta ambiguidade da condição humana e do conhecimento da limitação, resultado da percepção da verdade.

Ernest Becker desenha uma cartografia espiritual quando une diferentes aspectos do narcisismo, ligando às transferências os usos psicológicos da culpa e do medo por autocratas e líderes, que podem ser no âmbito familiar com isolamentos, alienações e desvios simbólicos, tais como acreditar que a Terra é plana ou que nunca houve o holocausto ou que a vacina metamorfoseia o indivíduo. A humanidade está em desamparo.

Segundo o autor, “O narcisismo se alimenta de símbolos” (BECKER, 2021, p. 21).

Crer conforta os corações desamparados, porém o mundo simbólico está em constantes mudanças e símbolos são construções formadas por diferentes termos e proposições. Verdades são as estruturas capazes de esfarelar o falso, ainda que o sistema imponha sagradas inquisições.

A necessidade de amor-próprio combinada com o narcisismo básico gera incômodas aberrações. Na ânsia de heroísmo, absorto em si mesmo, o ser humano, amarrado à tragédia de Narciso, sente que todos são sacrificáveis, exceto ele mesmo. O indivíduo se protege contra o estranho e o diverso. Imerso na imagem de herói, o narcisista está certo de ser imortal. A rivalidade e a comparação refletem a competição constante em que vive.

Figuras de autoridade narcisistas incorporam o sistema de heróis e impõem ordem e, quando objeto de transferência, despertam a angústia ligada à possível perda dessas figuras.

O objeto de transferência personifica o *mysterium tremendum* da existência. Ele é o milagre primordial. Em sua existência concreta, ele transcende as simples ordens simbólicas, e o que é mais natural do que agir de acordo com essa miraculosidade? (BECKER, 2021, p. 257)

O modo dualista da vida humana pode incapacitar uma pessoa no embate entre o terror da vida e o terror da morte, que estão encapsulados no sintoma.

Podemos, agora, ver como o problema da neurose pode ser exposto ao longo das linhas dos dúplices motivos ontológicos: de um lado, a pessoa se funde com o mundo à sua volta e se torna uma parte demasiado grande do mundo e, com isso, perde o direito à vida. De outro lado, a pessoa se separa do mundo a fim de reclamar o seu direito *completo* e, com isso, perde a capacidade de viver e agir no mundo segundo as condições desse mundo. (BECKER, 2021, p. 224)

Na neurose narcísica ou psicose,

O psicótico é aquele que não pode isolar-se do mundo exterior, alguém cujas repressões estão todas na superfície, cujas defesas já não funcionam; e por isso ele se isola do mundo e se volta para si mesmo e suas fantasias. Ergue uma cerca a sua volta e se torna o seu próprio mundo (narcisismo). [...] A pessoa substitui o mundo real fragmentário da experiência pelo mundo mágico do eu que a tudo abrange. (BECKER, 2021, p. 224-225)

Segundo Ernest Becker, a transferência é um problema pré-edípiano e remete ao período do saudável narcisismo primário, mas pode se tornar um problema de coragem, um problema de valor e reflexo de covardia.

O narcisismo é vastamente usado como instrumental básico do capitalismo por este ser inseparável da autoestima, de um sentimento de valor pessoal e intransferível, que confere ao indivíduo uma aura protetora. Com o indivíduo narcisista ocorre se tornar objeto de transferência para quem está no desamparo, o que alimenta uma cadeia de dependências.

A autoestima expressa o tamanho do ego. [...] A volta da libido objetal ao ego e sua transformação no narcisismo representa, por assim dizer, um novo amor feliz; e, por outro lado, também é verdade que um verdadeiro amor feliz corresponde à condição primeira na qual a libido objetal e a libido do ego não podem ser distinguidas. (FREUD, 1914, p. 62)

### **3.3 Mito em Ernest Becker**

A celebração do ciclo da vida sempre foi motivo de culto nas mais primitivas comunidades. Dionísio, Ísis e Osíris, Pentecostes, são alguns exemplos das festividades em honra ao milagre da vida, da terra, da semente, da árvore, do alimento, da reprodução. A observação dos ciclos gera ambas, religião e ciência.

Antropólogo social, Ernest Becker acredita que muito antes da lei do mais forte, das guerras, das tribos, a raça humana não teria sobrevivido se não fosse possível a

compreensão e união entre os seres. O desejo do filhote por aconchego difere entre seres humanos e animais. Os seres humanos, desprovidos de garras ou presas ou couro ou cascos, é um ser absolutamente frágil. A sobrevivência da raça humana somente aconteceu devido ao poder de comunicar, agir em bandos, compartilhar.

O ser humano precisa de afetos, trocar informações e convencionar, criar regras, leis lhe são necessidades básicas.

### 3.3.1 *Narciso acha feio o que não é espelho*

Em *The birth and death of meaning*, Ernest Becker aponta seis problemas humanos comuns, que somados à questão central do narcisismo, nos guiarão nas análises do trabalho, particularmente ao tratarmos dos assentamentos urbanos.

1. Qual é a relação do homem com a natureza? Ou seja, o que devemos obter da natureza e como nos relacionamos com ela e transacionamos com ela para obter o que precisamos?
2. Quais são as predisposições inatas dos homens? Ou seja, qual é a sua natureza básica, o que se pode esperar deles? Este é um problema crítico da vida social porque quando o respondemos sabemos que tipo de reações esperar de objetos humanos voláteis. Cada um de nós tem uma teoria da natureza humana, ou suposições tácitas sobre a natureza humana, esteja ele consciente deles ou não, que lhe permite navegar no mundo social.
3. Que tipos de personalidade são mais valorizados? Esta é a questão básica do *status*. Quando a respondemos, ela nos revela a hierarquia dos heróis na trama cultural, na qual podemos nos esforçar para ocupar nosso lugar.
4. Quais são os modos de se relacionar com os outros? Isto é, como tratamos os outros, como nos juntamos a eles ou contra eles no drama social? [...]
5. Esta pergunta, e a próxima, são mais metafísicas, como a primeira: em que tipo de dimensão espaço-temporal ocorre a ação humana? As respostas a esta pergunta podem ser enormemente variadas e aqui aprendemos mais com nosso estudo das sociedades primitivas e tradicionais. [...]
6. Deixei para o final a questão de interesse mais direto; e provavelmente aquele que colocaríamos em primeiro lugar se acordássemos em outro planeta estranho: qual é a hierarquia de poder na natureza e na sociedade (e onde me encaixo nela)? Se não acertarmos esta questão, falhamos imediatamente em todas as outras. Afinal, somos organismos físicos transcendidos pela natureza e, se quisermos sobreviver, devemos calcular imediatamente a relação de nossos poderes com os do mundo que nos cerca. O problema do poder é a questão animal básica e natural. É também a questão primária de um animal destinado a lutar pelo heroísmo: o poder deve ser sua principal preocupação, tanto como veículo para si mesmo quanto como obstáculo ao sucesso. Isso explica por que a vida do homem, desde a infância, é uma exploração do problema do poder evidente e oculto. (BECKER, 1980, p. 117-120 – Tradução minha)

As questões acima, levantadas por Ernest Becker e projetadas para o desenvolvimento do território, apontam para as demandas do pensamento decolonial.



#### 4.1 Jogo da Cidade Nova

Considerando que antes da invasão europeia nos territórios do novo mundo o conceito de cidade, ou de edificações permanentes e espaços prioritariamente privados, não era conhecido, o uso original do lugar onde fica hoje o Pátio do Colégio, em São Paulo, era de circulação com ocupações temporárias. Segundo Aziz Ab’Saber, o Tamanduateí e sua várzea faziam parte de uma teia de circulação de grande capilaridade, usada pelos indígenas e que sem o conhecimento dela os europeus não teriam chegado ao local escolhido para a fundação do Colégio.

Considerando que a Companhia de Jesus era uma ordem recém formalizada por Roma, cujos membros tinham o dever de fazer voto de pobreza, e que a ordem recebia pessoas com problemas de saúde, como o P. José de Anchieta, pode-se inferir não serem os jesuítas supostamente soldados a guerrear pela coroa. Porém, o certo é que vieram armados e guerream.

Os jesuítas traziam na bagagem o monoteísmo e a certeza de serem “filhos de Deus”, além de um rigoroso conjunto de regras e leis. Nesta imagem estava incluída a perfeição do universo. O homem é o centro do universo porque a terra é o centro do céu. Também é certo que a cultura europeia investiu em fortalezas e muralhas, mas como, no interior, nos embates, os nativos inimigos não conheciam a pólvora, o muro da pequena vila que se formava foi feito, logo nos primeiros dias, em taipa, e as casas em pau-a-pique, uma técnica de trama de madeira sobreposto por terra suficiente para oferecer proteção.

Seguiu-se ao Colégio, a povoação da vila, com os brancos cristãos fazendo o assenhoreamento das terras. Todo o território da América Latina passava a ser disputado por duas coroas e os nativos considerados expropriados passavam a ser objeto de captura destinada à escravidão.

O estabelecimento do Colégio se deu por motivos econômicos e topográficos.

Nóbrega compreendia que a convivência dos estudantes e noviços com os colonos de São Vicente prejudicava a formação religiosa e moral. [...] Para evitar a repetição de incidentes desagradáveis, decidiram fundar uma casa separada dos colonos. Era medida urgente não só para a formação adequada e robusta dos futuros jesuítas, como para a imunização dos índios recém-convertidos enquanto não assimilavam a civilização cristã e se não defendiam por si próprios da cobiça e maus exemplos daqueles que incoerentemente se diziam civilizados. Nóbrega estudou o local e escolheu sítio junto do Tietê, perto da confluência do Tamanduateí, entre este e o Anhangabaú, posição magnífica, defendida naturalmente das incursões do mar pela serra altíssima, com um clima suave, de ares puros, despejados e largos, que favoreciam o

estudo, ou, como escreve António de Matos, “*ibi eit purius et frigidius coelum quo Minerva gaudet*” ou “lá irá um céu mais puro e mais fresco onde Minerva se regozija”. (LEITE, 1938, p. 8.)

Percebe-se que a necessidade que os padres viam em fundar uma cidade isolada era parte do conjunto de costumes que havia de ser imposto. Em 25 de janeiro de 1554, os padres jesuítas Manuel da Nóbrega e José de Anchieta fundaram, no interior da Capitania de São Vicente, a instituição educacional e missionária na Vila de São Paulo de Piratininga, onde desenvolvem uma vida pouco ligada à metrópole portuguesa.

Está principiada uma casa na povoação de S. Vicente, onde se recolheram alguns órfãos da terra e filhos do Gentio; e do mar dez léguas, pouco mais ou menos duas léguas de uma povoação de João Ramalho, que se chama Piratinin, onde Martim Afonso de Sousa primeiro povoou, ajuntamos todos os que nosso senhor quer trazer à sua igreja, e aqueles que sua palavra e evangelho engendra pela pregação, e estes de todo deixam seus costumes e se vão estremando dos outros, e muita esperança temos de serem verdadeiros filhos da igreja, e vai-se fazendo uma formosa povoação e os filhos destes são os que se doutrinam no colégio de S. Vicente. (NOBREGA, 1955. p. 190)

Órfãos da terra refere-se aos portugueses em exílio. A Companhia de Jesus foi fundada durante o reinado de João III, mas a chegada a terras brasileiras já havia acontecido durante o reinado de Manuel, o venturoso, que por sua vez veio para a corte da região de Belmonte, mesma região do navegador Pedro Álvares Cabral. Há um detalhe que enseja uma pesquisa mais detalhada que é o fato de dona Violante Cabral, irmã deste último, ter introduzido Gil Vicente na corte portuguesa. A aparição do dramaturgo e ator do *Auto da Visitação* se deu, segundo Braamcamp Freire, por ocasião do nascimento do primeiro filho de Manuel, o mesmo que viria a ser João III. Este ato inaugura o teatro em língua portuguesa.

Gil Vicente por sua vez era contra a expansão marítima de Portugal. Ele critica a avareza e a ganância no *ethos* português de seu tempo. Um dos conflitos pessoais que este autor teve durante a vida foi exatamente o fato de um dos seus filhos ter embarcado em uma nau e não retornado à terra natal. Segundo Braamcamp Freire, um dos filhos de Gil Vicente deixou Portugal em uma embarcação e nunca retornou (FREIRE, 1944, p. 40).

Caso tenha sobrevivido aos naufrágios, ele teria sido um órfão da terra em algum lugar, que pode ser a África, a China ou mesmo o Brasil.

Belmonte, cidade de onde saíram para a corte D. Manuel, Pedro Álvares Cabral e Gil Vicente, é a primeira cidade portuguesa a ter uma sinagoga, tendo a adesão deste monarca à inquisição sido pequena em relação à época. Manuel foi venturoso, dada a

morte do rei, marido de Dona Leonor, sua prima. Ele assumiu o trono por forças das circunstâncias, não previstas, porque morreram primeiramente o príncipe e depois o rei foi assassinado. Rei, Manuel se casa com a viúva do príncipe por motivos diplomáticos e, uma vez morta, casa-se outra vez com a prometida a seu filho, que virá a ser João III.

Na ocasião das segundas núpcias, Gil Vicente terá que organizar um grande festival para a entrada da nova rainha e encenar um auto, o *Auto de Mofina Mendes*, para seu então príncipe. D. João, insatisfeito, não participou da festa. Mofina é uma campesina desatenta, que deu muitos prejuízos ao senhor da terra e recebe um pote de azeite como pagamento. Sonha em vendê-lo, comprar ovos de pata e ficar rica. A cena termina com o pote caindo e o azeite derramado.

Fato é que a coroa portuguesa passou das mãos de Manuel, o venturoso, que havia recebido toda a tecnologia para a expansão marítima, para as de João III, o fervoroso, filho de Maria de Aragão, a católica, em 1521. Em 1534, é fundada a Companhia de Jesus com votos de pobreza e castidade de seus integrantes, bem como submissão às ordens do papa, em especial referentes ao destino de suas missões.

É curioso o fato dos seguidores de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus, introduzirem o hábito de montagens teatrais no centro da pequena vila. Em 1559 é inaugurada a Universidade Jesuíta em Évora e, no mesmo ano, Paulo IV divulga o I Índice com as leituras proibidas pela Igreja Católica Apostólica Romana.

Os jesuítas optaram pela tática missionária de doutrinar os filhos dos nativos e de órfãos da terra através da música e do teatro. A música foi usada como um dos primeiros instrumentos de catequização. Na Bahia, o padre Aspícueta Navarro inaugurou o sistema de aproveitar as cantigas lascivas, transformando-as em cânticos de fé.

A Capitania de São Vicente recebe inicialmente o padre Leonardo Nunes, que vem, segundo Carlos Penteado de Rezende, acompanhado pelo irmão Antonio Rodrigues, mestre de canto e flauta em 1550. Padre Manuel da Nóbrega comenta: “A música e a harmonia das vozes se atrevam a trazer a si todos os gentios da América” (NÓBREGA *Apud* REZENDE, 1954, p. 197).

A escolha pelo planalto é uma decisão muito complicada pela dificuldade de acesso, que virá a ser fator determinante da formação do caráter do povo. A diferença de quota e condições de acesso que o separam do mar são obstáculos naturais que trarão como consequência um profundo isolamento inicial, exigindo empenho e investimentos financeiros públicos e particulares através da história.

Forma-se no território um campo de guerra. Como a característica do rio Tietê é de correr para o lado oposto ao oceano Atlântico, o desbravador podia ser jogado em direção ao interior na busca de metais e pedras preciosas. Assim, a vila tornou-se atraente para aventureiros.

Os muros da cidade de São Paulo são indícios da resistência dos povos originários à edificação da cidade.

Afonso de Escragnolle Taunay discorre ao longo da obra *Documentos da Câmara de S. Paulo nos Primeiros Anos (1554-1601): ensaio de reconstituição social*, a aridez, precariedade e dureza de toda a situação em que viviam os moradores, que incluem os documentos e “actas da edilidade” em que o historiador se apoia.

Localizado, pelo excelente critério jesuítico, em magnífica posição no pequeno platô dominador da várzea e apenas acessível de um lado, não pode, contudo, o S. Paulo dos primeiros anos, prescindir dos anteparos que o pusessem a coberto das agressões inopinadas dos selvagens, seus vizinhos imediatos. Assim, desde os primeiros dias, cercou-se de muros e estacas. (TAUNAY, 1921, p. 7)

Taunay descreve a cidade um século depois: “Assim, pois, surgiu São Paulo, pelo Século 17 adentro, murado de toscas e rudes taipas como se uma praça de guerra, medieval, fora” (TAUNAY, 1921, p. 14).

A precariedade da vila é descrita na obra. Os materiais para construções de grande porte eram escassos. Muitas casas

cobertas com sapé. Buracos eram feitos no muro por moradores, para que estes chegassem às suas hortas e plantações que se situavam fora dos muros da cidade.

O teatro jesuítico usa elementos indígenas, tirados da fauna, ou da etnologia, lançando mão do medo que os nativos tinham dos *anhangas*, entidades comparáveis aos demônios europeus. Serafim Leite destaca duas espécies de representações: para as aldeias, autos; e para os colégios, além dos autos, havia comédias e tragédias. Sincretismo religioso como instrumento de ação evangélica.

A opção pelo espaço externo encontra forte identidade com uso do espaço indígena. O teatro assume o local onde de hábito as populações originárias se reuniam. Seguiu também a tradição do teatro religioso da Idade Média europeia, que trazia o encontro entre o sacro e o profano.

As representações no Brasil virão a ser, no final do século XVI, preocupação de Roma, que enviou ordens de restrição ao hábito em várias cartas. Em documento de 1554, por exemplo, Marçal Beliarte manifesta-se ao Procurador enviado pela igreja

católica, advogando pela manutenção das representações.

*Pregação Universal* em português e tupi estreia, segundo Serafim Leite, primeiro em Piratininga, sendo levado depois para São Vicente. A representação acontece considerando a ordem de Roma, ao ar livre, no pátio da igreja. Consta que se deu sob ameaça de um temporal. Como, a pedido de Anchieta, a audiência permaneceu para assistir ao espetáculo e o dilúvio que se anunciava caiu apenas após o final da festa, o episódio foi considerado como uma prova de que os membros da Companhia eram enviados de Deus. Essa passagem, somada a outra semelhante que viria a acontecer em Niterói, quando da apresentação de *A festa de S. Lourenço*, constam da lista de milagres no processo de canonização.

Na primeira fase, a vila é o lugar onde os rigorosos costumes são impostos com discursos autoritários e onde a música e a festa são usadas como instrumento de doutrinação.

Conforme o número de mineradores e aventureiros aumenta, crescem as propriedades, a vaidade e os muros.

Havia grande número de festas e folguedos populares, de que se tem documentos através das normatizações da câmara e resolve-se que ficariam proibidos os bailes noturnos.

No final do século XVI, as festas reuniam toda a população da cidade. As procissões passavam a ser eventos oficiais promovidos pela câmara municipal criada em 1560. A princípio são três grandes eventos fixos: as procissões de *Corpus Christi*, Visitação de Nossa Senhora e do Anjo da Guarda.

O território foi colonizado inicialmente por emigração de desterrados e condenados. Algumas invasões distantes da vila, como a francesa ou holandesa, trazem outros europeus, mas a coroa portuguesa apenas faz doações das terras, que estão eles próprios a invadir, a quem pode provar duas gerações de ascendentes cristãos.

Diversas etnias de indígenas viviam por aqui. As memórias de cada uma dessas populações precisam ser investigadas e reconstruídas. Sabe-se que os muros foram levantados para guerrear com os povos da região.

O Século 17 começa com o aprofundamento de conflitos entre os interesses dos colonos mineradores e jesuítas. Outras ordens religiosas chegaram à vila. São elas: a Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, de 1594, e acontece a chegada do beneditino frei Mauro Teixeira. Em 1606 já havia a Irmandade da Misericórdia e em 1608 seu hospital (TAUNAY, 1927b, p. 193).

A população da capitania captura indígenas para o trabalho escravo, mas estes oferecem enorme resistência. Logo, além da crescente força bélica, a corte passa a aceitar a importação de mão de obra de africanos escravizados. A penetração na mata é facilitada pelo rio Tietê e tem a vila de São Paulo como passagem obrigatória.

Essa atividade gera conflito frontal com os interesses dos catequizadores jesuítas, que agiam no sentido de proibi-la e, logo, tentarão coibi-la através da excomunhão.

O bandeirantismo sofre um golpe quando D. Francisco de Sousa obtém de Filipe II (terceiro na Espanha) autorização da criação de governo autônomo. Lei de 1611 declara indígenas livres de cativoiro.

A cidade é edificada e mantida por seus moradores. Assim, destaca Affonso Taunay, vemos que em 1615 a Câmara convocou: “todos os moradores para que acudissem com ferramentas, foices, machados, enxadas e mantimentos para irem fazer as pontes do Caminho do Mar por assim ser necessário” (TAUNAY, 1927<sup>a</sup>. p. 89).

Da mesma forma, vemos a produção das procissões passarem a constar das atas da câmara. Em 1623, nos preparativos da procissão de Santa Isabel, *Festa d'El Rey*, são convocados todos os moradores sob pena de 2 tostões de multa, a limpar, carpir as testadas das casas. Em 1625, ata de 15 de fevereiro resolve que para a procissão dos Passos cada morador “mandasse seu negro com sua enxada a carpir o adro da matriz e da praça desta dita villa” (TAUNAY, 1927<sup>a</sup>, p. 275).

Entre 1632 e 1649, os ausentes são efetivamente multados e em 1651 são os oficiais mecânicos intimados a comparecer com todas as suas insígnias.

A cidade se constrói sem padrões urbanísticos propostos pelo poder público, mas este impõe ao usuário a construção e manutenção das áreas comuns e dos acessos da cidade e a produção da festa religiosa. A arquitetura da vila ainda era modesta e rudimentar. As construções eram geralmente feitas de materiais locais, como taipa de pilão (paredes de barro batido) e pau-a-pique (estruturas de madeira entrelaçada com barro). Apenas em 1640 será proibido construir sem arruamento oficial. Em 1636 a vila teria engenheiro. A economia da região girava em torno da agricultura de subsistência, com a produção de alimentos como milho, feijão, mandioca e cana-de-açúcar. O gado também era criado nas áreas próximas. São Paulo era uma vila de pequeno porte, com uma população reduzida em comparação aos centros urbanos mais estabelecidos da época, como Salvador e Rio de Janeiro.

Durante o Século 17, a região de São Paulo foi afetada por conflitos com diversas tribos indígenas, como os tupis-guaranis e os caingangues. A relação com os indígenas foi marcada por alianças e conflitos ao longo do tempo.

Agravam-se na vila de São Paulo os tumultos, irregularidades e fraudes eleitorais, conflitos, crises, desordens que a cidade já vinha vivendo.

Alargamento das fronteiras e expedições em busca de pedras preciosas reafirmam a importância do rio Tietê. Soma-se que no mesmo ano de 1640 São Paulo passa a viver uma guerra civil entre duas famílias: os Pires e os Camargo, que se arrastará pelos próximos vinte anos em assassinatos e eventos sangrentos nos quais morreram muitos homens e mulheres das famílias envolvidas e seus agregados, além dos escravos de ambos os lados, e da população da vila, muitas vezes envolvida nos frequentes embates.

Trata-se de episódios obscuros de que se têm poucos documentos, porém surpreendentemente brutais e intimamente ligados à estrutura do poder na já citada câmara municipal. Há também uma grande falta de numerário, com graves especulações do valor do peso do metal.

No início da década de 1650, Raposo Tavares realizou o périplo continental. Em vários eventos, piratas invadem a costa da capitania. Em 1655, através da intervenção jesuíta, a guerra civil tem uma trégua em que é redigido um acordo que determina a política da vila constituída de um juiz e um vereador de cada uma das partes (das famílias Pires e Camargo), além de um procurador geral neutro.

A pacificação definitiva da guerra civil Pires-Camargo, aconteceu apenas em 25 de janeiro de 1660. Como comemoração, o Ouvidor Geral Dr. Pedro de Mustre Portugal propõe que seja construída uma grande obra de utilidade pública: o restabelecimento do Caminho do Mar. “Os principais caudilhos em luta, a tanto se comprometeram solenemente. [...] Assim, pela primeira vez, viram-se pelo Caminho do Mar veículos transitar” (TAUNAY, 1927b, p. 142).

A cidade é produzida como centro onde ocorrem as festas, com a participação obrigatória da população. Logo acontece a elevação da vila a capital. A mudança, porém, não reverte em melhorias nas atitudes da câmara, que continua a ter sérios problemas referentes às suas renovações, entre fraudes eleitorais e prorrogações de mandato. A situação piora, com novos tributos impostos pela Metrópole.

A festa por ocasião do noivado da infanta Catarina de Bragança em 11 de fevereiro de 1662 é um fardo que o paulista terá de carregar por dez anos. As ordens

eram de que devia o povo “acodyr a esta vyila e festejar como tinha de obrygação” [sic.] (TAUNAY, 1927b, p. 93).

Para as comemorações da vitória na guerra da restauração, em 1668, há documentos de que a vila ascendeu luminárias e fez demonstrações de alegria, às custas do povo e por ordem do poder.

Com as bodas reais, São Paulo se responsabiliza por novo imposto a título de participação nos dotes da princesa conhecida pela feiura de seus traços, que viabilizam seu casamento com rei Carlos II e aproxima Portugal (e Colônia) da Inglaterra. Há também uma taxa pela guerra contra a Holanda.

O fim do Século 17 é marcado pelas descobertas de grandes veios de ouro, como as minas de Cataguás, pelas investidas contra os indígenas e expedições de busca de metais e pedras preciosas. Na vila, acontece a formação de cabos de tropas, arrolamentos de homens, fornecimento de víveres, além de motins e pouca vereança.

Com as descobertas dos metais preciosos, acontece o êxodo de chefes de famílias abastadas, que emigram para as minas, e são muitas vezes trucidados em guerras ou mortos por fome e doenças.

Há demanda de mão de obra, e os problemas com abastecimento são agravados pela especulação do metal. Em 1699, em carta régia de 15 de janeiro, é criada a Casa da Moeda em São Paulo. A Casa da Real Fundição foi, em meados do século seguinte, transformada na Casa da Ópera, o primeiro edifício teatral da cidade.

No mesmo ano em que o padre jesuíta Bartolomeu Lourenço Gusmão, natural de Santos, está fazendo suas experiências com a *Passaiola*, um balão de ar quente, investigações que levarão o nosso “Padre Voador” à condenação pelo Santo Ofício por feitiçaria, D. João V libera a navegação de escravos para vender para São Paulo e suas minas. Permitia a entrada de mão de obra em qualquer número. Dois anos depois, carta régia de 11 de julho de 1711 dá a São Paulo o título de cidade, porém o pedido de elevação à diocese é negado. Os homens do Conselho passam assim a ser Senadores.

Nesse momento, a festa é um desfile das hierarquias do poder.

[...] ordenava-se aos moradores que tivessem as suas testadas, por onde teria de passar o préstito, limpas e varridas, e as portas e varandas ornadas com colchas ou sedas, na forma costumeira e tradicional. Caiar-se-iam as paredes e muros tapando-se as covas e buracos acaso existentes pela vizinhança ou junto às testadas. Não o fizessem os moradores se tornariam passíveis de seis mil réis de multa e trinta dias de cárcere. (CÂMARA MUNICIPAL *Apud* TAUNAY, 1951. P. 152)

Estão registradas atas que documentam a coibição de turbas de rapaziadas nas



procissões, em que consta, não se poderia seguir a procissão pelos lados, mas apenas atrás do cortejo; problemas voltam a ser registrados nas festas de São Sebastião de 1715 quando são registradas reclamações pelas ausências e, em 1718, há um conflito entre a câmara e três das quatro ordens: carmelita, jesuíta e franciscana, que não compareceram à mesma procissão de São Sebastião.

Nova jazidas são descobertas em 1720. São criadas as capitanias de São Paulo e de Minas Gerais, com a cidade de São Paulo como capital. Os ingovernáveis paulistas passam a receber Capitães-Gerais Governadores.

Quando sob o comando do terceiro governador, Caldeira Pimentel, acontece em São Paulo a abstenção em massa à procissão de São Sebastião de 1728.

A procissão do Corpo de Deus é sempre acompanhada pela dança dos oficiais mecânicos e bailados característicos do velho hábito português. Começam a aparecer em atas as discussões sobre as hierarquias das corporações que rodeava o estandarte real no cortejo, bem como o pagamento de elementos usados na produção dos eventos como a lenha da fogueira de São João ou, por ocasião do parto da Princesa, as luminárias, despesas com a missa cantada e *Tedeum Laudamus*.

Em 1728 o Ouvidor Geral intima os estudantes do colégio (dos jesuítas) a não realizarem festa religiosa sem sua licença (TAUNAY, 1951, p. 152).

Em 1745, São Paulo deixa de estar subordinada ao Bispado do Rio de Janeiro e constrói a igreja matriz. A cidade, porém, em seguida, recebe *capitis diminutio*, quando um alvará reduz a Capitania de São Paulo à comarca da circunscrição fluminense. Dois anos depois, a situação piora com a coroação de D. José I. Tinha assim início a campanha de Pombal na demarcação interibérica com ataques às missões dos jesuítas espanhóis e a toda a Companhia de Jesus. Trata-se de período de forte militarização e despovoamento. Os jesuítas são expulsos de Portugal e de todas as colônias em 1759.

O Rio de Janeiro passa a capital, e São Paulo recebe outra vez o título de cidade, porém o governo de Morgado Mateus não traz grandes mudanças nos esforços militares. Em 1774 chega de Portugal o mestre de capela André da Silva Gomes, que atuará também nas festas e procissões e como professor de uma geração de músicos. Estes trabalhos chegam ao conhecimento atual por meio das pesquisas dos maestros Régis e Rogério Duprat a partir de cópias de Manuel José Gomes, pai de Antônio Carlos Gomes, o compositor de *Il Guarani*.

Conforme a informação de Aluisio de Almeida, “na segunda metade do Século 17I, influência do reinado de d. José I, entrou a música de ópera a misturar-se com o

cantochão nas igrejas de São Paulo, cantochão que vinha todo num livro único, o *Theatrum Ecclesiasticum*” (REZENDE, 1954, p. 214).

Bernardo José Lorena fez, em seu governo em São Paulo, melhoramentos urbanísticos, tais como a ponte do Anhangabaú, o chafariz da Misericórdia, o empedramento da Serra do Mar, planta urbana e a primeira análise química das águas destinadas ao abastecimento da cidade.

A virada do século traz consideráveis mudanças. Em 29 de janeiro de 1800, Napoleão e Carlos IV de Espanha assinam o Tratado de Santo Idelfonso. Com a crise na produção de cana-de-açúcar, São Paulo começa a desenvolver alguns circuitos urbanos de riqueza. A cidade recebe mais duas bicas, de Piques e Açú, tendo sido a condução do líquido às custas dos cofres da Capitania.

Assume o governo José Franco da Horta em 1802, o pior, mais prepotente e mesquinho governador até 1811, com uma pequena interrupção em 1808.

Continuam as festas e comemorações aos nascimentos, bodas e falecimentos esperados por parte dos fiéis vassalos. As comemorações reais por ordem da Metrópole motivam diversos eventos, quando o povo de São Paulo foi obrigado a demonstrar fidelidade à coroa.

Franco da Horta mantém uma linha de ação despótica. Impõe contribuição “voluntária” aos vassalos mais tributáveis da cidade e da Capitania de São Paulo.

Com o agravamento da crise na Europa, acontece a fuga da família real para o Brasil, estabelecida no Rio de Janeiro em 1808. Grande motivo de comemorações.

Os festejos começariam por iluminação geral da cidade, tríduo e atos religiosos determinados pelo chefe da Igreja Paulista. As festas, passada a quaresma, constariam de três dias de cavalhadas sérias e um dia de cavalhada burlesca dadas pelos coronéis e tenentes-coronéis dos corpos milicianos. Três noites de encamisadas feitas pelos mesmos cavalheiros executadas com iluminação da praça. E simultaneamente um carro do parnaso oferecido pela estudiosa mocidade em que cada qual desse à luz as produções poéticas de sua imaginação alusivas ao mesmo objeto. Haveria também fogos à custa dos negociantes da cidade, três ou quatro noites de óperas que seriam proporcionadas pelo corpo da Legião. Foram os juízes dos ofícios de ourives, entalhadores, ferreiros, sapateiros, alfaiates, pintores etc. avisados de que teriam de exhibir carros de danças feitos a custas das Artes e Ofícios Mecânicos. (TAUNAY, 1950, p. 106)

Após as comemorações, o governador Franco da Horta vai ao Rio de Janeiro ter com a família real e se incumbem de constituir uma legião para lutar nas margens setentrionais do Prata. Escreve Machado Oliveira:

Ainda estremecem os paulistas com a recordação desta grande calamidade a que se deu o nome de recrutamento para o completo da legião, e do batalhão

de caçadores de Santos, considerados em sua nova organização. E à vassalagem à família real, e, pois, que estava reconhecido em firme adesão aos interesses dos pretendentes, e viera assaz iniciado no formulário de proceder com vigor nesses interesses, a ele cometeu-se, exclusivamente, a execução desse recrutamento, que o praticou com inaudito rigorismo desenvolvido com clamorosas tropelias e crueldades. Começou o recrutamento em massa na capital em 1808, e no dia em que a igreja consagra festejos do Corpo de Deus, festividade essa que, como se sabe, há sempre grande concorrência de povo. Houve formatura de tropa na praça do palácio, para onde afluiu quase inteira a população da cidade, e ao terminar-se a solenidade do dia, correram subitamente de vários pontos do exterior da praça corpos de tropa armada tomando logo as bocas das ruas que vão ter à praça, e postas sentinelas nas entradas das casas do seu recinto para que nenhuma evasão houvesse, foi apreendido indistintamente o povo que era ali assistente, e levado tumultuosamente ao quartel dentro de um grande círculo de soldados; e ali passou o dia e pernoitou amontoado, sem abrigo e provimento. E o governador, que das janelas do palácio presenciava esse grave atentado com o desdém de superioridade brutal, regozijava-se dos bons efeitos daquela obra traçada pelas mãos da iniquidade. (TAUNAY. 1950, p. 26)

Seguem-se o alistamento e incorporação às legiões. Os paulistas foram encontrados ainda em campo de batalha do sul, treze anos após o triste evento, sem soldo por mais de dois anos, sem provimentos e comendo carne sem sal.

As procissões oficiais continuavam acontecendo nos mesmos moldes: *Corpus Christi*, São Sebastião, Santa Isabel, Anjo Custódio e as recentes procissões de São Paulo, São Francisco de Borja e Patrocínio de Nossa Senhora.

O casamento da filha de D. João VI com o infante Pedro Carlos Bourbon de Espanha foi festejado com luminárias impostas por Horta. Quando nasce o príncipe, a Câmara paulista providencia as funções públicas no Pátio de São Gonçalo. Novas festas aconteceriam em 1812 pelo nascimento do segundo neto do regente, igualmente misturando eventos sacros e profanos, e para a qual foi baixado edital liberando o uso da máscara e “fazer todas as farsas e brincos que lhe parecesse pelas ruas até o dia da conclusão da festa” (TAUNAY. 1950, p 109).

Em 1812 aconteceu a ausência da Câmara à procissão de Patrocínio de Nossa Senhora. A cidade recebe o primeiro monumento: a Pirâmide do Piques.

O fato de o Brasil ser elevado à condição de Reino Unido é novo motivo para comemorações. O luto também recebe solenidade com pompas, cenário e adereços. *Te Deum* pelo aniversário da rainha Carlota Joaquina, a 25 de abril. Em 13 de maio, o aniversário de El Rei. Em 22 de junho, exéquias de D. Maria I na catedral. Em julho aconteceu o ajuste do casamento de duas filhas de D. João; outubro o casamento e maioria do Príncipe D. Pedro.

Em 1817, a cidade recebe mais uma data fixa de festejos: 6 de abril para ato

solene de demonstração de vassalagem. Trata-se de formalidades e antigos usos da monarquia. Aproveitando, a Câmara instituiu o habitual programa de festas: tríduo, sermões, cavalhadas, danças, iluminação, pirotecnia. A parte pirotécnica da festa fica a cargo de Daniel Pedro Müller, coronel intimamente ligado à construção da cidade. Em 13 de maio, aconteceu o ajuste do enlace matrimonial do príncipe e em 15 de junho o casamento com D. Leopoldina. A 5 de novembro, a Princesa chega ao Brasil e São Paulo comemora entre os dias 12 e 14 de dezembro.

A Câmara de 1818 em janeiro, ainda se via às voltas com a liquidação das despesas das festas reais. Via-se atropelada pelo fornecedor das capas, vestido e colete de seda branca e do chapéu de plumas que mandara fazer para a personagem que devia servir de neto nas festas reais. (TAUNAY, 1950, p 115)

Ainda que em dívidas, São Paulo foi chamada a produzir mais uma grande festa pela coroação de D. João VI. São Paulo e todo o Reino devia seu testemunho de contentamento.

Foi preciso que o Governo Interino autorizasse o tesoureiro do cofre das contribuições para a conserva do Caminho do Mar a emprestar-lhe quinhentos mil réis, dinheiro que seria repostado no último trimestre de 1818, em três prestações mensais. (TAUNAY. 1950. P 116)

#### 4.1.1 A Festa da Independência

D. Pedro brada o retumbante “Independência ou Morte” às margens do Ipiranga, que testemunha o príncipe, intempestivo e apaixonado, cavalgar de volta à São Paulo para festejar. No mesmo dia, idealiza o molde da legenda *Independência ou Morte* e manda para a fundição. Francisco Manuel da Silva compõe a música do hino, que foi oficializado como Hino Nacional Brasileiro em 1831, que será executado naquela noite, no teatro Casa da Ópera, após o espetáculo que, conforme Hessel e Raeders, foi improvisado pela Companhia Dramática Zacchelli a fim de solenizar o glorioso acontecimento. O próprio príncipe dirige o coro das senhoras paulistas, intérpretes do hino.

O príncipe só deixa a cidade a 10 de setembro. Esta logo receberá o título de Cidade Imperial.

Em 1825, na procissão de Passos na Quaresma:

[...] O farricoco (que o povo chamava farrinoco) era um pregoeiro, extravagantemente vestido com uma camisola suja, que tendo na cabeça um capuz do mesmo pano, que lhe cobria o rosto, inteiramente, deixando apenas os dois buracos dos olhos. Trazia uma trombeta na qual bufava notas desconcertantes, e puxando-lhes as vestes, ou atirando-lhes pedras.

O alarido das investidas dos garotos e o farricoco acrescentava à gravidade daquele soleníssimo ato um aspecto singular de pantomima e de religião. A procissão do enterro saía à noite, com aparatosa solenidade, da Igreja do Carmo. Os carregadores do esquife vestiam dalmáticas, tendo a cabeça coberta com o amito, e assim também iam as três Marias. De espaço a espaço parava a procissão, a Verônica vestida de preto erguia o véu, e cantava com estranha compulsão: “*O vos omnes, qui transitis per viam, attendite et vide, si est dolor sicut dolor meus!*” (Oh, vós que passastes pelos caminhos, atende, e vede se há dor como a minha!) Seguiam-se os anjos, e as irmandades, e ordens terceiras, entre tochas; depois uma banda militar, tocando marchas fúnebres. (VARGAS, 1980, p. 25)

Começa aqui o mais curioso.

Atrás do esquife surgia um centurião comandando legionários, vestidos à romana, com capacetes de papelão e armaduras de lata. Marchavam solenemente, muito convencidos da importância do seu papel, o que provocava risotas e comentários. (VARGAS, 1980, p. 25)

Preocupados com a seriedade dos eventos religiosos, Igreja e Câmara começaram, na década de 1830, a coibir tais indisciplinas e proibem o uso da máscara nas procissões, que ainda assim conservam o aspecto burlesco. A Irmandade dos Homens Pretos fazia as procissões de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário. Assim, é possível perceber o caráter das procissões como polo de atração da população. E como polo, a cidade se fortalecia. Em meados da década de 1850, o carnaval começa a se configurar na cidade, com desfiles de carros alegóricos e cordão de foliões, a organização da Sociedade Carnavalesca Piratininga e bailes de máscaras.

Nas próximas décadas, acontece a implantação de importantes ferrovias, sendo duas no Estado de São Paulo, uma delas cortando a cidade e imprimindo o que virá a se configurar nos bairros-estações.

Enquanto a cidade possuía pequenas dimensões, a falta de salubridade e de infraestrutura urbana não constitui problema, pois era relativamente fácil abastecer-se de água potável e eliminar os dejetos. Em 1825, é criado o Jardim da Luz no terreno onde já havia a criação de mudas de árvores com água limpa em abundância. Em 1827, D. Pedro promulga a lei que cria os “Cursos de Ciências Jurídicas em São Paulo e Olinda”.

#### **4.2 Jogo da Cidade Moça**

O pano de fundo dramático da peça teatral *Caetaninho ou O tempo colonial*, de Paulo Antonio do Vale, é o despotismo do período dos sátrapas do século 18 mandados pelo Império para governar os paulistas. Encenado pela primeira vez em 1848 pela

Sociedade Dramática Constância, contava a história (verídica) do músico Caetaninho, condenado à execução por enforcamento em conflito que resultou na trágica injustiça, reflexo das atrocidades sofridas pelo povo de São Paulo no, então, passado recente.

Apenas em 1840, a Lei Eusébio de Queirós tornou efetiva a lei de 1831 que vedava o tráfico de escravos. Castro Alves chega à cidade de São Paulo em 1868, para morar, estudar e produzir seus espetáculos. O autor já era conhecido em Recife, Bahia e Rio de Janeiro.

Apesar do triunfo das apresentações em Salvador, Castro Alves não ficou satisfeito com o desempenho dos amadores de sua terra e punha suas esperanças na competência de Joaquim Augusto, o principal artista brasileiro de então, segundo o juízo da época. A esse diretor declarou o dramaturgo:

O meu trabalho precisa de uma plateia ilustrada. Precisa talvez mesmo de uma plateia acadêmica. O lirismo, o patriotismo, a linguagem, creio que serão bem recebidos por corações de vinte anos, porque o *Gonzaga* é feito para a mocidade [...] Em suma, um elenco e uma assistência à altura do texto. (HESSEL, 1974, p. 38)

O curso jurídico muda o perfil da cidade. As atitudes de irreverência e desrespeito aos símbolos e leis caracterizam a vida dos estudantes, filhos de aristocratas de todo o Brasil.

Durante o período do reinado de Dom Pedro II, a música em São Paulo passou por um período de desenvolvimento e diversificação. A cidade de São Paulo experimentou uma efervescência cultural e musical, influenciada por elementos europeus e africanos.

A música clássica e a música popular tinham grande importância na vida social e cultural da cidade. As apresentações de ópera, concertos e recitais de música clássica eram populares entre as elites paulistas, que buscavam acompanhar as tendências musicais da Europa. Muitos músicos europeus viajavam pelo Brasil, e São Paulo frequentemente era um destino em suas turnês pelo país.

Além da música clássica, a música popular também prosperou em São Paulo. Gêneros como o lundu, a modinha, o maxixe e o choro eram populares e apresentavam uma forte influência da cultura afro-brasileira.

Um evento musical notável durante o período de Dom Pedro II em São Paulo foi a inauguração do Teatro São José em 1857, um importante espaço para a ópera e outras apresentações musicais. Esse teatro contribuiu para consolidar a cena musical na cidade. Também durante o período de Dom Pedro II, diversos compositores musicais tiveram

destaque no Brasil, contribuindo para a cena musical do país. Alguns dos compositores mais importantes e influentes desse período eram paulistas, como Antônio Carlos Gomes, nascido em Campinas, que foi um dos mais renomados compositores brasileiros do século 19, famoso por suas óperas, como *Il Guarany*, que tiveram sucesso não apenas no Brasil, mas também na Europa. Ele compôs também o Hino Acadêmico da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Elias Álvares Lobo é outro importante compositor e professor de música paulista, de Taubaté. Ele é considerado uma das personalidades musicais mais importantes de seu tempo no Brasil.

Em 1866 é inaugurada a linha férrea Santos-Jundiaí, passando por São Paulo, e em 1867 é criada a Companhia Paulista de Vias Férreas. Como consequência, acontece a transferência de grandes fazendeiros para a cidade, com o incentivo à construção civil, melhorias de produção de bens de consumo e serviços, bem como melhoramentos urbanísticos, de meios de transportes, iluminação pública a gás, entre outros. A Escola de Direito aglutina os poetas românticos que fazem saraus pelas ruas e cemitérios da cidade em ativismo revolucionário e contra a escravidão.

Em 1894, Charles Miller, que é brasileiro, filho de escoceses, retorna dos estudos na Grã-Bretanha para trabalhar, como o pai, na São Paulo Railway. No período ele não só introduz o futebol, mas rugby, críquete e polo aquático (Wikipedia). A casa da família era situada onde hoje localiza-se a rua Três Rios. São Paulo transborda o limite do triângulo histórico e se espalha para o lado do convento da Luz, vence o rio Anhangabaú e recebe a ponte Santa Efigênia.

O carnaval de 1897 contou com carros alegóricos que criticavam o jogo da roleta, o câmbio, os impostos, o saneamento do Estado, a empresa funerária e as eleições.

Entre 1860 e 1890, a população da cidade de São Paulo quadruplicou, forçando um adensamento do velho centro. Até então os paulistas habitavam a região entre o Tamanduateí e o Anhangabaú. As construções, em taipa e pilão sobre o alinhamento das ruas, ocupavam os limites laterais do lote, conforme Nestor Goulart dos Reis Filho (REIS Fo, 1992, p. 12).

Nascem o Bairro do Chá, Santa Efigênia e Campos Elíseos. Somente entre 1881 e 1883, São Paulo assistiu à abertura de cinquenta novas ruas. A inauguração dos serviços da Companhia Cantareira de Águas e Esgotos é diretamente responsável pela expansão da cidade.

Surge grande número de sociedades anônimas comerciais, financeiras e

industriais, em geral firmas individuais capitalizadas pelo café. Surge na cidade um campo para investimentos de capitais acumulados e não reinvestidos no café.

Com a Lei Áurea, acontece a queda da monarquia, movimento liderado por paulistas que defenderão os interesses do estado de São Paulo.

O incêndio que destrói o Teatro São José, iluminado a gás, é seguido pelo espetáculo da implantação dos bondes elétricos da Light. Interessante notar que o edifício da Light será erguido no terreno do mesmo teatro. A cidade inicia o século 20 em um processo que irá se intensificar, de abandono ou mesmo rejeição do passado, com expectativas e anseios modernos de progresso, desenvolvimento e expansão. Nessa linha, o trabalho de mãos pretas foi descartado. A imensa população trazida à força da África, que já era torturada e deixada em condições desumanas, agora é abandonada sem nada: casa, comida ou agasalho.

No início do século 20, tudo em São Paulo era novo. Os velhos fazendeiros, enriquecidos com a produção do café, tinham a consciência de ser parte de uma oligarquia que faz uso da terra e toma posse do território que não usa. Com a chegada dos trabalhadores imigrantes, surgem a adaptação de edificação para aluguel multifamiliar, o parcelamento de imóveis destinados a uso unifamiliar, além de grandes lotes vendidos aos poderosos. No campo, a produção do café é agressiva e esvai a terra, com a plantação esgotando cada vez mais sua fertilidade no sentido do interior do estado.

À iluminação elétrica nas residências e vias públicas seguiram-se o rádio e o cinema. A virada do século traria fortemente uma nova versão da pobreza. Pessoas brancas e orientais de diversos países fugindo da fome e, mais tarde, de guerras chegam incentivados por leis pró-imigração.

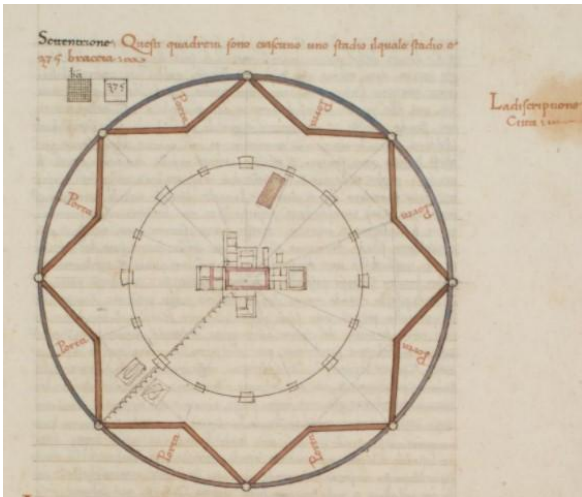
A oligarquia cafeeira que proclama a República e será responsável pelo florescimento da arte em São Paulo tomará empréstimos externos em nome do país para a compra de excedentes da própria produção, a mesma que virá a financiar a Semana de Arte Moderna e diversos outros importantes eventos culturais. Será a responsável pela industrialização da cidade e pelo fascínio pelo progresso que as décadas vindouras confirmariam.

Até o início do século 20, os engenheiros e construtores da cidade de São Paulo desconheciam as bases teóricas do neoclassicismo e os experimentos em perspectivas levados a cabo na Europa a partir do século 15.

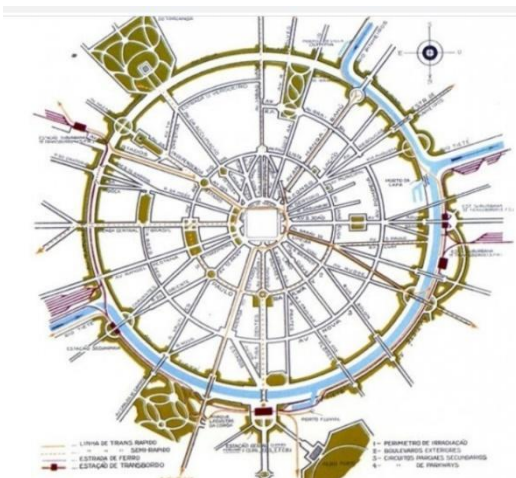


### 4.3 Jogo da Cidade Velha

Para compreender o eurocentrismo identificados nos atores planejadores do início do século 20, tomamos a imagem de 1465, no alvorecer do humanismo, numa interpretação de Vitruvius, de Filarete e de Prestes Maia para São Paulo, 1924 e 1930.



26 – Filarete



27 – Prestes Maia

Na primeira imagem acima, de 1465, Filarete ilustra sua proposta para a construção de Sforzinda, projeto criado para a poderosa família Sforza, de Milão. Trata-se de uma cidade radiocêntrica, com espaço para mercado, hospital e teatro, com fundamentos tanto nos documentos gregos e romanos recém-descobertos pelos humanistas como nos escritos da alquimia.

A imagem em seguida trata de uma ilustração do plano de avenidas para São Paulo, conforme concebido entre 1924 e 1930, nos primeiros anos após a formatura de

Prestes Maia pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP).

O Professor Lima de Toledo percebe outra semelhança, comparando o desenho do barroco para Paris e o desenho do mesmo plano de avenidas de São Paulo, realizado posteriormente por Uchoa Cintra, em parceria com o mesmo Prestes Maia (TOLEDO, 1996, p. 46).

A cidade ideal de Filareto foi desenhada sob os impactos da introdução da tecnologia da pólvora na Europa. Os muros do período tomavam nova forma.

Em meados de 1400, a Europa testemunhou imensas transformações, que começaram a acontecer a partir da prensa de tipos móveis, de Gutenberg, que possibilitou a reprodução da ideia e do conhecimento. São divulgados os textos que os primeiros humanistas conseguiram salvar dos desmandos dos papas, nas cruzadas contra o islã, cisões internas com disputas entre patriarcas que os séculos mais recentes haviam presenciado.

Filareto projeta a primeira cidade ideal, Sforzinda, seguindo sua interpretação de Vitrúvio, com teatro, hospital e mercado. Seu desenho, de 1465, guarda semelhança formal com a proposta de Prestes Maia para São Paulo, feita ainda em sua juventude, mas que norteará suas ações nas suas administrações como prefeito.

No palco renascentista, a perspectiva tornava-se a contrapartida do ideal humanista de harmonia do universo, em sistematizações matematicamente precisas da arte e da ciência. O equilíbrio harmonioso, as proporções e cálculos estão presentes nas diferentes escalas, da pintura e do objeto arquitetônico até a cidade.

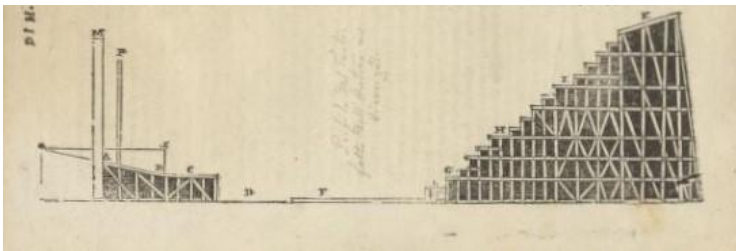
Em generalização, a cena dos humanistas pode ser vista como laboratório onde se organiza a imagem da cidade que está sendo concebida e construída.

O Tratado Filarete para Sforzinda vai se concretizar no encontro do teatro e a questão das muralhas de duas formas opostas por dois construtores engenheiros renascentistas que trabalharam juntos nas investigações relativas à perspectiva e na construção dos dois mais antigos edifícios teatrais depois de um milênio: Palladio, famoso por criar as chamadas vilas palladianas, que colocam pela primeira vez, depois da queda do império romano, a aristocracia fora dos muros da cidade; e Scamozzi, que redesenha a cidade de Sabbioneta, a primeira cidade ideal, em forma de estrela, que segue Filarete.

Este é um momento em que a humanidade deixa de ver o universo como transcendente para considerá-lo uma realidade investigável. Naquele momento histórico, alguns dos maiores cientistas atuam também como cenógrafos ou são de

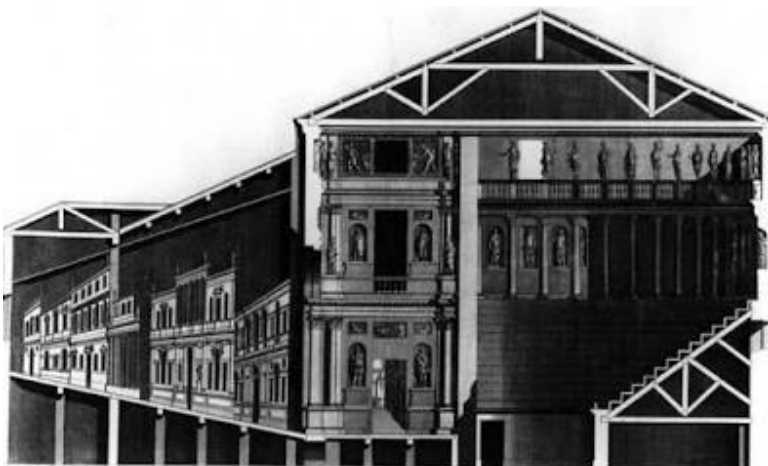
alguma forma ligados ao fazer teatral. Além de Leonardo Da Vinci, podemos destacar os nomes de Brunelleschi e até Galileu, que desenvolve o equipamento que denomina *perspecilion* ou *luneta galileana*, e cujo pai concebe pela primeira vez a música como estrutura básica do espetáculo, sendo assim o precursor da ópera.

A representação das três dimensões surge como um sublime paradoxo: uma veste artística a regras científicas, em que o cenário, a pintura e a cidade oferecem as maiores potencialidades investigativas. Cenografia é a expressão vital do princípio perspectivo e da transcendência da invenção formal.



28 – Sérlio

Os estudos do período começaram quando Sérlio desenha um teatro ao ar livre, segundo interpretação de Vitruvius. Vemos o corte do projeto com palco à esquerda, constituído por um praticável plano e outro, na parte de trás, com active.



29 – Palladio

Andrea Palladio constrói em Vicenza, com auxílio de Scamozzi, o primeiro edifício teatral após a Idade Média. Nele, também há o praticável, onde ocorre a cena, e outro praticável inclinado, onde o cenário é colocado em desenhos que decrescem até

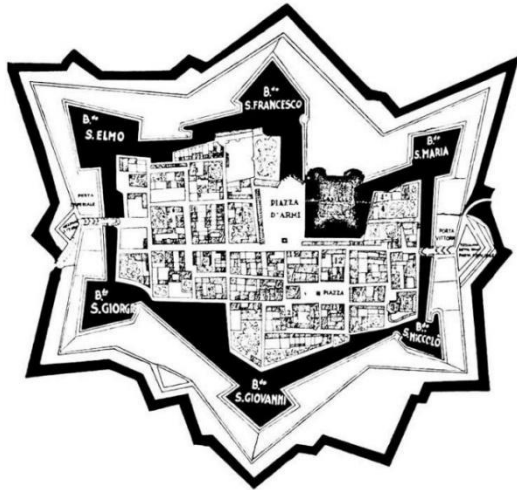
um ponto de fuga, nas primeiras investigações em perspectiva. No corte acima, é possível perceber o pequeno espaço da movimentação dos atores, com a elevação do piso a contribuir e respaldar os estudos sobre a representação do mundo. Mais do que isto, conforme as investigações sobre a perspectiva tomavam corpo, o barroco constrói cidade idealizada no palco renascentista.



30 – Palladio

Foi no palco, desde o teatro Olímpico, que foi forjada a concepção de eixos monumentais dos planos da cidade barroca.

Igualmente, os mesmos Serlio, Palladio e Scamozzi escreveram tratados de arquitetura, com base no romano Vitruvius, e revolucionam a cidade conhecida no período medieval. Palladio leva a aristocracia a viver nas Vilas Palladianas, fora dos muros, mas Serlio, que vai para a França de Catarina de Médici, projeta portas de muralhas e residências para dentro e fora dos muros.



31 – Scamozzi, planta de Sabbioneta

Scamozzi, construiu Sabbioneta, a primeira cidade ideal, onde construiu seu teatro, dotado de praticável com perspectiva bem mais simples do que aquele que ajudou a fazer em Vicenza. Sabbioneta teria sido sua primeira tentativa de cidade ideal, feita a partir da reforma de uma cidade medieval já existente. É possível perceber que a malha não é radiocêntrica, mas cortada por um eixo central.



32 – Palmanova



33 – Palmanova

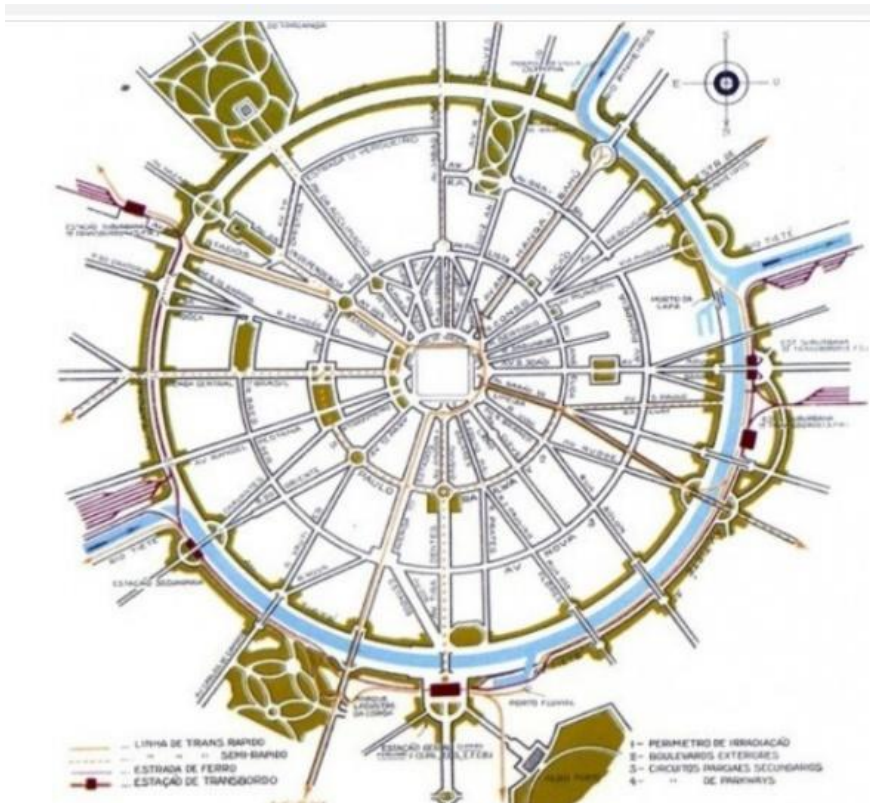
(Disponível em: <https://www.google.com/maps/@45.9055532,13.2997538,15z?authuser=0> )

A cidade de Palmanova, também construída por Scamozzi.

O modelo de fortificação em forma de estrela foi amplamente multiplicado, chegando à costa brasileira, ainda que não edificada, para a nossa primeira cidade projetada, *Mauricia*, na invasão holandesa.

Expulsos do Pernambuco, fundaram Nova Holanda e edificaram a fortificação em forma de estrela, na futura cidade de Nova York.





34 – Prestes Maia

O desenho feito após a Semana de Arte Moderna e no âmbito da separação espacial da aristocracia em cidades-jardim já antevia a estratégia de espraiamento, com grandes investimentos nas áreas nobres e expulsão das populações para as franjas em crescimento exponencial, em todas as direções. Os desenhos para edificações de Prestes Maia para integrarem o plano de avenidas são grandemente influenciados pelo Barroco.

A exclusão, que para Prestes Maia teria os rios como muralha, já era, no mesmo período histórico e na mesma cidade, o gatilho para a organização social de uma classe trabalhadora que acabava de chegar pela diáspora europeia.

### 5.1 Os *filodrammatici*

Segundo Miroel Silveira, os italianos eram fascinados pelo trabalho e pela cultura. “Desenraizados, viviam a nostalgia enquanto, influenciados pelo idealismo de uma América livre e libertadora de Garibaldi, criaram sociedades de auxílio mútuo” (SILVEIRA, 1976. P. 24).

Trouxeram um novo *ethos*, uma nova estética e uma nova técnica. A entrada maciça de imigrantes italianos aconteceu no final do século 19 (300 mil apenas entre 1895 e 1897).

A classe operária de imigrantes italianos que chegava no período a São Paulo deixou profundas marcas culturais, sendo a arquitetura apenas uma delas. Traziam a experiência de um sonho de nação livre e unificada, do *Risorgimento*, com seus modelos e líderes. O “pensamento e ação” de Mazzini, estava presente com seu idealismo de uma América livre e libertadora.

O enfrentamento das dificuldades da vida e da lida, do espaço e do convívio, além da língua e da fraternidade pátria, uniram os imigrantes em sociedades beneficentes e recreativas.

Através destas sociedades de auxílio mútuo, surgiram na cidade de São Paulo os grupos teatrais do movimento dos *filodrammatici*; cooperativas beneficentes, políticas ou simplesmente ações culturais que organizavam eventos nos quais era encenado um espetáculo, assistido por homens, mulheres e crianças e que era normalmente seguido de um baile.

Os *filodrammatici* foram organizações inspiradas nas teorias econômicas que emergiram quando da criação da classe operária no Brasil e particularmente em São Paulo. Esses operários chegavam em grandes números e traziam grande influência do movimento anarquista e do cooperativismo (SILVEIRA, 1976, p. 15).

A República e a industrialização trouxeram diferentes repertórios, tanto às elites paulistas quanto às classes populares, que se configuravam em artesãos, comerciantes, escravos recém-libertos e grande número de imigrantes, muitos vindos através de campanha diplomática do Brasil na Itália, mas também espanhóis, árabes e alemães, orientais, além de muitos portugueses.

Chegavam, no momento de formação da classe operária, os repertórios das lutas das classes operárias, em especial, dos anarquistas ateus. A forma de organização desta



comunidade assemelha-se, sob certos aspectos e, em certas medidas, à organização da sociedade civil conforme hoje concebemos. Eram constituídos por associações de auxílio mútuo, cultura e recreação. Foram sufocados pela ditadura Vargas, mas algumas iniciativas, em especial da família Abramo, são passíveis de análise.

A emigração da Europa servia como válvula de escape para a miséria, em especial da Itália, Alemanha e Japão. Interligada ao contexto agrário, a indústria italiana sofria com a política protecionista, consequência da batalha alfandegária imposta pela França aos produtos peninsulares, e ambos, campo e fábrica, entraram em recesso, parcial ou total.

A oligarquia cafeeira será a responsável pela industrialização da cidade e pelo fascínio pelo progresso que as décadas vindouras confirmariam. É a mesma oligarquia que viaja à Europa e escolhe a etnia cuja migração seria incentivada para substituir a mão de obra escrava, como consequência mudando não apenas traços, mas especialmente hábitos, costumes e expectativas da cidade.

A produção dos espetáculos dos operários tomava quase que a totalidade do tempo livre dessas pessoas que trabalhavam turnos de 12 horas nas indústrias.

Os *filodrammatici*, com presença social e cultural bastante definida, fornecem um repertório valioso que se iria progressivamente inserindo no substrato paulista. É considerável a diferença da atuação e repertório entre os *filodrammatici* artísticos e os grupos de teatro de propaganda anarquista. Ambas as vertentes enfrentam as mais diversas dificuldades, dentre as quais a questão do repertório, mas também, como destaca Maria Tereza Vargas, aponta a formação de grupos integrados com o movimento libertário e produção dos espetáculos.

Em todo o teatro anarquista a qualidade do espetáculo será bem menos importante do que a sua fidelidade aos ideais proletários. (...) Fica evidente que a reação do público nada tem a ver com a qualidade do espetáculo, mas com a identificação da plateia aos problemas ou personagens presentes no palco. O espetáculo é o porta-voz das convicções e sentimentos da plateia. [...] A arte que acontece no palco é permeável às relações da plateia. [...] As atividades do teatro operário continuam apesar da guerra de 1914 até sua destruição total pela ditadura Vargas. [...] Mesmo após seus espetáculos não serem mais levados, ficou conosco essa semente de luta que em breve vai dar seus frutos no Teatro de Arena, no Opinião e no TBC. (SILVEIRA, 1976, p. 5-21)

O pensamento urbanístico no final do século 19 e início do 20 priorizou transporte sobre trilhos, e o imaginário de Prestes Maia, seu futuro prefeito, estruturado na cidade do Filarete, de 1460, transformou a estrutura viária baseada no automóvel

particular e ônibus movido por motores a explosão.

*São Paulo, sinfonia de uma metrópole* é um filme rodado em 1929 (e montado em 1930) que demonstra claramente as expectativas do homem paulistano, ávido por progresso. O filme apresenta uma fluidez intencional. O avanço da narrativa acontece sem se estruturar na ideia de conflito, antes pelo contrário, a ideia de harmonia permeia toda a película. Está fortemente presente a energia construtiva do povo de São Paulo, em que a instrução é obrigatória. A máquina, o martelo, o metrônomo e o relógio imprimem o ritmo da cidade. Oferecem movimento, ritmo ao olhar atual, da expectativa e ambições do homem paulista do início do século 20.

A fase é marcada pela especulação imobiliária desenfreada. Pavimentação, infraestrutura sanitária de abastecimento, coleta de lixo, tratamento e distribuição de águas e fornecimento de energia elétrica crescem em progressão geométrica, tudo enfatizado pela ocupação horizontal e rarefeita, fruto da mesma especulação. Esta tendência se manterá e se aprofundará nas próximas décadas.

A opção tomada na primeira metade do século 20 pelo plano de avenidas em detrimento dos bondes e transporte coletivo elétrico selou o destino da cidade, implantando a lógica automobilística.

A fórmula do progresso era, então, baseada na hierarquização, subordinação e especulação. A lógica automobilística exige um desenho urbano próprio: horizontal, com a hierarquização de vias. Apenas na lei 2611 de 1923 aparece a preocupação com parcelamento e uso do lote, e com a hierarquização de vias com avenidas coletoras e ruas locais, mas para continuidade da implantação da malha fazia-se necessário um plano geral, que só será formalizado em 1930 através de Prestes Maia, um técnico ligado à questão da cidade de São Paulo desde a prefeitura de Pires do Rio, que virá a ser prefeito por dois mandatos em períodos distintos.

Durante o século 20, a malha urbana de São Paulo procura adaptar-se à lógica ortogonal de hierarquização de vias, que seguem a topografia. Os primeiros loteamentos luxuosos seguiam a forma de tabuleiro, ou linear, como a avenida Paulista e Campos Elíseos. Os loteamentos mais acessíveis à classe média, com a construção de casas geminadas de diferentes chácaras contíguas, frequentemente formavam uma malha desencontrada e de leitos carroçáveis subgabaritados. Não houve uma implantação hierarquizada, como querem os modelos, com ruas locais, coletoras, além de vias de tráfego rápido.

Rigorosamente, a cidade teve de Alexandre Pires uma proposta de ocupação da

região a oeste da mancha urbana da época, que ele chamou de plano, mas não tratava de uma tentativa de visão completa da cidade.

Prestes Maia desenvolveu o plano sobre o qual a cidade será edificada nos próximos 60 anos, mas seu projeto foi sendo adaptado e descaracterizado ao longo do tempo.

No papel ficaram registrados seus pensamentos estéticos, grandemente influenciados pelo Barroco, assim como as obras de arte desenhadas por ele; jardins e organização do espaço em grandes eixos de influência francesa.

O Plano contempla a definição de zoneamento, transporte público com metrô subterrâneo e de superfície, além da estrutura viária em desenho radiocêntrico determinado pelo perímetro de irradiação. Da obra destaca-se a preocupação estética, o repertório que varia de um florentino renascentista a uma adaptação dos símbolos e do discurso franceses. Grande parte desse trabalho ficou na gaveta. A obra foi adaptada, tendo sido implantado apenas parcialmente o sistema viário, conforme o jogo de interesses do poder.

A estrutura radiocêntrica somada ao espraiamento descontrolado geram o estrangulamento do trânsito no centro. A consequência é o êxodo dos interesses financeiros e a imediata desvalorização da região.

O objeto arquitetônico também é adaptado ao uso do veículo, sob a pena de perder valor comercial. Qualquer dificuldade ao automóvel se mostrou definitiva para a valorização ou não de uma região.

Quando atropelado pelo próprio progresso, o sistema viário invade as áreas alagáveis, canalizando seus rios e economizando em desapropriações enquanto expulsavam a custo zero as populações carentes.

O uso dos rios gera, no caso de São Paulo, um desenho no qual todas as grandes vias jogam-se no rio Pinheiros ou no rio Tietê. Estes constituem mais um anel da estrutura radiocêntrica, recebem dejetos industriais e residenciais, efetivando-se como grande canal de esgoto a céu aberto, enquanto continuam responsáveis pela geração de energia, que sustenta o parque industrial.

Este processo se aprofunda a ponto de estabelecer como limite as marginais destes rios como o chamado “centro expandido” para a legislação de restrição do uso do automóvel.

Na década de 1950, as atenções de todo o país são desviadas para a mudança da capital do Rio de Janeiro para Brasília e a introdução da indústria e da lógica

automobilística, que virá a caracterizar o desenvolvimento urbano de toda a segunda metade do século 20. Durante essa década, São Paulo ficou sob a administração de 10 prefeitos, sendo eles:

1949/50	Asdrubal Euristysse da Cunha
1950/51	Lineu Prestes
1951/53	Armando Arruda Pereira
1953/54	Jânio Quadros
1954/55	Porfírio da Paz
1955	Jânio Quadros
1955	William Salem
1955/56	Juvenal Lino de Mattos
1956/57	Wladimir Toledo Piza
1957/61	Adhemar de Barros

Anéis e mais anéis de irradiação (e agora rodoanéis) desenham os interesses da cidade automobilística, enquanto as informações de massa são também transmitidas por ondas. O poder das novelas e dos jornais moldam e elegem. As imagens, no entanto, são retorcidas e, ao se formarem deturpadas, deformam o próprio objeto representado. Deformam a cidade e a vida real.

A cidade, em sua complexidade e sua pluralidade, torna-se incompreensível. Apesar da citada descontinuidade administrativa, o poder público esteve operante durante todo o período, que foi marcado pela elaboração de diferentes planos, alguns deles, mais especificamente as ideias de Prestes Maia e Anhaia Mello, eram frontalmente antagônicas.

O metropolitano de Prestes Maia teria boa parte de seu traçado ao nível do solo, mergulhando para o subsolo apenas quando houvesse obstáculos intransponíveis.

*Subway* [...] é apenas uma das modalidades da linha, que podem ser também elevadas em trincheira ou vala e de superfície. O que mais valia dizer: econômico. Na proposta final se vê que efetivamente os “subways” não excedem a 10% das extensões totais das quatro radiais. (MEYER, 1991, p. 118)

O milagre econômico conta com a imposição do *American Dream* e dos valores estrangeiros divulgados por aquela indústria cinematográfica, enquanto o teatro de esquerda começa a se reorganizar.

Anhaia Mello, por sua vez, acreditava que os prejuízos sociais do crescimento da cidade eram muito grandes. Ele propunha, então, um plano regional para São Paulo,

dividindo a cidade em unidades de vizinhança, em escalas de organização adequadas ao homem.

Estamos a esta altura assistindo não apenas ao confronto de duas opiniões diversas sobre a metrópole paulista; estamos na verdade diante de duas vertentes diversas do urbanismo. [...] uma delas normativa, representada por Anhaia Mello, [...] a outra adaptativa e intervencionista. [...] Deter o crescimento urbano, controlar suas fontes de expansão são opções quase sempre contraditórias. O próprio modelo econômico baseia-se na reprodução permanente do capital. (MEYER, 1991, p. 109)

A história mostrará, depois, que este embate se estenderá durante toda a discussão relativa aos planos diretores da Região Metropolitana.

Ainda durante essa década, outros estudos foram realizados no sentido de planejar o crescimento da metrópole, entre eles o de Padre Le Bret, religioso da Ordem de São Domingos, sociólogo de renome mundial, que foi contratado pelo então prefeito Toledo Piza. Somado à ideia de descentralização multipolar, sugeria o padre uma concepção de zoneamento, propondo uma organicidade entre as unidades: habitação, trabalho, recreação, cultura e circulação. Propunha que entre elas houvesse uma hierarquia, subordinando o econômico ao moral. Os estudos de Padre Le Bret foram entregues ao prefeito Adhemar de Barros que, não lhe dando importância, perdeu-o.

O modelo americano foi o que prevaleceu na década de 1950. Contratada em 1949, a International Basic Economic Corporation (IBEC), dirigida por Nelson Rockefeller, enviou a São Paulo uma equipe de técnicos liderada por Robert Moses. A IBEC foi uma agência governamental dos Estados Unidos criada para promover o desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento durante a Guerra Fria. A IBEC foi fundada em 1948 pelo presidente Harry S. Truman, como parte dos esforços dos Estados Unidos para combater a expansão do comunismo, oferecendo assistência econômica e técnica a nações que poderiam ser influenciadas pela União Soviética. Operou até 1961, quando o governo dos Estados Unidos decidiu encerrá-la devido a preocupações sobre sua eficácia e questões de transparência. Ao longo de sua existência, a IBEC foi frequentemente criticada por se envolver em projetos controversos e por promover os interesses comerciais dos Estados Unidos em detrimento dos interesses locais dos países beneficiários.

Robert Moses é conhecido por ter tido um papel significativo na transformação da paisagem urbana de Nova York e de outras cidades dos Estados Unidos durante o século 20. Ele é muitas vezes lembrado por suas grandes intervenções em infraestruturas viárias, parques e habitações. No entanto, o seu trabalho e influência

foram predominantemente direcionados para as cidades norte-americanas.

O IBEC apresentou uma série de propostas evidentemente comprometidas com os interesses estrangeiros no país, entre elas:

Quinhentos grandes ônibus deveriam ser adquiridos imediatamente [...] os ônibus poderiam ser de fabricação estrangeira, mas a montagem seria feita no Brasil. À compra inicial, deve ser seguida da aquisição anual de 100 ônibus novos e grandes, durante dez anos. (MEYER, 1991, p. 76)

Comprometido com o crescimento das taxas de veículos em circulação na cidade, Moses aponta para as vantagens das vias expressas. Várias artérias são propostas, incluindo rotas adicionais das rodovias ao longo do rio Tietê.

O que há de importante a ser verificado sobre a cidade de São Paulo, na década de 1950, é uma multiplicidade de propostas, somada à descontinuidade política local. Todo o país vivia uma euforia desenvolvimentista provocada pela chegada das empresas multinacionais, predominantemente ligadas às indústrias automobilísticas.

O crescimento de São Paulo é motivo de orgulho do homem que aí habita. São Paulo, a cidade que mais cresce no mundo. São Paulo não pode parar. Tantas frases caracterizaram as ambições da época.

São essas as ambições retratadas no filme *São Paulo S/A*. Suas personagens vivem em meio e em função da chegada das montadoras para a cidade.

Em 1953, o Teatro de Arena, que se configurou como influência dos *fillodramatici*, é criado por alunos da Escola de Artes Dramáticas, escola criada no âmbito do patrocínio da aristocracia para dar suporte ao Teatro Brasileiro de Comédia e pela nascente indústria cinematográfica, alunos que iniciam novas experiências com o espaço cênico e propõe nova relação com a plateia, fazendo-a circundar a cena. Passam então por um período em que a técnica de uma cena despojada é fator que viabiliza a apresentação em diferentes lugares, como fábrica (Fiação Textil), clubes (o Círculo Israelita, e Clube XV de Santos), ou o Colégio Estadual Presidente Roosevelt. O teatro vai até o espectador, como possibilidade de sobrevivência.

A música desempenhou um papel fundamental nas produções do Teatro de Arena, uma vez que era utilizada para reforçar a mensagem e a atmosfera das peças, muitas vezes com forte carga emocional e política. Os nomes de compositores e músicos que trabalharam no Teatro de Arena são Toquinho, Edu Lobo, Gianfrancesco Guarnieri e Théó de Barros. Eles criaram trilhas sonoras originais e canções que se tornaram icônicas dentro do contexto teatral brasileiro.

Talvez a mais importante contribuição do Teatro de Arena tenha sido dada pelo encenador Augusto Boal, que resgata os trabalhos de Bertoldt Brecht em sua estrutura de questionamento político. Boal é também criador do *Sistema Coringa*, em que a personagem pode ser interpretada por diferentes atores durante o espetáculo e o *Teatro do Oprimido*, em que o mesmo ator pode assumir mais de um personagem, revolucionando a técnica de direção de atores.

Boal oferece como objetivos estéticos, entre outros, estabelecer regras rígidas que permitam ao espectador conhecer de antemão as possibilidades de jogo de cada espetáculo e objetivos econômicos:

[...] o empobrecimento progressivo da população determina a necessidade de se criar um sistema com número fixo de atores para a apresentação de qualquer peça, independentemente do número de personagens, reduzindo o ônus de cada montagem – assim todas as montagens são viáveis. (BOAL, 1974, p. 83-86)

Boal também parte de Aristóteles, que, segundo ele, “Constrói o primeiro sistema poderosíssimo poético-político de intimidação do espectador, de eliminação das ‘más’ tendências ou tendências ilegais do público espectador” (BOAL, 1974, p. 6).

O Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, apresenta a transposição dos predicados e argumentos sociais de Paulo Freire para o teatro. *A Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire ofereceu a estrutura pedagógica em toda a implantação da Operação Urbana CEUs – Centros Educacionais Unificados, como trataremos adiante. A metodologia do Teatro do Oprimido pode ser dividida em diversas técnicas utilizadas por Augusto Boal, como o Teatro Imagem, o Teatro-Jornal, o Teatro Invisível, o Teatro-Fórum ou o Teatro Legislativo e busca a realidade social do *spect-ator*. Boal desenvolveu seu método durante o início da ditadura civil-militar no Teatro de Arena e no longo exílio em países da América do Sul, Portugal, especialmente junto ao grupo *A Barraca*, e na França.

Augusto Boal, Lélia Abramo e Celso Frateschi, este último o secretário municipal da cultura no período da implantação dos primeiros CEUs, são todos advindos do Teatro de Arena.

Lélia Abramo, que teve participação em ambos, os *Filodramatici* e foi importante no Arena em 1959, é ex-militante trotskista, que na década de 1930 participou de inúmeras lutas e batalhas de rua com Mário Pedrosa, e primeira presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões de São Paulo 1978-1980. É, portanto, a ligação do Arena com o teatro operário de raiz italiana que é

introduzido na cidade entre o final do século 19 e ao longo do século 20.

Com relação à cidade, o teatro itinerante demonstra que o centro havia se expandido.

O grupo volta a se destacar com a montagem de *Eles não Usam Black-tie*, que inaugura uma fase importante de resistência, após o golpe militar, e consequente introdução da censura. A cidade da segunda metade do século também reflete o conflito paralisante da Guerra Fria.

A forte campanha anticomunista vivida pelo Brasil nos períodos subsequentes segue exatamente os mesmos moldes estratégicos. Parte-se da premissa de que a informação imposta tem a força de código e torna-se lei. Contanto que não seja questionada.

O trinômio *hierarquia, subordinação e especulação* tem sua versão ainda mais aprofundada durante o novo regime autoritário do período militar. Assim, no período, educadores, artistas e cientistas foram considerados subversivos.

No âmbito federal, as classes dominantes criaram estratégias de remanejamento das verbas geradas na região sudeste. Os Planos Nacionais de Desenvolvimento (PND-I e PND-II) definiram as Regiões Metropolitanas da Grande São Paulo e Rio de Janeiro como áreas de restrição de investimento. Criaram as superintendências de desenvolvimento. As verbas foram desviadas dos centros produtores para regiões mais pobres, porém, as populações a que se destinavam os investimentos migraram em condições miseráveis, exatamente para as regiões de São Paulo e Rio de Janeiro. O período para São Paulo foi marcado pela administração de prefeitos biônicos e pela descontinuidade de governos, esta uma clara estratégia do mesmo governo federal no sentido de desmontar qualquer coerência de pensamento, qualquer discussão que redundasse em um plano diretor ou em um planejamento urbano.

Colocaram em xeque toda e qualquer ação e levaram a cidade à conurbação da malha urbana. O conflito se refletiu na cidade na medida em que esta se transformava na soma e articulação de movimento e trânsito com o espaço do produzir, do viver, do habitar. A utopia Corbusiana da Carta de Atenas é diretriz para o desenho desses espaços e influencia grandemente toda uma geração de arquitetos e urbanistas.

A cidade passa a ser administrada por prefeitos biônicos indicados pelo governo federal que encomenda a esses governantes a restrição ao crescimento da cidade, devidamente acompanhada da restrição das verbas governamentais. Assim, justamente quando a cidade se vê diante dos problemas advindos da conurbação, quando a mancha



urbana atinge dimensões de Região Metropolitana com a grande migração nordestina rumo a São Paulo, o governo federal decide, através dos Planos Nacionais de Desenvolvimento, pela restrição financeira para a cidade responsável pela maior arrecadação no país.

Sua Bolsa de Valores é a mais importante do Brasil em volume de negócios. Numa área de apenas 2,8% do total do estado, a Grande São Paulo abriga 40% da população, que mantém um crescimento vertiginoso. [...] O elevado grau de polarização exercido pela Área Central gerou um congestionamento de veículos, pedestres e funções, com conseqüente superutilização de serviços e equipamentos, que concorre para o processo de deterioração urbana, favorecendo o deslocamento desse processo, com tendências de sucessão em novas áreas em formação. (FOLHA DE S.PAULO, 1967, p. 4)

## 5.2 Os Centros Eclesiais de Base

É possível identificar as formas associativas típicas das camadas populares moradoras da periferia:

Procurando fazer frente às necessidades próprias de aglutinação dos movimentos populares e potenciá-los, oferecendo-lhes condições de qualificação e eficácia, grupos ativistas, quase todos oriundos das CEBs, se constituíram como pessoas jurídicas em organizações privadas, sem fins lucrativos, de prestação de serviços de assessoria e apoio às lutas populares. Pode-se dizer que esse tipo de empreendimento refletiu em larga medida as mudanças que se operaram na linha de atuação da igreja católica, cuja estrutura passou a atender aos direcionamentos de uma ofensiva conservadora emanada de Roma. As características do trabalho pastoral impulsionado pelas CEBs foram se diluindo e a igreja foi perdendo o lugar de reflexão e preparo das ações sobre problemas do cotidiano [...] O trabalho de solidariedade às greves metalúrgicas de São Paulo e São Bernardo do Campo, no final dos anos 70, possibilitou um certo acúmulo de meios para a impressão de boletins e a reunião de material informativo. [...] Um dos lugares que centralizava esses meios era a paróquia Cidade Dutra (Capela do Socorro), em que atuavam as irmãs da Congregação de Santa Cruz. Esse patrimônio serviu de base para a formação do Centro de Recursos (...) com cinco pessoas, apoiado por assessorias pedagógicas do Instituto de Ação Cultural (IDAC), do Instituto Sedes Sapientiae e do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI). (GHANEN, 1992, p. 46-48)

Esse grupo articula uma proposta de alfabetização de adultos baseada em Paulo Freire e foi mantida entre 1980 e 1985 pelo Fundo Samuel, uma agência financiadora de pequenos projetos ligada à igreja evangélica reformada da Holanda.

A partir de 1986, é criado o Espaço-Formação, Assessoria e Documentação que apoiou grupos como o Grupo de Cultura que montava um palco na boleia de um caminhão.

Ainda em 1986, Paulo Freire recebe o Award of Education for Peace da Unesco e em 1989 assume a secretaria de educação da prefeitura sob administração de Luíza Erundina.

### 5.3 Operação Urbana CEUs: Centro Educacional Unificado

*Operação Urbana CEUs (Centro Educacional Unificado)*, título usado por Marco Aurélio Garcia no período do movimento que tratou de colocar os 21 primeiros equipamentos culturais nas regiões mais carentes da cidade. A hipótese é que a *Operação Urbana CEUs*, conforme originalmente formulada, se constituiu na indicação de uma proposição urbanística libertária e participativa de resistência a um urbanismo clássico. Difere da nova tendência neoliberal da *autopoiese arquitetônica*, ao germinar no solo fértil do teatro e da formação de uma atitude épica. Esta linha de atuação busca compreender os potenciais emancipatórios do método de investigação, como processo de conscientização e aprimoramento da linguagem teatral de comunidades pela via da educação não formal.

Fundamentado em pedagogias críticas e dialógicas como o distanciamento e a peça didática de Brecht, a poética do Oprimido de Boal e a obra do educador Paulo Freire, a Operação Urbana CEUs pode ser considerada a concretização de um novo planejamento urbano, imaginado no âmago dos movimentos de ajuda mútua dos povos chegados no final do século 19 e início do século 20, na diáspora europeia.

Considerando as propostas consignadas no documento intitulado *Operação Urbana CEU*, que indicava a necessidade de: 1) melhoria das escolas situadas nas proximidades; 2) canalização de córregos; 3) asfaltamento, sinalização e iluminação de vias públicas; 4) redirecionamento do tráfego e de linhas de ônibus; e 5) regularização de terrenos e imóveis irregulares, além de obras específicas, os Centros Educacionais Unificados foram construídos em locais do *Mapa da Exclusão/Inclusão Social*, desenvolvido pela Prof.<sup>a</sup> Aldaíza Sposati, em que pouca ou nenhuma presença do poder público havia, alta concentração de pobreza, e locais onde não existiam equipamentos públicos de lazer, principalmente para as crianças e os jovens.

A proposta do *Teatro Vocacional* foi construída sobre a teoria do teatro épico em Brecht, seu criador. A *Pedagogia do Oprimido*, e o *Teatro do Oprimido*, comparecem nos primeiros trabalhos da equipe de projetos e do *Vocacional* com a presença de Augusto Boal, e iniciaram a pesquisa pela atividade de teatro amador, mas a proposta encontra resistência inicial da população, solucionada em processo participativo.

Regido por condicionantes ideológicos, o conjunto de ações relacionadas à implantação dos equipamentos propõe um urbanismo como exercício de uma cidadania ativa, em que o poder político emana de uma comunidade formada por pessoas que têm

habilidades e capacidades latentes.

A cidade será educadora quando reconhecer, exercitar e desenvolver, além de suas funções tradicionais (econômica, social, política e de prestação de serviços), uma função educadora, quando assumir a intencionalidade e a responsabilidade cujo objetivo seja a formação e o desenvolvimento de todos os seus habitantes (CARTA DE DECLARAÇÃO DE BARCELONA. CIDADES EDUCADORAS, 1990, p. 13).

Públicos quanto a destinação, democráticos e comunitários quanto à gestão e estatais quanto ao seu financiamento, os centros foram criados pelo Decreto 42.832 de 6 de fevereiro de 2003, onde são concebidos como “um complexo único em todas as suas dimensões, desde o projeto arquitetônico até o projeto político-pedagógico, conferindo novo significado ao espaço escolar” (VAN LEEUWEN, 2007, p. 7).

Os terrenos das primeiras vinte e uma unidades foram escolhidos pelo mapa de exclusão/inclusão social de autoria de Aldaíza Sposati, em 2000. Foram priorizadas as áreas com alto grau de exclusão social, grande densidade populacional e forte demanda escolar. Na implantação foram feitas também melhorias nas escolas do entorno, canalização de córregos, pavimentação asfáltica, sinalização e iluminação de vias públicas, redirecionamento do tráfego e linhas de ônibus e regularização de terrenos e imóveis irregulares, além da construção de passarelas e terraplenagem, construção de piscinões e novas pontes.

Concebido como proposta intersetorial, somava-se à atuação de diversas áreas: meio ambiente, educação, emprego e renda, participação popular, desenvolvimento local, saúde, cultura, esporte e lazer, com objetivo de desenvolvimento comunitário, intersetorial. Desde a origem, tinha como proposta ser centro de experimentação educacional e investigação baseado em modelo de gestão e diretrizes culturais; um projeto político-pedagógico autônomo, onde cada escola pública é única.

A ideologia da Ação Cultural Teatro Vocacional, que fez parte da Operação Urbana CEUs, tem como premissa a apropriação da atitude épica, fortemente edificada na mesma tese brechtiana. A gestão coletiva é uma característica recorrente na atividade teatral operária desde o início do século 20. Não por coincidência nesta atividade é possível reconhecer a presença do coletivo na criação, na produção e, não raro, na gestão cooperativada.

A operação urbana tratou de colocar equipamentos culturais nas regiões mais carentes da cidade, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das populações, enquanto a ação cultural, iniciada ainda no processo de projeto dos centros, tratou de

mobilizar e construir instrumentos de expressão, através da administração e produção coletivos.

Os CEUs podem ser considerados a materialização das aspirações de algumas correntes intelectuais como Paulo Freire, Lélia Abramo, Mário Pedrosa, por um lado; e os movimentos populares, como as CEBs, de outro, todos atores participativos na fundação do Partido dos Trabalhadores.

### *5.3.1 As Operações Urbanas Consorciadas*

As Operações Urbanas CEUs não consistiram em operação urbana consorciada, que conta com a participação do mercado nas propostas, intervenções e obras.

Necessário esclarecer que naquele momento histórico, as cidades do Brasil acabavam de receber o instrumento com diretrizes para a política urbana, previsto na Constituição Federal. Trata-se do Estatuto da Cidade, Lei Federal nº 10.257, de 2001, que prevê as penalidades para imóveis inadimplentes e que não cumprem sua função social.

O artigo 225 do Estatuto da Cidade reza que as operações urbanas consorciadas se constitui em um conjunto de medidas coordenadas pelo município com a participação dos proprietários, moradores, usuários permanentes e investidores privados, com o objetivo de alcançar transformações urbanísticas estruturais, melhorias sociais e a valorização ambiental, notadamente ampliando os espaços públicos, organizando o transporte coletivo, implantando programas habitacionais de interesse social e de melhorias de infraestrutura e sistema viário, num determinado perímetro.

Para que o município possa se beneficiar, já deve ter feito seu Plano Diretor Estratégico (PDE), documento que orienta o crescimento e o desenvolvimento urbano de todo o município, além de aprovada a Lei de Parcelamento e Uso do Solo (LPUOS), que define como os terrenos de cada zona da cidade devem ser ocupados, incluindo o tamanho das construções, atividades permitidas e relação entre os imóveis e os espaços públicos.

§ 1º - Cada nova Operação Urbana Consorciada será criada por lei específica, de acordo com as disposições dos artigos 32 a 34 da Lei Federal nº 10.257, de 10 de julho de 2001 [...]

Art. 291 – A iniciativa popular de planos, programas e projetos de desenvolvimento urbano poderá ser tomada por, no mínimo, 2% (dois por cento) dos eleitores do município em caso de planos, programas e projetos de impacto estrutural sobre a cidade, e 2% (dois por cento) dos eleitores de cada subprefeitura em caso de seu impacto restringir-se ao território da respectiva subprefeitura. (ESTATUTO DA CIDADE, 2001)

O Estatuto da Cidade é de 2001, e a função social da propriedade não chegou, até os dias de hoje, a ser respeitada. A região central da cidade de São Paulo tem grande número de edifícios abandonados ou em condições de precariedade.

O momento presente é semântico. É urgente fazer uma reflexão a respeito das cidades, as suas inoperâncias e potências, do significado da revolução tecnológica diante de novas realidades sanitárias, considerando a hipótese da esfera lúdica e de imaginação do novo desenho ambiental, com o objetivo de fornecer para o usuário das cidades, ferramentas que possibilitem a inversão do mecanismo de valor, chave de tomada de decisões no planejamento urbano.

Para tanto, faz-se necessária a análise do momento histórico, quando a introdução de *smart*-parafernália como câmeras, drones, celulares, encontram malhas urbanas esgarçadas e inumeráveis problemas sociais, ambientais, de saúde e de humanidade.

A população gera continuamente informações, mas não tem acesso a elas, que são vendidas pelas corporações a outras e ao mercado, para realização de análises e de modelagens, que induzem, por sua vez, ao consumo e a novos ciclos de modelagens.

Discute-se a regulamentação das redes sociais, já comprovadamente responsáveis pela manipulação de informação. Aplicativos oferecidos como facilitadores ao cidadão penetram sua casa e colhem informações de consumo, localizações e preferências... invadem sua pele e oferecem ao poder de empresas e do Estado informações de saúde. Com isto, a intimidade e a privacidade são peças no jogo dos algoritmos da tecnologia de comunicação.

No âmbito da imaginação, o panóptico e os interiores propostos por Foucault – família, escola, quartel, presídio, hospital, fábrica – passam hoje para a sociedade de controle, que individualiza cada sujeito dentro da massa e deseja compreender o novo normal. Na outra face da moeda, os mesmos eletrônicos que estão definindo uma terceira revolução industrial, os novos modos de produção com a indústria 4.0, podem vir a ser responsáveis por importantes mudanças, conforme apontam os defensores das cidades inteligentes, edifícios e objetos.

O trabalho aponta para uma reflexão sobre o significado do *hic et nunc* dos centros urbanos do terceiro milênio, em que se aplicam tecnologias *ubique et aeternus*. A situação do usuário dos centros urbanos hoje, como nos outros momentos históricos, se caracteriza pelo estranhamento do usuário frente à introdução massiva de tecnologias.

Nesse mercado dentro do qual [o ator] não vende apenas sua força de

trabalho, mas também a sua pele e seus cabelos, seu coração e seus rins, quando encerra um determinado trabalho ele fica nas mesmas condições de qualquer produto fabricado. (PIRANDELO *Apud* BENJAMIN, 2014, p. 17)

O capitalismo impõe ao usuário uma expropriação da cidade e do corpo, toma-lhe o direito de fruição, de conhecimento e reconhecimento no parcelamento e edificação da terra urbana, na expulsão do campo, na grilagem e no mercado imobiliário.

São inúmeros os campos de pesquisas que têm como objeto o desenvolvimento urbano, porque, como apontou Padovano, em defesa de Livre Docência, o urbanismo, a arquitetura e o *design* fazem parte, concomitante e intrinsecamente, das Ciências Exatas, Humanas e Biológicas.

### 6.1 A Cidade onde me Espelho

Água, terra, fogo e ar conduzem o olhar sobre as opções feitas nas ocupações do espaço na história. A forma de lidar com as águas, o parcelamento e uso da terra, na função social, circulação, no cultivo, e na extração das potencialidades, fogo do Sol e recursos energéticos, mas também da linguagem digital e, por fim, do ar, da fumaça que se dissipa e abre o olhar aos céus, onde tudo começou. Do lúcido ao translúcido.

### 6.2 Cidades Possíveis

Nascido em São José dos Campos, Aloysio Becker se formou no Rio de Janeiro, na Faculdade Nacional de Arquitetura, que teve sua origem na Academia de Belas Artes, criada em 1816. A turma de 1956 foi a mesma de João Filgueira Lima – o Lelé, Paulo de Sá e Michel Arnould. Lá lecionavam Burle Marx e Lúcio Costa. Foi também a *alma mater* de Niemeyer, Sérgio Bernardes, entre outros.

No período após a formatura, Aloysio Becker e o engenheiro Oswaldo Beirão, como o colega Michel Arnould e tantos outros, mantiveram ateliês, laboratórios, pequenas indústrias ou procuraram unir a construção às vantagens da industrialização. A década de 1960 foi a decepção do poder inventivo na indústria brasileira. Exemplos são o engenheiro Eduardo da Silva Magalhães e a suspensão do apoio às pesquisas incentivadas pelas premiações, como o Salão do Automóvel, além de Amaral Gurgel, cujo sonho era seu carro elétrico, igualmente desprezado pelo regime militar. No período, Aloysio Becker e Oswaldo Beirão desenvolveram um material cerâmico, mas sua produção foi também sufocada pela crise que viveu o país, culminando com o golpe militar.

Aloysio foi contratado em regime de dedicação exclusiva pela prefeitura de São Paulo e trabalhava em planejamento urbano, sob comando militar e em meio ao projeto da via elevada conhecida hoje como *Minhocão*, que propunha rasgar a cidade no eixo Leste-Oeste e que veio a ser edificada.

Naquele cenário, Becker e Beirão desenvolveram um projeto de vias inseridas em edifícios como uma síntese de uma proposta de pesquisa. No período, fizeram várias incursões pelos territórios da Luz, parque Dom Pedro, Bom Retiro e Santa Efigênia, resultando em vários grupos de imagens com estudos de diferentes traçados, que seriam tomados como diferentes hipóteses, para colocar em discussão com a sociedade. Para

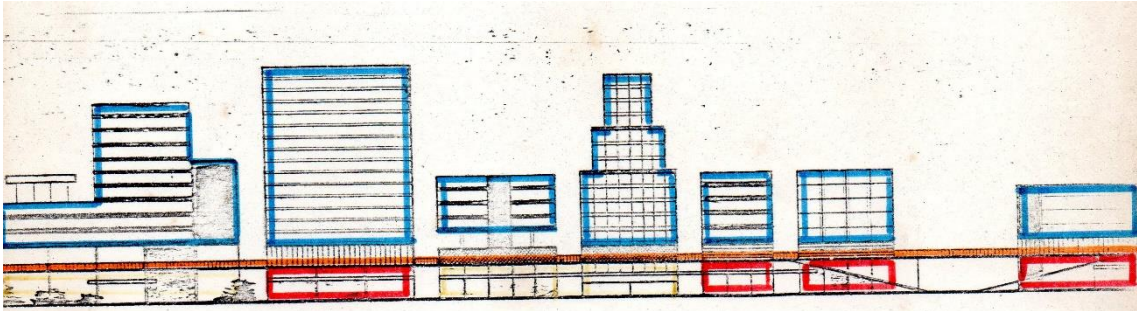
tanto, a dupla pedia a formação de grupo multidisciplinar e um estúdio em uma casa a ser alugada na Luz, região central da cidade de São Paulo.

Devido ao contrato de dedicação exclusiva, o arquiteto Aloysio Becker passou apenas a projetar para fins pessoais ou desenvolver pesquisas potencialmente interessantes para o poder público, como o caso de reciclagens, que resultaram em materiais que poderiam ser usados em construção civil, por exemplo, para substituir as madeiras nobres que eram usadas como tapumes de obras, pesquisa feita a próprias expensas, em local e com equipamentos adquiridos por ele. O poder público, porém, não se interessou em levar a iniciativa adiante. Outro exemplo foi o projeto de adaptação das coberturas de casas e edifícios para a manutenção de hortas. No caso do uso das lajes das casas da periferia, o arquiteto pensava na formação de cooperativas. Também construiu sua própria casa de praia, construção que buscava a mínima intervenção na natureza e resultou em uma edificação sem paredes, mesmo as externas, construída na praia do Prumirim, no município de Ubatuba.

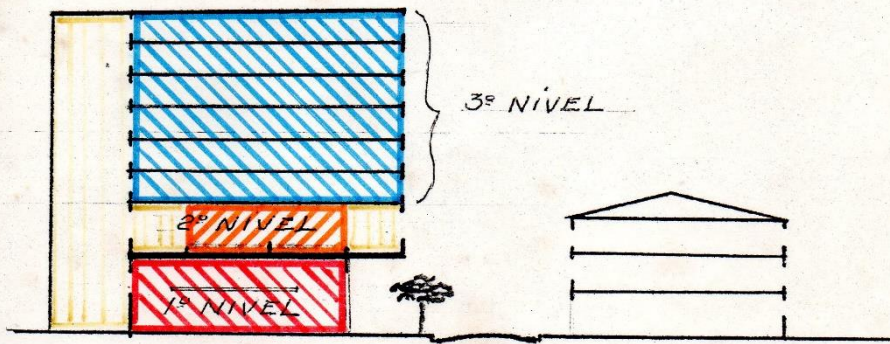
A seguir, descrevo a ideia dos Edifícios-Pista, que era o âmago da solicitação de apoio ao poder público, além das fotos do único rascunho que chegou aos dias de hoje.

\*

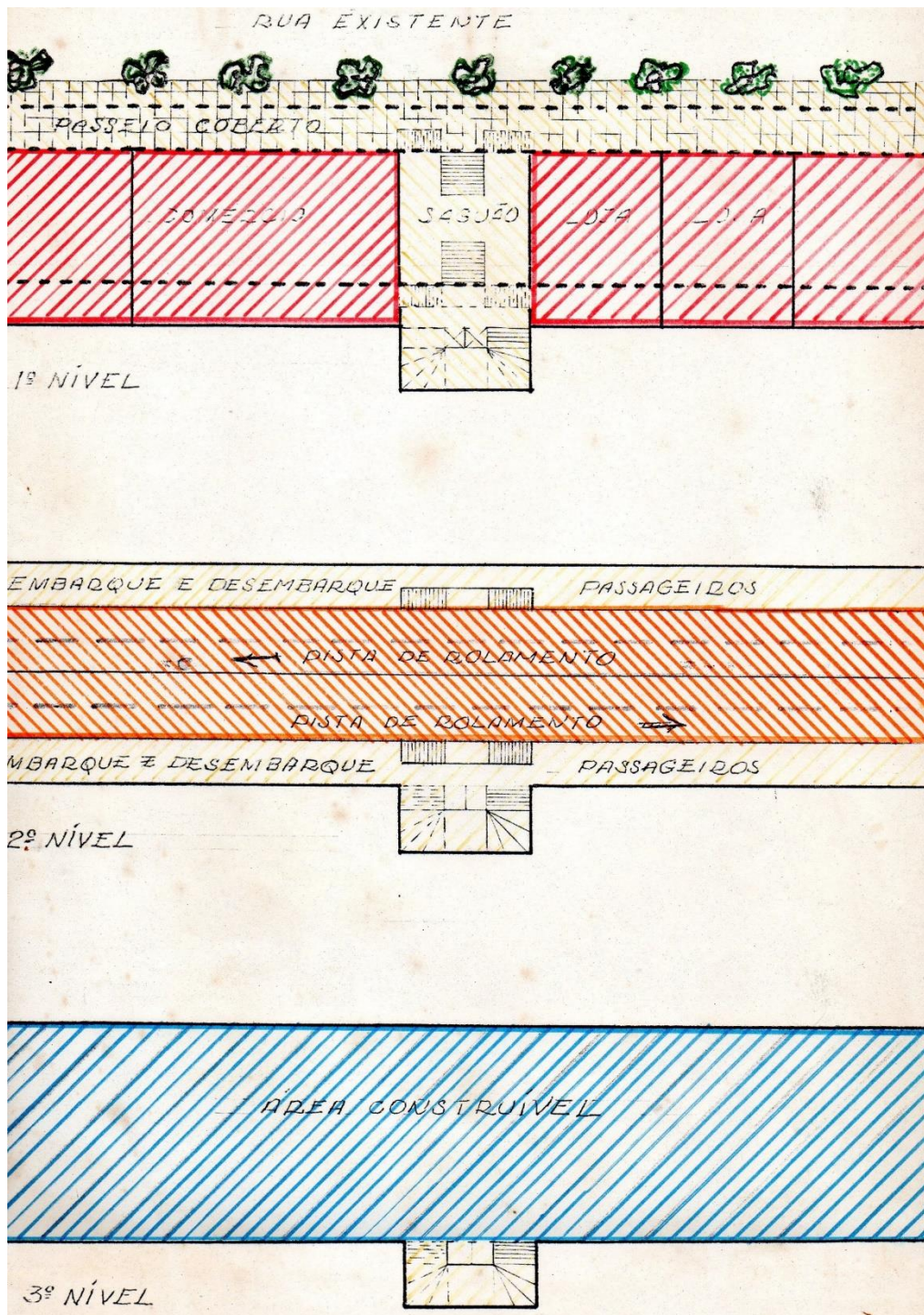




ELEVAÇÃO DOS BLOCOS



CORTE ESQUEMÁTICO



### **Edifícios-Pista:**

#### **Metas**

A pesquisa de Aloysio Becker e Oswaldo Beirão tinha como objetivo a criação de espaços úteis dentro de regiões já densamente edificadas, uma vez que grandes cidades, como São Paulo, já se ressentiam da falta de áreas disponíveis para a instalação de melhoramentos urbanísticos imprescindíveis.

Casos de notória carência de áreas detectadas em meados dos anos 60, que se



tornaram críticos nos anos seguintes:

- Para construção de habitação popular em locais dotados de infraestrutura urbana.
- Para ampliação da malha viária.
- Para disseminação dos centros de cultura, de lazer, de esportes, para os agrupamentos de instalação destinados aos serviços públicos nas áreas da saúde, educação etc.

#### *A hipótese*

A proposta era buscar nos espaços internos das edificações as áreas em falta. Para tanto, imagina-se, sempre que possível, a substituição das construções existentes ao longo das vias, previamente selecionadas e com a participação do usuário no planejamento, por outras edificações dotadas de todo o equipamento conveniente para o local e mais as pistas de circulação, introduzidas na forma de pavimento especial, interligando os sucessivos blocos de construção e ultrapassando as quadras em subsolo e/ou elevada, de forma suficiente para não interferir no movimento de superfície e livre das condições topográficas. O projeto pode poupar edifícios históricos previamente selecionados.

Assim implantadas, as edificações disporiam de três níveis distintos, integrados e independentes:

- 1º nível correspondente à via existente.
- 2º nível destinado a pistas de rolamento para transporte público, faixas exclusivas para diferentes usos (esteiras rolantes, automóveis, bicicleta, pedestres etc.) em subsolo e/ou elevadas.
- 3º nível optativo quanto ao uso: residencial, comercial ou público ocupando tantos pavimentos quanto indicado no projeto.

A reposição das atividades no 1º nível seria compatível com a manutenção do uso do solo na região. Surgiria, então, a oportunidade de ser executado um amplo plano de renovação urbana, disciplinando as funções próprias de uma autêntica unidade de vizinhança.

No 2º nível, as pistas de rolamento aérea e/ou no subsolo estariam livres de cruzamentos ou qualquer outro obstáculo. Quando necessárias, as transposições entre subsolo e elevadas aconteceriam no interior do lote. Um eixo de edifícios-pista exclusivo para a circulação de coletivos (sobre mon trilhos, *trolley* ou similar), para

ciclo-passarelas, e serviços como entregas e coletas de lixo ofereceriam meios de estabelecer uma malha viária flexível e em permanente desenvolvimento, no sentido de extravasar zonas atualmente congestionadas.

O espaço aéreo, no 3º nível, poderia ser racionalmente ocupado por núcleos residenciais ou por outra atividade adequada ao local ao longo do tempo.

#### *Viabilidade Social*

Como decorrência de um processo de renovação urbana por meio do qual os imóveis são valorizados pelos próprios melhoramentos, seria válida a hipótese da participação dos seus proprietários e usuários locatários ou ocupantes, pela permuta e acertos dos terrenos por áreas construídas nos seus espaços originais e com opção de seu retorno em curto prazo, prioritariamente às atividades antes desenvolvidas, se essas fossem compatíveis com o local. Seria possível evitar, dessa forma, os inconvenientes advindos das desapropriações, indesejáveis para ambas as partes. No período em que o usuário precisaria se afastar para a execução da obra, ele seria realocado e mantido pelo erário público.

A criação de áreas construídas para habitação popular tende a maximizar a infraestrutura existente e a implantação em eixo proporciona a renovação desta estrutura, somando novas tecnologias nas áreas de saneamento.

#### *Viabilidade Econômica*

No caso da opção por trânsito em subsolo, a obra poderia contar com a construção das pistas por vala a céu aberto VCA ou *Cut and cover*, contrapondo a tecnologia tuneladora – *Tunnel boring machines* – *TBM* – ou tatuzão.

O saldo positivo de áreas construídas vendáveis propicia, mesmo em se tratando de habitação popular, no mínimo, o retorno do capital investido, de forma a criar condições de a obra se autofinanciar.

Eventual pagamento de uso dos modais de passagem no plano horizontal interedifícios criam possibilidades de entrada financeira suficiente para manutenção das instalações e serviços, o que viabiliza a verticalização da habitação de interesse social. Assim, imaginam-se edificações com áreas para crianças, com serviços de educadores, áreas de apartamentos-ambulatórios para estadia de idosos com equipamentos e serviços especializados, além dos itens de conforto usuais, tais como piscina, solário, academia, creche etc.

O detalhamento do projeto tem potencial para orientar a implantação dos trechos prioritários sob o ponto de vista social e viário.

Zonas urbanisticamente deterioradas, constituídas predominantemente de prédios em condições precárias e de baixo valor comercial, seriam as preferenciais para a realização do processo da substituição imobiliária a curto prazo.

Outras zonas e pequenos trajetos que levem a estações intermodais constituem as etapas programadas para execução a longo prazo, porém previamente integradas em harmonia num planejamento global, perene e dinâmico, pois a somatória dos segmentos implantados tenderia a completar o projeto ao longo do tempo.

#### *A proposta*

A proposta procurava superar dificuldades sempre enfrentadas para equacionar problemas urbanísticos: a solução isolada de uma questão ocasionando efeitos colaterais indesejáveis em outros setores.

#### *Criação de novas áreas em regiões densamente construídas*

No processo histórico do desenvolvimento de São Paulo, três fases distintas podem ser observadas na ocupação da área urbana: crescimento, pujança e decadência. Na última fase, dá-se o deslocamento de interesses para novos locais, exigindo dos poderes públicos a aplicação de verbas cada vez mais elevadas para estender e manter a infraestrutura, cujos custos crescem exponencialmente, na razão direta das distâncias. O fenômeno vem se repetindo a tal ponto que é quase impossível atender a toda a periferia espraiada. Essa periferia invadiu mananciais e a mata atlântica.

Entretanto, permanecem nas áreas urbanisticamente exauridas as atividades que ao longo do tempo se vincularam ao local. Essas áreas são caracterizadas pelo valor comercial inerente às suas atividades e, ao mesmo tempo, pelo desinteresse do setor privado no investimento e na construção de edificações sobre áreas deterioradas.

Exemplo típico são a rua Santa Efigênia e suas imediações, onde a criação de novos espaços visando ao adensamento, embora considerada altamente interessante, ainda não foi tornada possível, e a região da 25 de Março, ambos agregadores de comércio especializado, em eletrônicos para a Santa Efigênia e tecidos, aviamentos e peças de adereços para a 25 de Março. O abandono que a área sofreu reflete-se na formação da chamada Cracolândia.

#### *Ampliação da malha viária*

O surpreendente aumento do trânsito de veículos tornou insuficientes essas vias, rodeadas agora por regiões densamente povoadas. A ampliação de suas dimensões tem sido feita por métodos ortodoxos: alargamento das pistas pela incorporação dos canteiros centrais e estreitamento das calçadas, roubando do pedestre seu espaço e sua

segurança.

A região tende a se descaracterizar quando seccionada por intenso trânsito de passagem, com longos trechos intransponíveis, que dificultam o relacionamento entre a vizinhança. Para alargar as estreitas ruas da cidade, especialmente da parte vulnerável desta, resta somente o recurso da desapropriação e demolição. As desapropriações, normalmente problemáticas, são responsáveis pelo êxodo dos usuários estabelecidos e detentores da memória e da tradição comercial do local, fator nem sempre considerado na avaliação do imóvel.

Renovação urbana, criação de novos espaços, inserindo vias de trânsito exclusivas para diferentes modais e desvinculados do trânsito local, são vantagens diretas da implantação dos edifícios-pista. Outras melhorias destacam-se, sob os seguintes aspectos:

#### *Melhoramentos Urbanísticos*

Os edifícios-pista tem o potencial de oferecer as mesmas características da legislação vigente, ou terá ampla participação da sociedade no sentido de criar legislação própria, apenas incorporando pavimento à pista que interliga as estruturas esbeltas, oferecendo liberdade arquitetônica.

Possibilidade de outros complementos urbanísticos, como, por exemplo, serviço no nível do solo, lazer e entrada e saída de produtos, feiras livres etc., em áreas residenciais, tendem a valorizar as ruas do entorno, que também será favorecido por melhorias na infraestrutura urbana.

Os edifícios-pista poderão ser construídos conforme a conveniência, simultaneamente em pontos diferentes, vindo posteriormente a se completar como eixos, desde que obedientes a um gabarito específico, pela possibilidade de segmentação da obra. Também poderão dar apoio ao sistema de transporte público já existente.

Ao ser completado um eixo do projeto, teria sido introduzido em toda a região vizinha uma zona de influência dos melhoramentos contidos no mesmo, tais como o redimensionamento e enterramento de fios e cabos, e renovação dos seus equipamentos de rede de água, esgoto, telefonia etc.

Podendo ser desvinculado das vias existentes, o traçado do eixo de edifícios-pista se desenvolve nas condições mais favoráveis, transpondo por subsolo ou evitando obstáculos e preservando monumentos, caracterizando sua flexibilidade horizontal.

Sendo optativa a criação do espaço aéreo acima do solo e das faixas de rolamento, em tantos pavimentos quanto forem convenientes, os edifícios-pista oferecem a vantagem de planejamento de, por exemplo, a ventilação e a insolação. As faixas de rolamento também oferecem oportunidade de flexibilidade horizontal, podendo ser inserida nos edifícios de forma livre da topografia.

O relacionamento de vizinhança seja mantido, com a circulação local desafogada do trânsito de passagem, possibilitando o não seccionamento de regiões. Os projetos seriam dinâmicos, podendo ser ampliados tanto no alongamento de seus eixos como na criação de novos edifícios-pista, aumentando a malha viária e a disponibilidade de novos espaços.

#### *Político-social*

Por evitar desapropriações, a proposta oferece aos proprietários e usuários opção do retorno com as características tradicionalmente vinculadas ao local e em instalações modernas e valorizadas.

Pela possibilidade da rápida retomada das funções interrompidas para a implantação do projeto: o retorno pode ser planejado para ser efetuado uma vez completados o 1º e o 2º níveis.

Pela não interferência com as atividades da região durante o período das obras: a construção dos edifícios-pista, obedecendo ao mesmo processo das obras de edifícios convencionais, será isolada da rua e dentro dos lotes.

Favorece o pedestre, que terá seu espaço respeitado e melhorado com a reurbanização (marquises, arborização etc.).

\*

Os arquitetos pediam ao poder público o aluguel de um imóvel dentro da região afetada para a reunião de técnicos multidisciplinares e a população. O trajeto proposto para estudo envolvia as ruas São Paulo, Lavapés, e região da Luz, buscando preservar os clusters que já existiam no âmbito da moda e de eletrônicos da Santa Efigênia, regiões que não receberam atenção nos cinquenta anos que se seguiram e que se configuram como enorme problema social do município.

A proposição de Aloysio Becker e Oswaldo Beirão era de desenvolver uma nova tecnologia construtiva, projetando o edifício como passagem, podendo receber vias de passagem nos níveis do subsolo e/ou aéreo. Subsistem apenas algumas fotos com marcações. Não havia uma comunidade acadêmica de pesquisa. O curso de Pós-

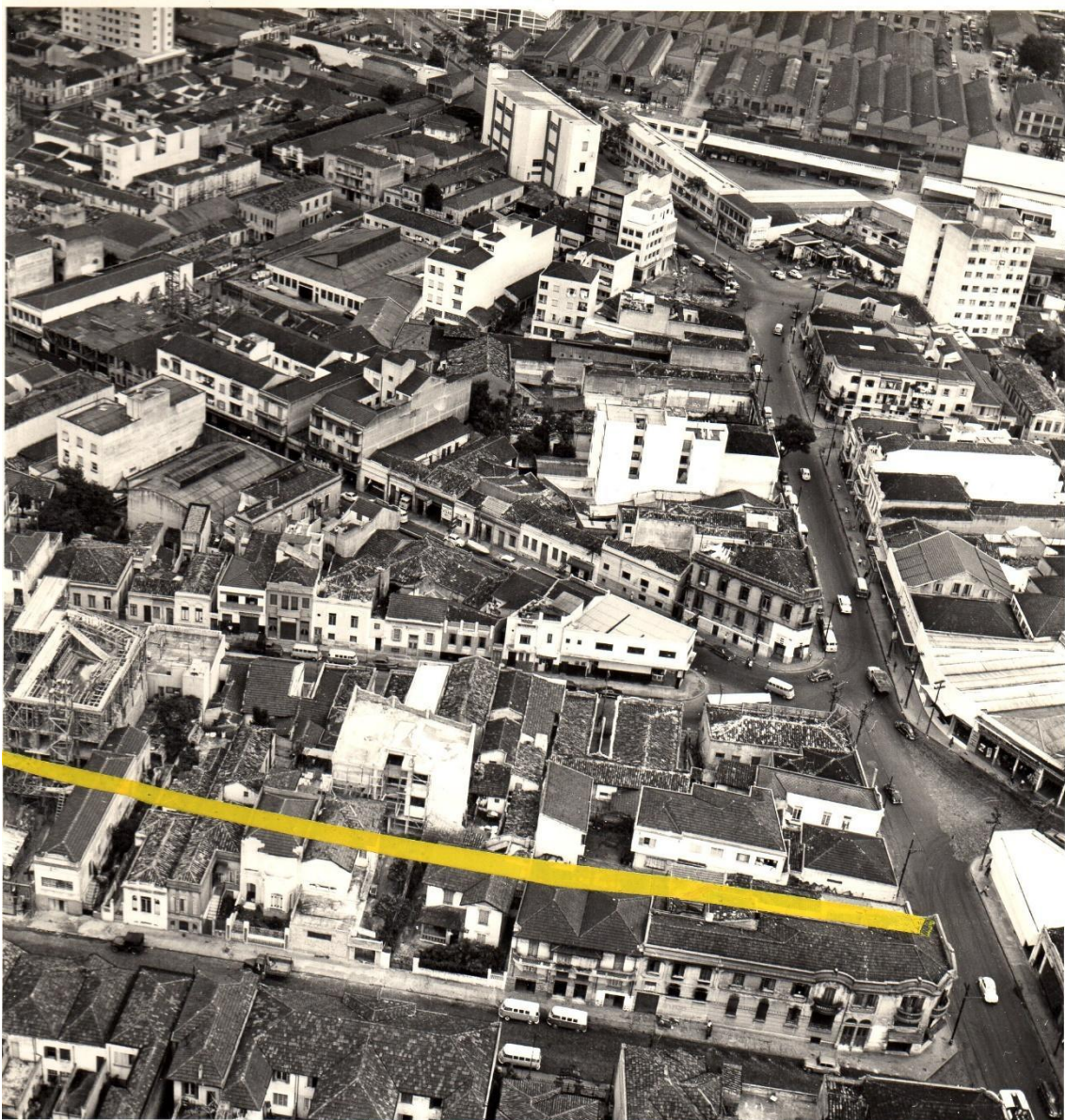
graduação da FAU/USP foi criado em 1971.

Subsistem fotografias feitas da tela de uma televisão enquanto o jornalista Odon Pereira da Silva entrevista Aloysio, em um período em que não havia vídeo-tape.



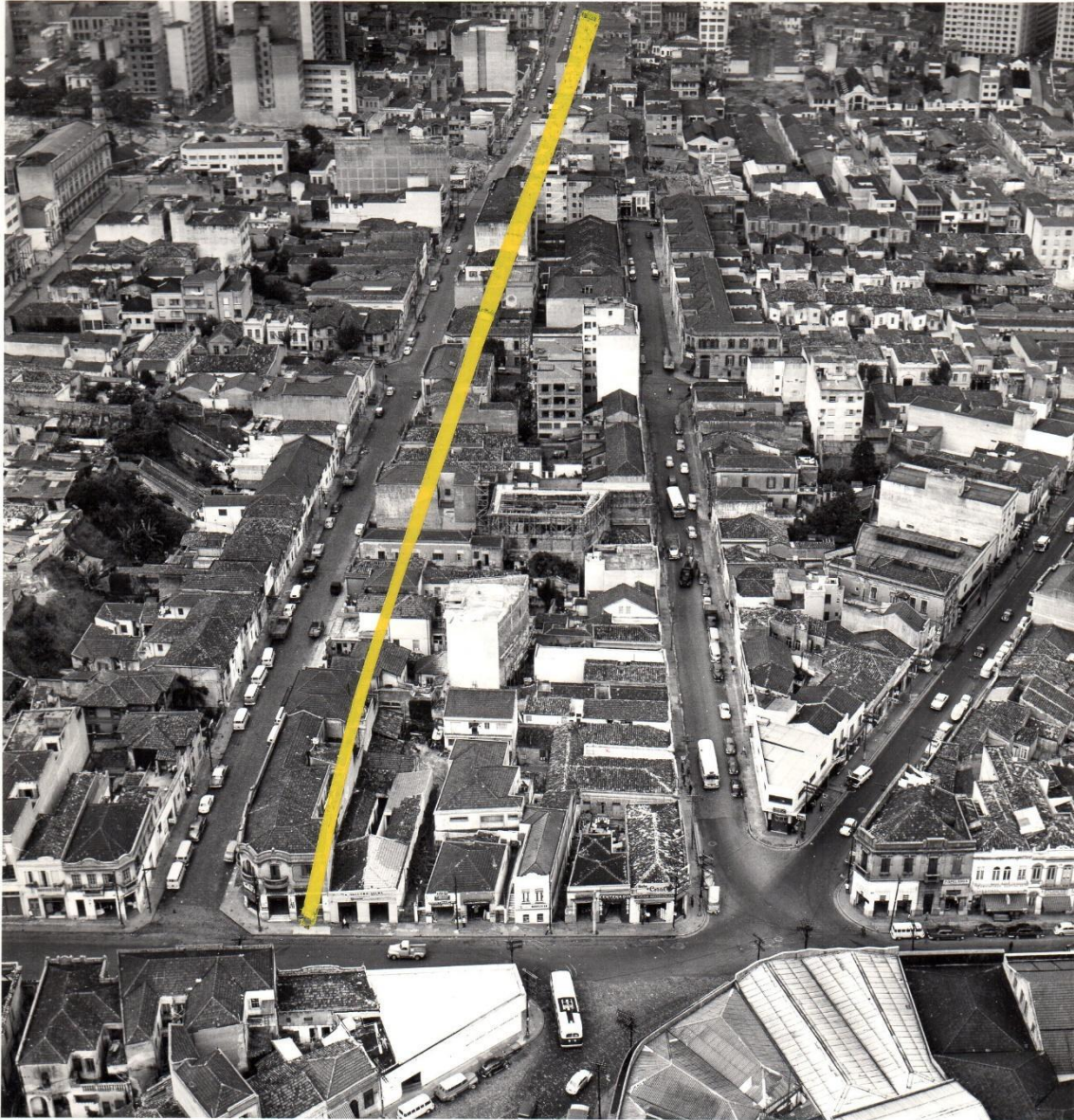
35 - Rua Lavapés





36 - Início da Rua Tomás de Lima





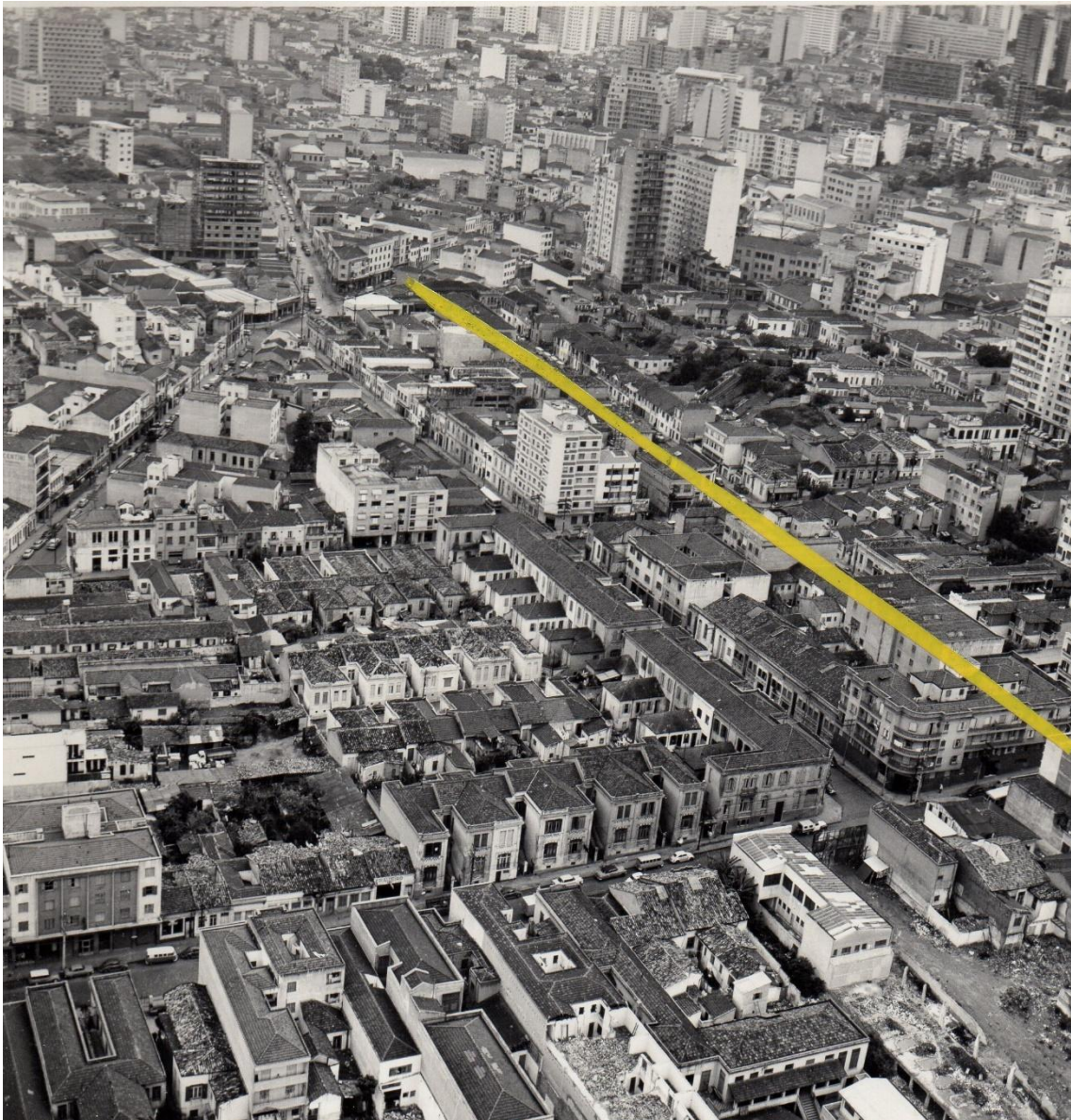
37 - Rua Tomás de Lima





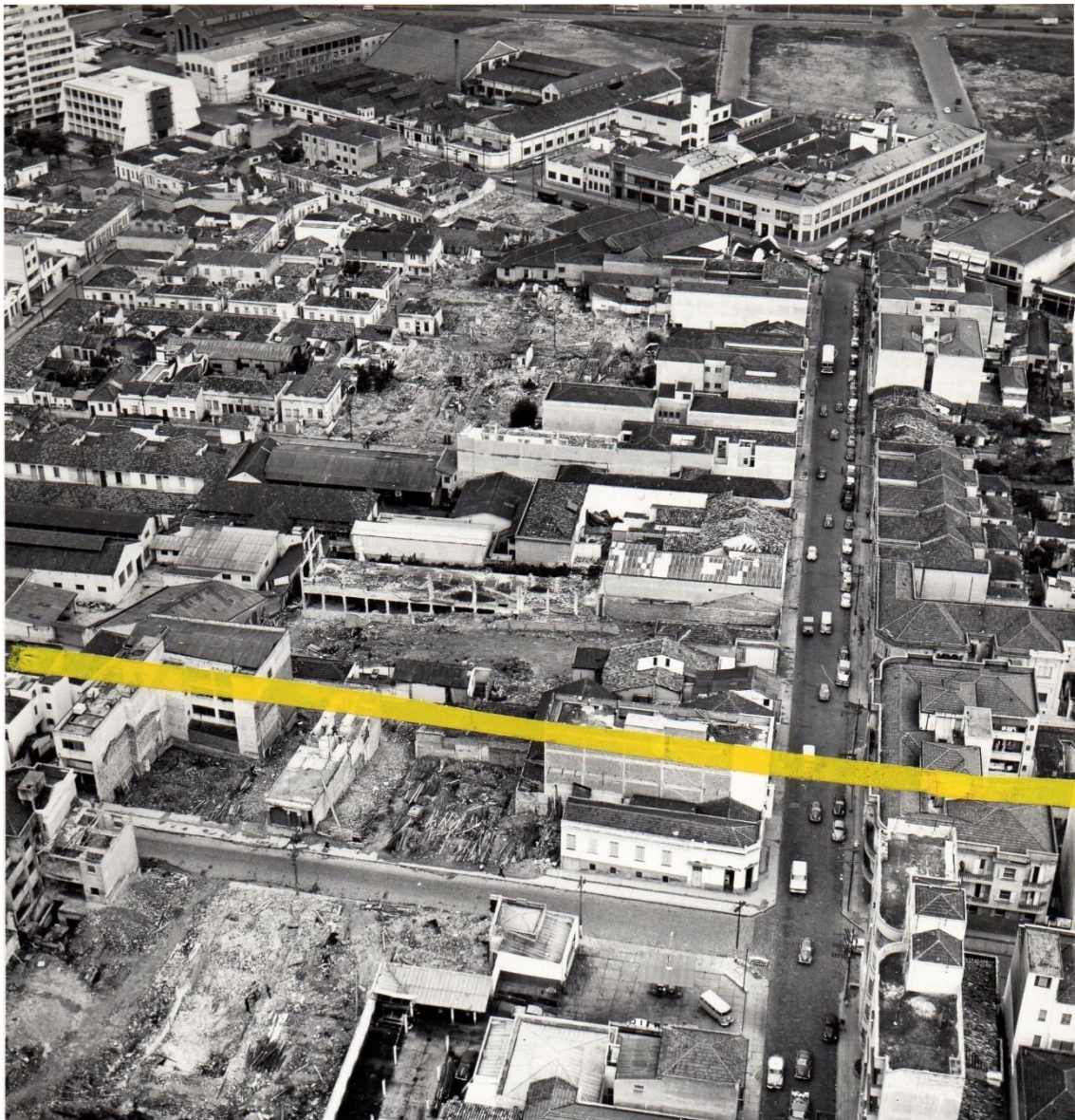
38 - Rua Tomás de Lima, esquina com a rua Barão de Iguape





39 - Rua Tomás de Lima, esquina com a rua São Paulo





40 - Rua Tomás de Lima, esquina com a rua São Paulo



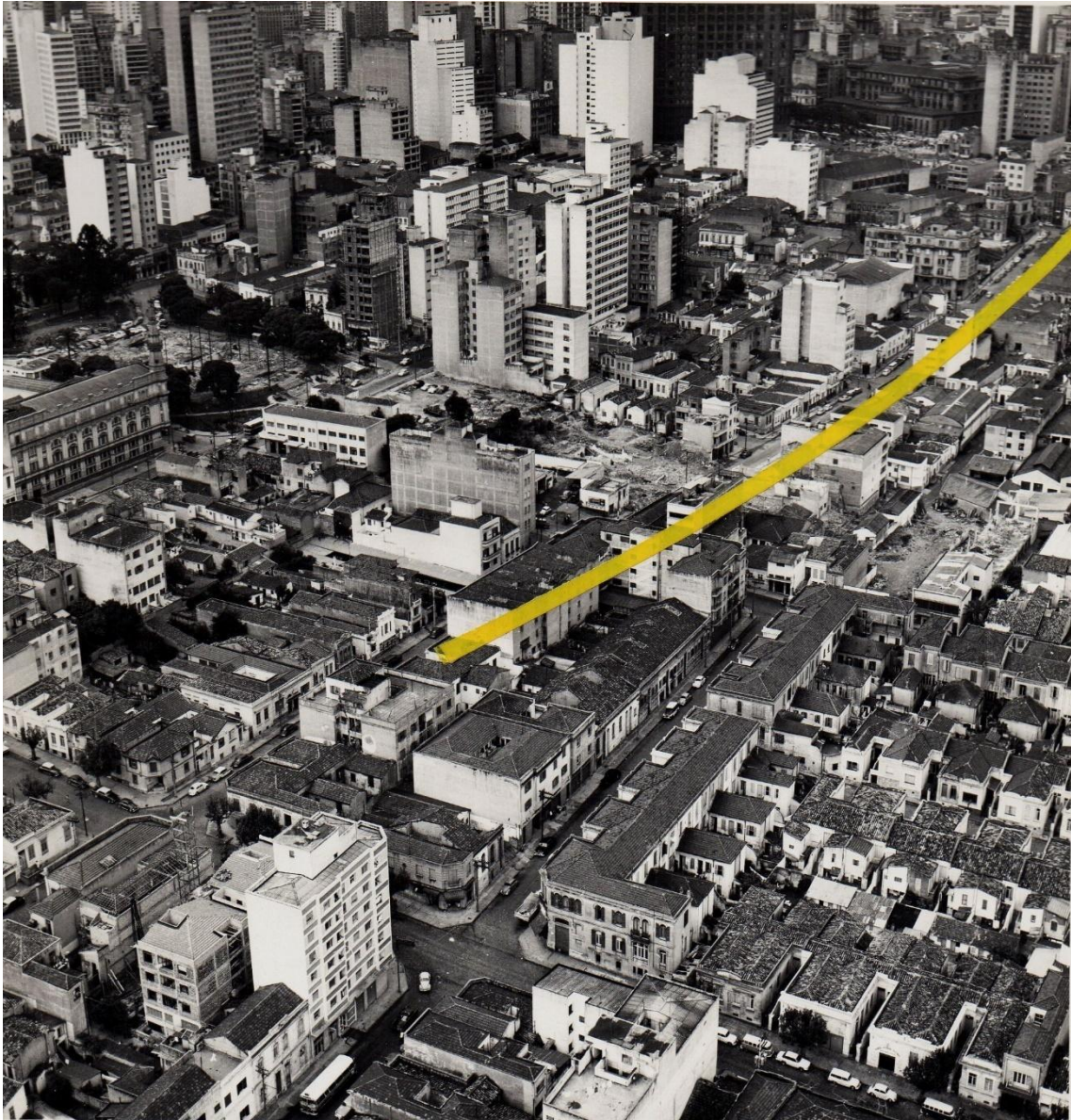
41 - Rua Tomás de Lima





42 - Rua Tomás de Lima, esquina com a rua Lund e rua dos Estudantes





43 - Rua Tomás de Lima, esquina com a rua dos Estudantes





44 - Rua Conde de Sarzelas

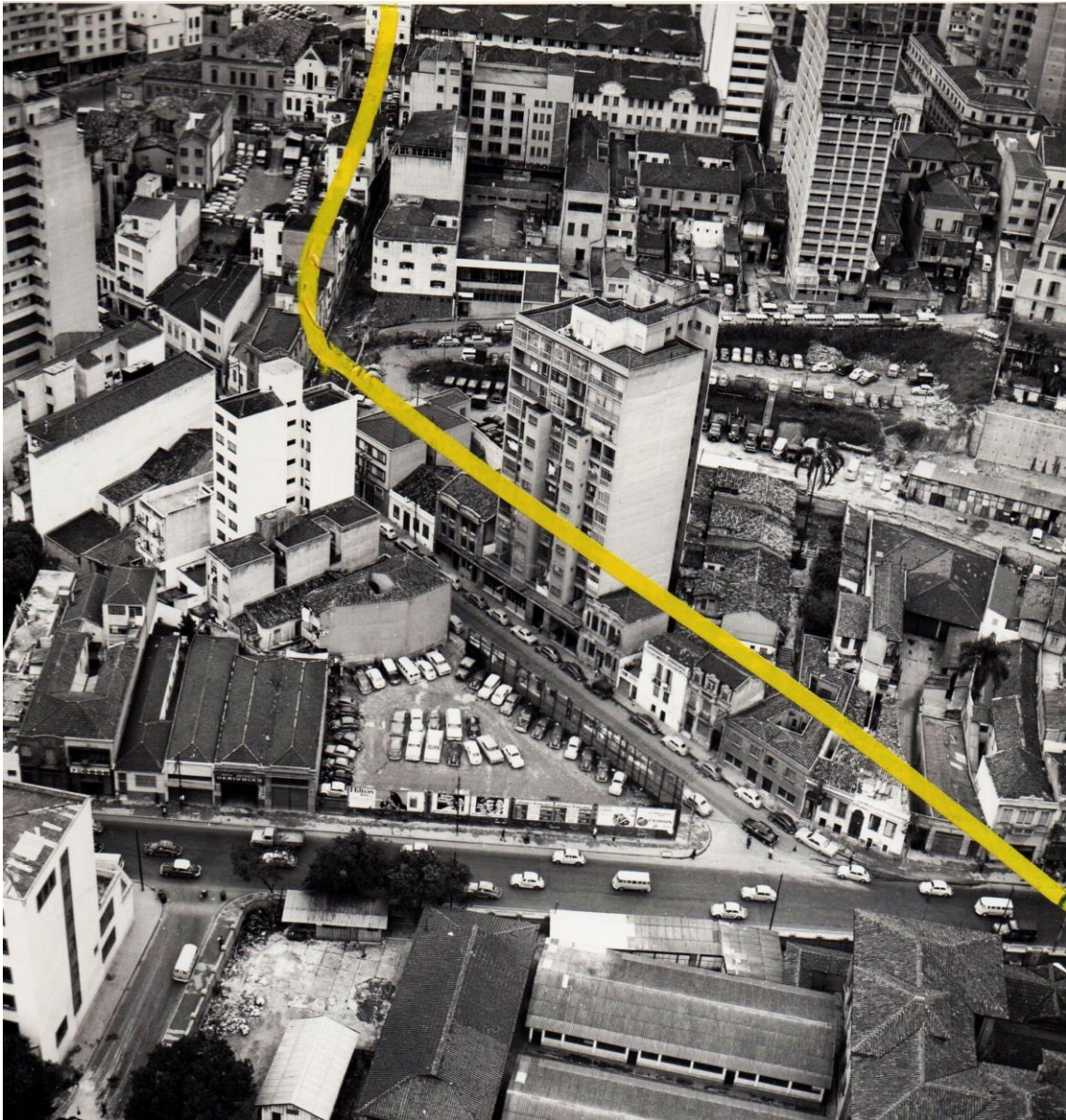


45 - Rua Conde de Sarzelas



46 - Parte da Ligação Leste-Oeste, antes da construção do Minhocão





47 - Esquinas das ruas Tabatinguera e Silveira Martins





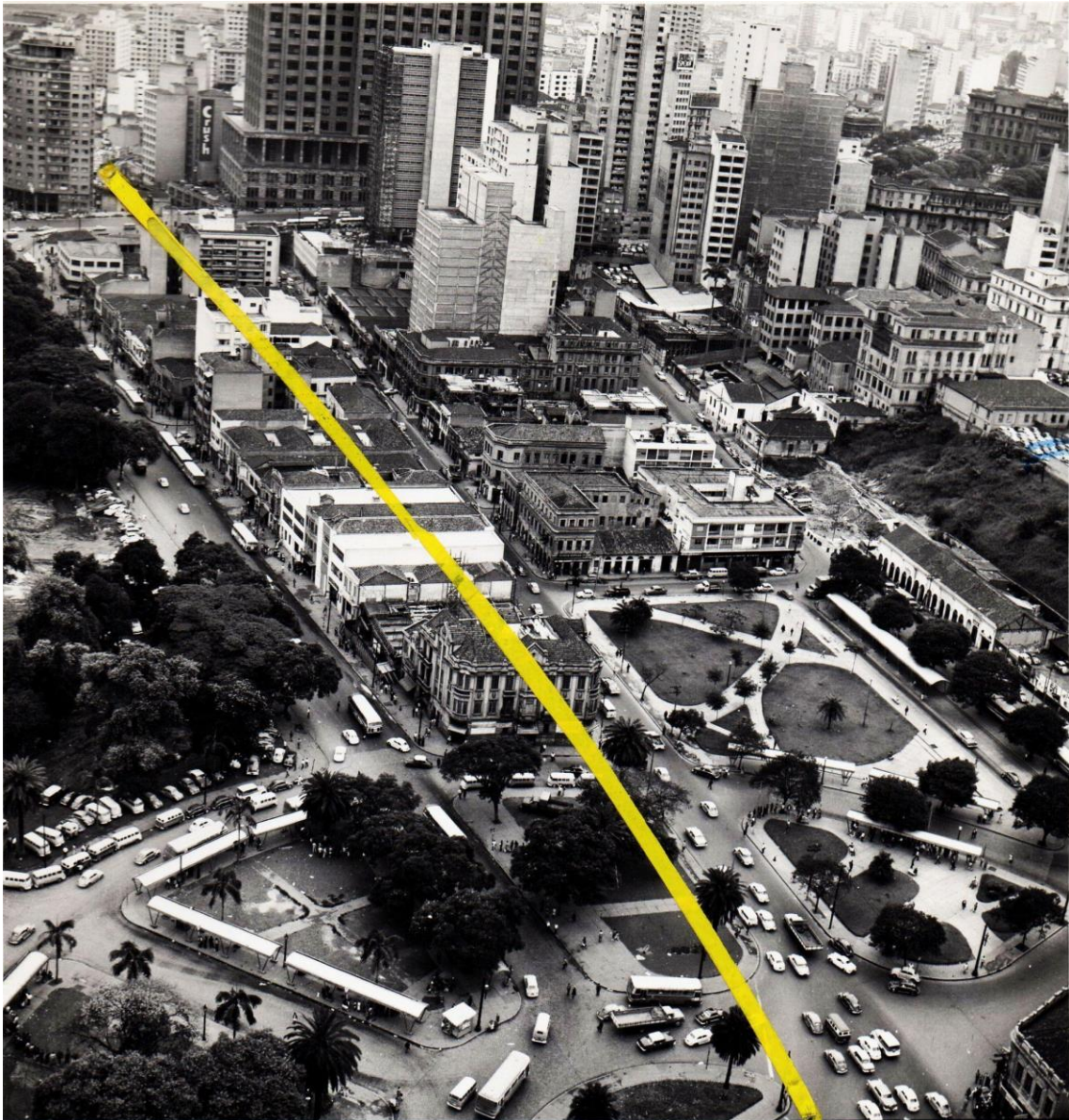
48 - Esquinas das ruas Tabatinguera e Silveira Martins e continuação do percurso cruzando a rua do Carmo





49 - Percorso cruzando a av. Rangel Pestana, chegando à rua 25 de março





50 - À direita, praça Fernando Costa e, à esquerda, o parque D. Pedro II



51 - Rua 25 de Março, ao fundo a praça Fernando Costa





52 - Rua 25 de Março



53 - Rua 25 de Março

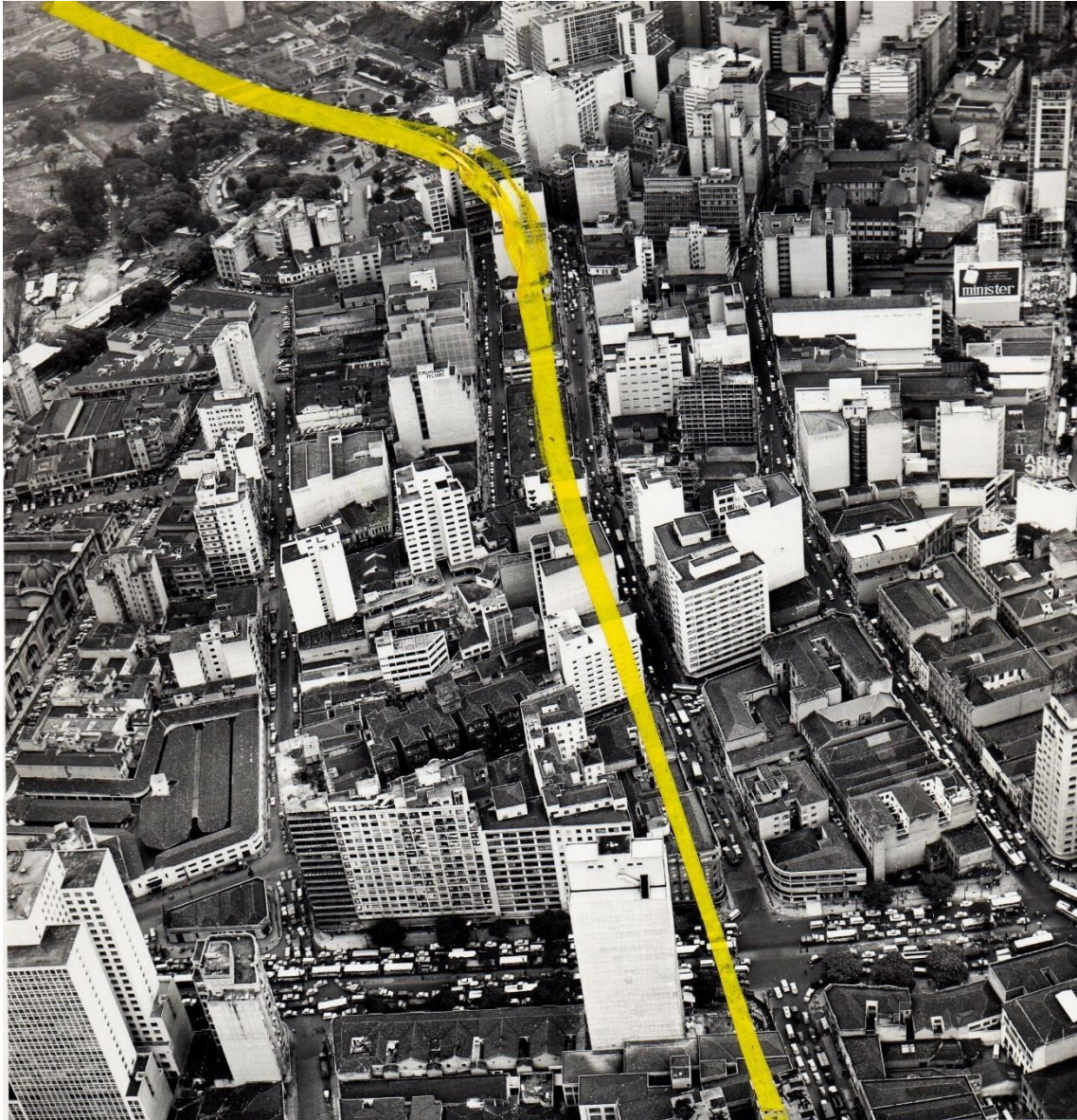


54 - Rua 25 de Março



55 - Rua 25 de Março





56 - Panorâmica desde o parque D. Pedro II até a esquina da rua 25 de Março com av. Senador Queirós





57 - Esquina da rua 25 de Março e av. Senador Queirós



58 - Mercado Municipal e parque D. Pedro II, ao fundo, nas duas margens do rio Tamanduateí





59 - Esquina da rua 25 de Março e av. Senador Queirós





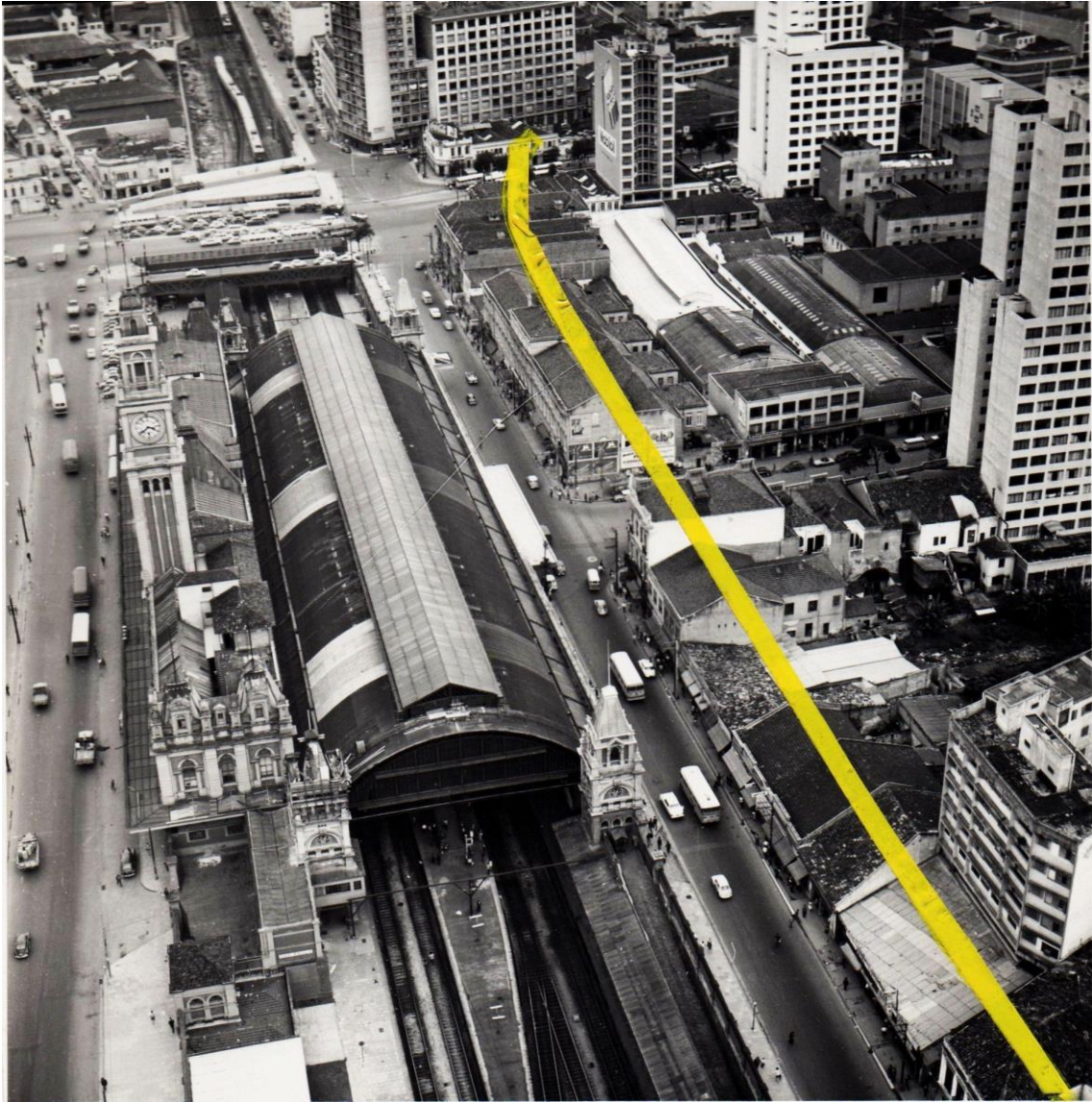
60 - Rua 25 de Março, terminando na rua Paula Souza





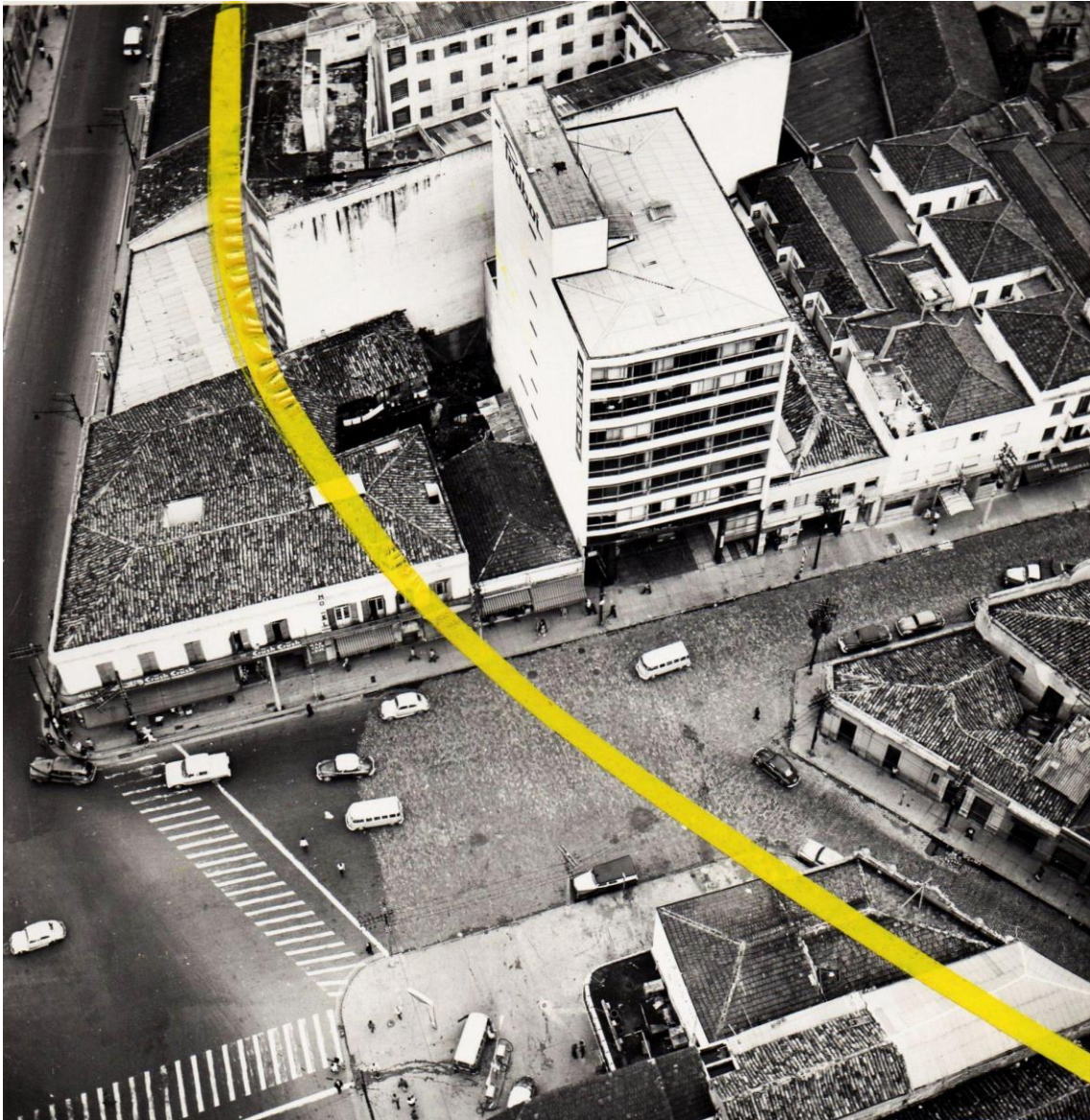
61 - Esquina da rua Mauá com a av. Prestes Maia





62 - Esquina da rua Mauá com a av. Prestes Maia





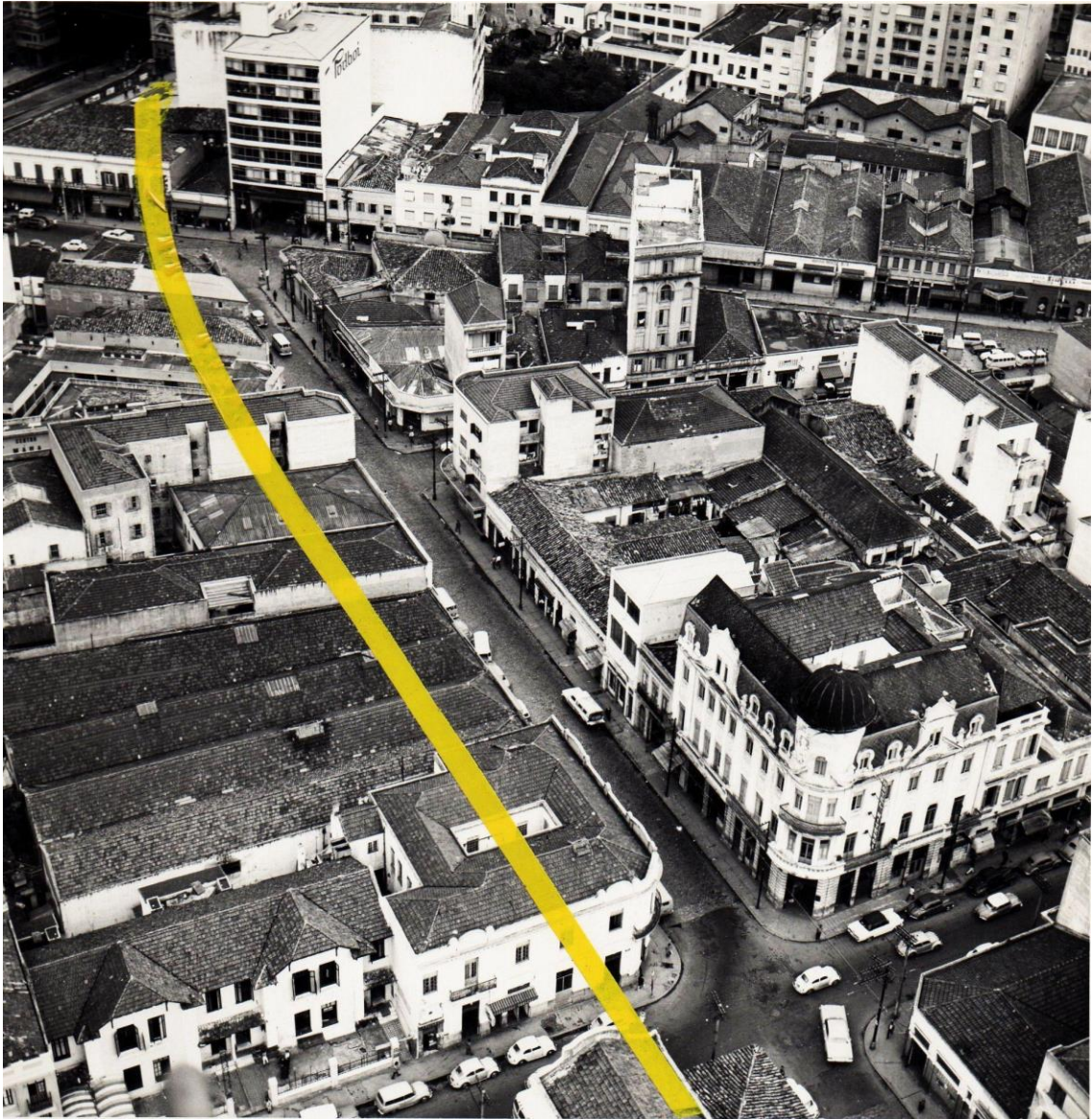
63 - Esquina das ruas Mauá, General Couto Magalhães e Dos Gusmões





64 - Esquina das ruas Mauá, General Couto Magalhães e Dos Gusmões





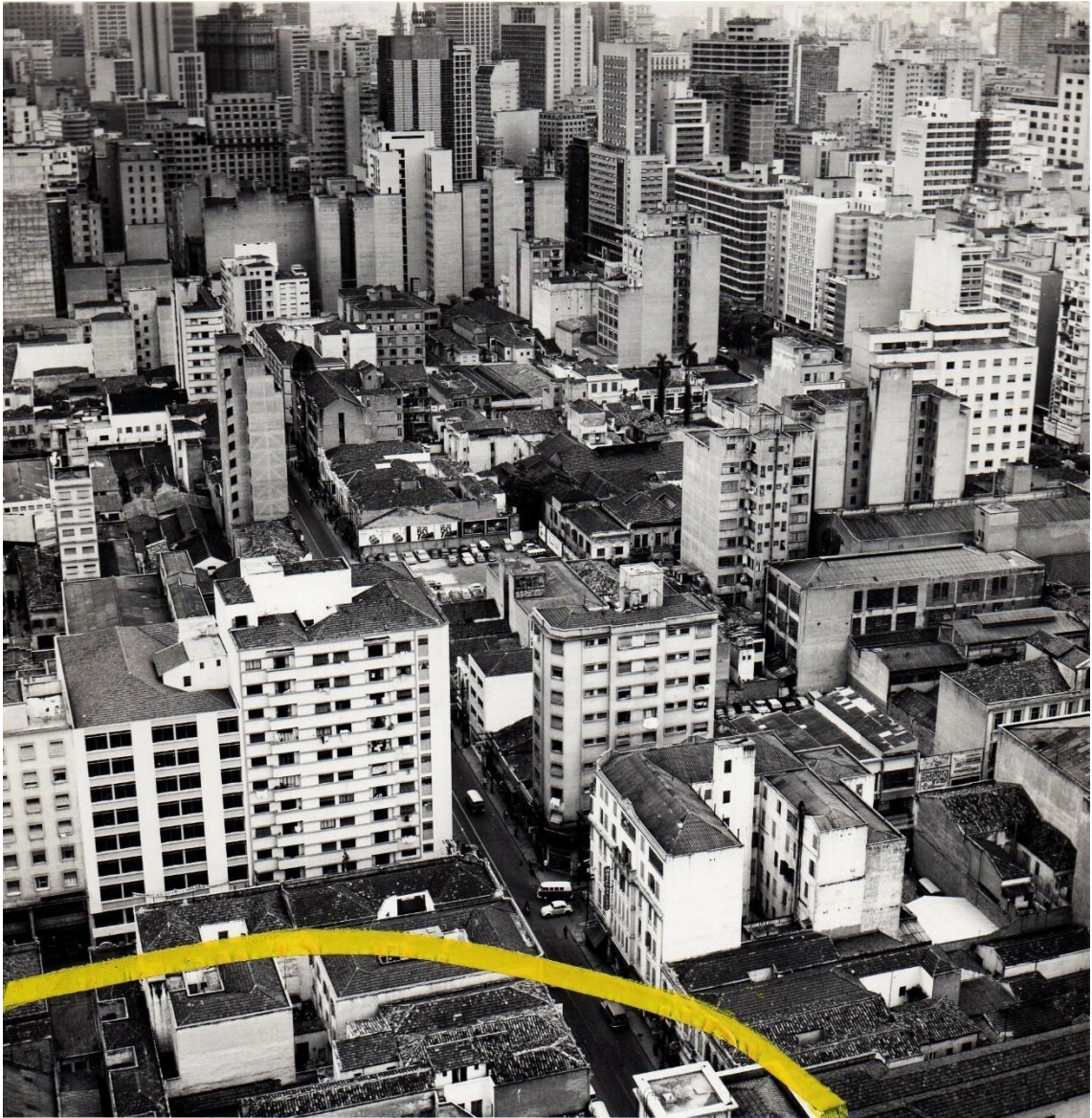
65 - Esquina das ruas Dos Gusmões e Dos Andradas





66 - Esquina das ruas Santa Efigênia e Dos Gusmões





67 - Esquina das ruas Santa Efigênia e Dos Gusmões





68 - Rua Santa Efigênia, esquina com a av. Duque de Caxias





69 - Rua Santa Efigênia, esquina com a av. Duque de Caxias; ao fundo, av. Barão de Piracicaba





70 - Al. Barão de Piracicaba





71 - Al. Barão de Piracicaba com largo Coração de Jesus





72 - Al. Barão de Piracicaba, esquina com a Al. Nothmann





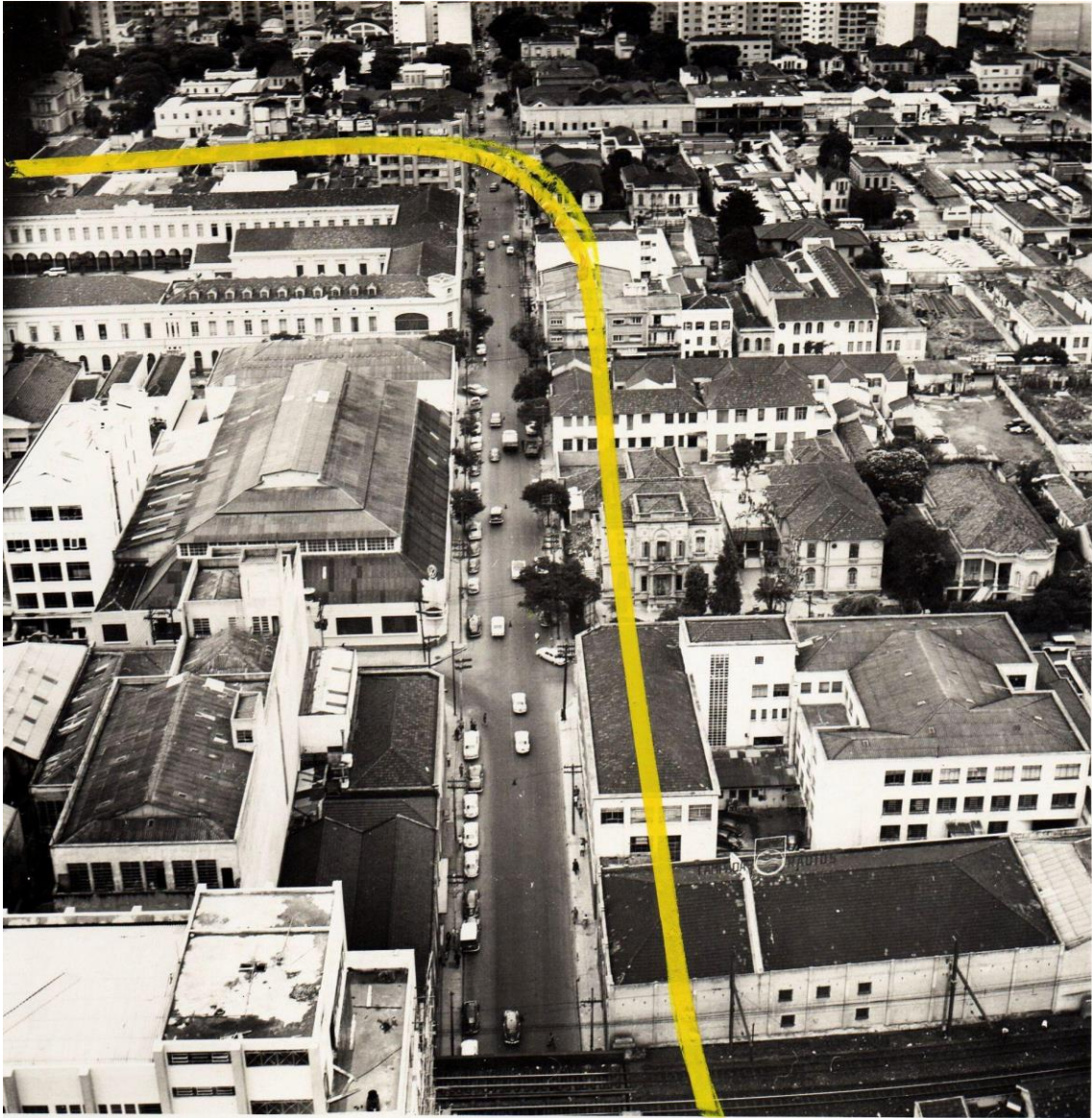
73 - Al. Barão de Piracicaba esquina com a Al. Nothmann





74 - Al. Nothmann





75 - Al. Nothmann., esquina com Al. Dino Bueno, chegando à linha férrea





76 - Após vencer a estrada de ferro e cruzar com a rua Anhaia, chegando à rua dos Italianos





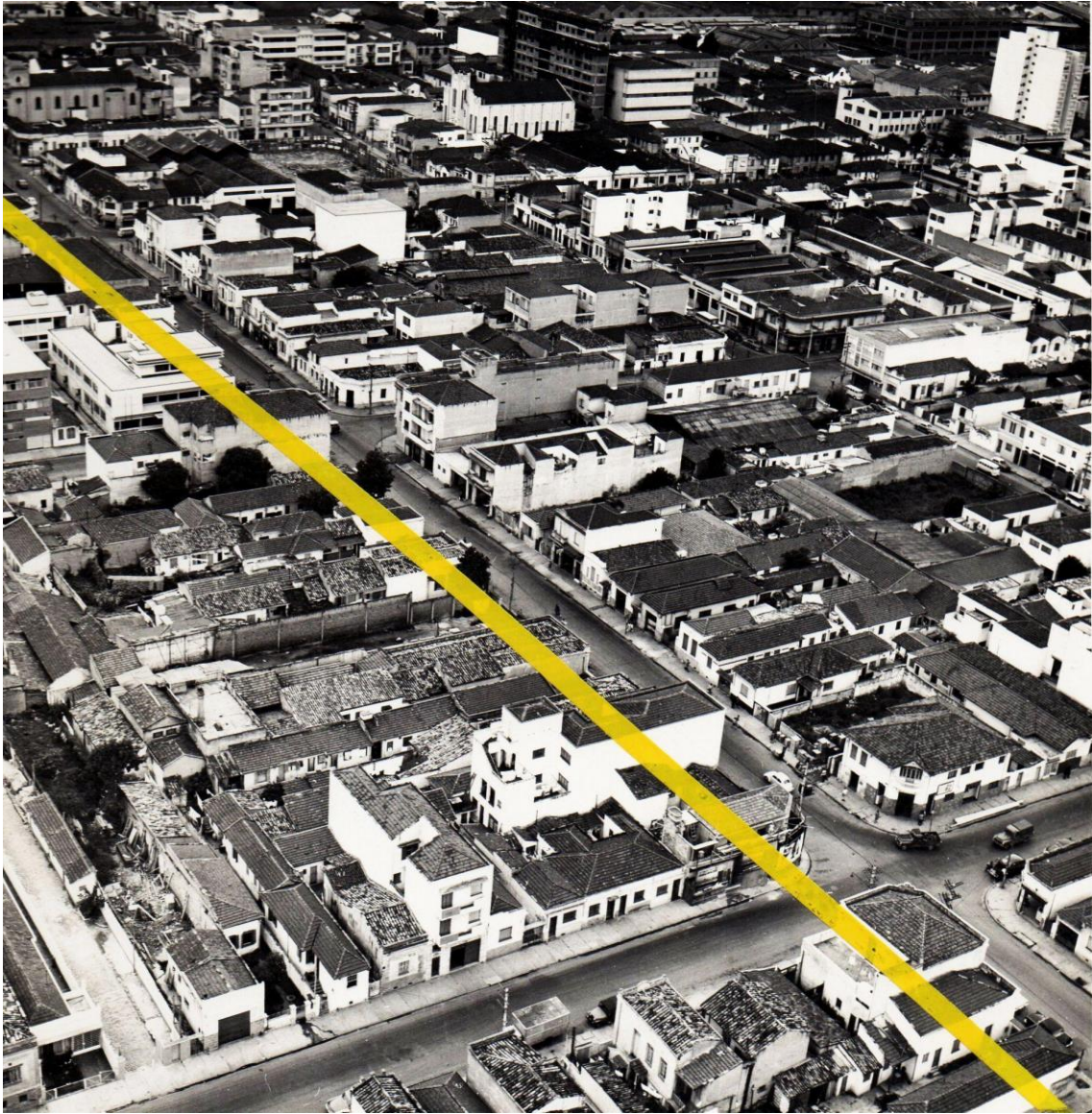
77 - Rua dos Italianos





78 - Rua dos Italianos, esquina com a rua Solon





79 - Rua dos Italianos, esquina com a rua Jaraguá





80 - Rua dos Italianos, esquina com a rua Javaés





81 - Rua dos Italianos esquina, com a rua Javaés





82 - Esquina da rua dos Italianos e rua Sérgio Tomás e, ao fundo, os dois lados da Marginal Tietê

A seguir, links para o aplicativo Google Street View. Caso o leitor esteja trabalhando em arquivo digital, clique sobre o link alfanumérico para o direcionamento ao mapa. Caso esteja fazendo leitura em material impresso, aponte a câmera do celular para o QR Code. O material é parte integrante da instalação no Metaverso.

### **Rua São Paulo**

[https://www.google.com/maps/@-23.5569855,-46.6319929,3a,89.2y,40.02h,73.05t/data=!3m6!1e1!3m4!1sCT0lqha\\_R9qiAgl\\_QLFyAw!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0](https://www.google.com/maps/@-23.5569855,-46.6319929,3a,89.2y,40.02h,73.05t/data=!3m6!1e1!3m4!1sCT0lqha_R9qiAgl_QLFyAw!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0)



### **Rua Lavapés**

<https://www.google.com/maps/@-23.5598822,-46.6312586,3a,60y,8.76h,82.84t/data=!3m6!1e1!3m4!1sE1zV60VpO1Vve8Iu1nwj5w!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0>



### **Ligação Leste-Oeste**

[https://www.google.com/maps/@-23.5560306,-46.6319789,3a,60y,175.61h,92.95t/data=!3m6!1e1!3m4!1sOL18spENxkuuOGWyzB\\_03A!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0](https://www.google.com/maps/@-23.5560306,-46.6319789,3a,60y,175.61h,92.95t/data=!3m6!1e1!3m4!1sOL18spENxkuuOGWyzB_03A!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0)



**Depois do complexo, a rua passa a chamar rua Mituto Mizumoto**

**Av. Rangel Pestana, início da rua 25 de Março**

**Rua dos Estudantes**

<https://www.google.com/maps/@-23.5554821,-46.6319855,3a,60y,188.69h,93.82t/data=!3m6!1e1!3m4!1sKxsyFaEy8Kv9bR6FVfTLtg!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0>



**Rua 25 de Março**

<https://www.google.com/maps/@-23.5483024,-46.6306882,3a,60y,359.17h,95.06t/data=!3m6!1e1!3m4!1sTzLX139dwEXgf8A5CayQHw!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0>



**Av. Senador Queiroz**

[https://www.google.com/maps/@-23.5397669,-46.6320915,3a,75y,171.85h,89.36t/data=!3m6!1e1!3m4!1sLoYWL2Kq--Vecv5gM\\_v4tQ!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0](https://www.google.com/maps/@-23.5397669,-46.6320915,3a,75y,171.85h,89.36t/data=!3m6!1e1!3m4!1sLoYWL2Kq--Vecv5gM_v4tQ!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0)



**Rua Paula Souza**

<https://www.google.com/maps/@-23.538049,-46.631946,3a,60y,301.97h,88.83t/data=!3m6!1e1!3m4!1suMyRHoLnyi3XSRFfh-NS5Q!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0>





### **Av. Prestes Maia**

<https://www.google.com/maps/@-23.5369185,-46.6335668,3a,60y,335.8h,92.43t/data=!3m6!1e1!3m4!1s4FpmYbBG3HllvJakD5V8Iw!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0>



### **Rua Mauá**

<https://www.google.com/maps/@-23.5356629,-46.6343448,3a,60y,292.84h,91.8t/data=!3m6!1e1!3m4!1sZXdNac357rIOwbeEJqriKw!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0>



### **Rua do Triunfo**

<https://www.google.com/maps/@-23.5363122,-46.6382351,3a,60y,199.7h,95.67t/data=!3m6!1e1!3m4!1sxRpE1ahJ1GrDrva2QWpMKQ!2e0!7i13312!8i6656?authuser=0>



### **Rua Santa Efigênia**

<https://www.google.com/maps/@-23.5373853,-46.6399573,3a,60y,149.48h,109.5t/data=!3m6!1e1!3m4!1sgLr4ft-BY7ZFC4kIubHK-Q!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0>



### **Av. Duque de Caxias**

<https://www.google.com/maps/@-23.53574,-46.6411872,3a,34.9y,114.95h,89.98t/data=!3m6!1e1!3m4!1svAUWtBSSaYqzCg9Qr5GiLA!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0>



### **Barão de Piracicaba e Helvetia**

<https://www.google.com/maps/@-23.5340676,-46.6427613,3a,60y,338.23h,94.47t/data=!3m6!1e1!3m4!1sgC9xRDEAxvZ1xxOaH1hQiQ!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0>



**Alameda Glete e Barão de Piracicaba**

[https://www.google.com/maps/@-23.5330527,-46.6436155,3a,60y,59.7h,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1s\\_83SWP9tQxgoYq9RvcDN3w!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0](https://www.google.com/maps/@-23.5330527,-46.6436155,3a,60y,59.7h,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1s_83SWP9tQxgoYq9RvcDN3w!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0)



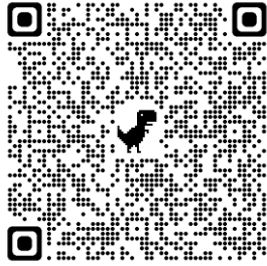
**Nothmann e Barão de Piracicaba**

[https://www.google.com/maps/@-23.531572,-46.644749,3a,60y,35.76h,92.06t/data=!3m6!1e1!3m4!1sx3rxSTdUg3\\_cNLH-NKKEOw!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0](https://www.google.com/maps/@-23.531572,-46.644749,3a,60y,35.76h,92.06t/data=!3m6!1e1!3m4!1sx3rxSTdUg3_cNLH-NKKEOw!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0)



**Dino Bueno e al. Nothmann**

<https://www.google.com/maps/@-23.5311815,-46.6438347,3a,60y,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1sAZIX53-V6OxkkZXqn6sjhA!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0>



**Rua Silva Pinto e rua Anhaia**

[https://www.google.com/maps/@-23.5299301,-46.6420028,3a,60y,291.32h,92.19t/data=!3m6!1e1!3m4!1sf5eiYlYsMloSfD-\\_g7xF2Q!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0](https://www.google.com/maps/@-23.5299301,-46.6420028,3a,60y,291.32h,92.19t/data=!3m6!1e1!3m4!1sf5eiYlYsMloSfD-_g7xF2Q!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0)



**Rua dos Italianos e rua Silva Pinto**

[https://www.google.com/maps/@-23.5294629,-46.6411185,3a,63.6y,291.54h,90.7t/data=!3m6!1e1!3m4!1s\\_IIL6wjJGWVG1tk96qM4A!2e0!7i13312!8i6656?authuser=0](https://www.google.com/maps/@-23.5294629,-46.6411185,3a,63.6y,291.54h,90.7t/data=!3m6!1e1!3m4!1s_IIL6wjJGWVG1tk96qM4A!2e0!7i13312!8i6656?authuser=0)



**Rua Solon e rua dos Italianos**

<https://www.google.com/maps/@-23.5251481,-46.6435113,3a,60y,324.91h,89.48t/data=!3m6!1e1!3m4!1s3-51jR5Ph63rZ8oAfRdM0w!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0>





**Júlio Conceição, Tenente Pena, Barão do Tibagi, Jaraguá, Javaés e dos Italianos**

[https://www.google.com/maps/@-23.522015,-](https://www.google.com/maps/@-23.522015,-46.6452159,3a,60y,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1sU1TXi46GFS_BbeNAe5m3ew!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0)

[46.6452159,3a,60y,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1sU1TXi46GFS\\_BbeNAe5m3ew!2e0!7i16](https://www.google.com/maps/@-23.522015,-46.6452159,3a,60y,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1sU1TXi46GFS_BbeNAe5m3ew!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0)

[384!8i8192?authuser=0](https://www.google.com/maps/@-23.522015,-46.6452159,3a,60y,90t/data=!3m6!1e1!3m4!1sU1TXi46GFS_BbeNAe5m3ew!2e0!7i16384!8i8192?authuser=0)



## PARTE 7

### **7.1 Sujeito Narcísico X Subjetividade Projetista Alter Egoísta**

#### *7.1.1 Da questão do narcisismo à retomada da alteridade*

Segundo Ernest Becker, a necessidade de criação de um projeto de herói, ou *causa sui*, que busca desafiar a morte, faz parte da personagem narcisista, sedento de aprovação ou de aceitação e resulta nos sentimentos primitivos de grupo religioso, de pátria, de seguidor de um líder. Esta sensação de pertencimento dá sustentação para enfrentar qualquer coisa, mesmo colocando a vida em risco. Estes sentimentos elementares fornecem o combustível que mantém a máquina de guerra no mundo.

Um sujeito narcísico é alguém que possui uma personalidade marcada pelo narcisismo. Indivíduos narcisistas podem ter dificuldade em reconhecer as necessidades e os sentimentos dos outros, colocando seus próprios interesses acima de tudo e tenderem a buscar constantemente validação e admiração dos outros. O narcisismo pode ser considerado uma condição clínica.

Sigmund Freud introduziu o conceito de narcisismo como uma fase normal do desenvolvimento psicosssexual, que ocorre durante a infância. Segundo Freud, o narcisismo acontece durante a fase em que o bebê direciona sua energia libidinal para si mesmo, quando ele vê a si mesmo como o centro do mundo e experimenta prazer em satisfazer suas próprias necessidades. O bebê ainda não desenvolveu uma consciência completa da separação entre o eu e o outro e, portanto, acredita que tudo gira em torno dele.

Para que o indivíduo se torne capaz de estabelecer relacionamentos saudáveis com os outros, o narcisismo infantil deve ser superado no curso de seu desenvolvimento psicosssexual.

À medida que a criança cresce, ela desenvolve um senso de identidade separado e reconhece a existência de outras pessoas com necessidades e desejos próprios.

Freud também descreveu o narcisismo patológico, que é caracterizado por uma fixação ou regressão à fase narcísica infantil. O narcisismo patológico envolve um amor excessivo por si mesmo e uma incapacidade de se relacionar adequadamente com os outros.

O presente trabalho indica uma abertura incondicional para o Outro, onde a responsabilidade pela alteridade prevalece sobre nossos desejos e necessidades egoístas.

## 7.2 Projeto causa sui X Projeto alter egoísta

### 7.2.1 Projeto Causa sui

O narcisismo e a *causa sui* são conceitos distintos.

O narcisismo se refere a um excessivo amor-próprio, vaidade, admiração exagerada por si mesmo. *Causa sui* é um conceito filosófico que significa “causa de si mesma”. Descreve algo que existe por sua própria natureza.

É possível inferir uma possível conexão entre narcisismo e *causa sui* quando consideramos que um narcisista tende a buscar uma autoafirmação constante e uma validação de sua vida. O narcisista pode acreditar em seu projeto de herói como a causa de sua própria grandeza e importância, buscando constantemente a reafirmação de sua superioridade e exclusividade.

A expressão latina *causa sui* é aplicada a diversas áreas da filosofia, como metafísica e teologia, enquanto o narcisismo é um fenômeno psicológico específico relacionado à personalidade e ao comportamento humano.

*Causa sui* carrega o significado de “causa de si mesmo” ou “causa própria”. Na filosofia, é frequentemente associada à noção de autodeterminação ou autossuficiência. Assim, “projeto *causa sui*” pode ser interpretado como um plano ou propósito voltado para a própria autorrealização ou autodesenvolvimento, enfatiza a capacidade de uma pessoa se tornar a causa de sua própria vida, superando as influências externas e criando seus próprios valores e propósitos.

O conceito de *causa sui* desempenhou um papel significativo na história da filosofia, especialmente na tradição filosófica ocidental. Embora as interpretações e abordagens variem entre os filósofos, a ideia de *causa sui* geralmente se refere a algo que é autônomo e não depende de causas externas para sua existência ou explicação.

Na filosofia antiga, há referências à *causa sui* em Aristóteles e Plotino. Plotino enfatiza a existência de um princípio supremo que é a fonte de todas as coisas.

Na obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles fala que o ser humano busca o bem e o prazer, sendo que sua ética se estrutura em educar de forma correta o *ethos*. *Causa sui*, na ética de Aristóteles, pode ser entendida como o indivíduo sendo a causa de suas próprias ações morais, exercendo sua capacidade de escolha e autodeterminação. Essa noção está relacionada à importância da virtude moral, do autoconhecimento e do desenvolvimento de hábitos virtuosos para alcançar a felicidade e uma vida plenamente realizada.

Aristóteles argumenta que as ações humanas são causadas por uma escolha deliberada e consciente do agente moral. Isso implica que a pessoa é a causa de suas próprias ações e é responsável por seus próprios comportamentos éticos.

O conceito de *causa sui* está presente na filosofia escolástica medieval, como Tomás de Aquino. Em sua filosofia, Aquino sustentava que Deus é a *causa sui*, o Ser necessário que existe por si mesmo e é a fonte de todas as causas e seres contingentes. Paulo Martines informa que Tomás de Aquino, que era seguidor de Aristóteles, “usa a expressão *causa sui* para indicar causalidade agente, isto é, para indicar que o agente é causa de seu próprio movimento ou operação”. (MARTINES, 2019)

Em *Ética*, Spinoza desenvolve uma concepção de Deus como uma *causa sui*. Para Spinoza, Deus é a substância única e infinita que existe por si mesma, ou seja, é a causa de sua própria existência. Deus é concebido como a natureza absoluta, abrangendo tudo o que existe e sendo responsável por sua própria existência e natureza. Spinoza argumenta que Deus é a única substância necessária e autoexplicativa, enquanto todas as outras coisas são modos de expressões dessa substância única.

No contexto de Spinoza, que é citado por Ernest Becker, a ideia de *causa sui* se encaixa em sua concepção de Deus, que não é visto como uma entidade transcendente separada do mundo, mas como a própria substância que constitui o universo (FRAGOSO, 2015, p. 11).

A expressão *causa sui* também desempenha um papel importante na filosofia de Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

Objetivo, subjetivo e lógico. Lógica do Ser, Lógica da Essência e Lógica do Conceito. Hegel reconstrói criticamente a noção de causa, compreendida como um momento de auto causação da substância una, plenamente reflexiva, pelo processo de autodeterminação da subjetividade absoluta, em que substância se revela conceito.

Em Hegel, a noção de *causa sui* está relacionada ao conceito de autoconsciência e à estrutura do conhecimento humano. Para Hegel, a *causa sui* é uma forma de autodeterminação na qual a consciência está envolvida em uma relação dialética consigo mesma. É a ideia de que a consciência é capaz de se autodeterminar, de se tornar consciente de si mesma e de se reconhecer como sujeito livre. “A consciência individual passa por um processo de autorreflexão e autorreconhecimento, superando contradições e integrando-as em níveis mais altos de síntese e compreensão”. (BACK, 2010, p. 9).



A expressão *causa sui* comparece em Ernest Becker ao explicar o desamparo e busca de conforto e segurança deixadas com a infância, a tentativa de ser pai de si mesmo, mentira pela qual o ser tem de pagar um tributo, assumir um custo emocional. Ambição de herói. Ambivalência da necessidade de dependência.

Eis a ambivalência do *causa sui* a um nível conceitual: como é que se pode confiar em qualquer significado que não sejam criados pelo homem? Estes são os únicos significados que conhecemos com segurança. A natureza parece não se preocupar, parece até ser perversamente contrária aos significados humanos; e nós lutamos procurando trazer para um mundo os nossos significados dignos de confiança. Mas os significados humanos são frágeis, efêmeros; estão sendo constantemente desacreditados por acontecimentos históricos e calamidades naturais. Um Hitler pode apagar séculos de significados científicos e religiosos enquanto um terremoto pode anular um milhão de vezes o significado de uma vida pessoal. A humanidade tem reagido ao procurar conseguir do além alguns significados humanos. (BECKER, 2021, p. 153)

Em *A negação da morte*, Becker argumenta que os seres humanos têm consciência de sua própria mortalidade e, como resultado, desenvolvem mecanismos psicológicos de negação para lidar com a ansiedade e o medo da morte. Ele sugere que uma maneira de negar a morte é buscar significado e construir uma identidade que transcenda a mortalidade. Transcendência torna-se a preocupação principal de Ernest Becker.

Becker argumenta que os indivíduos constroem suas identidades através da participação em sistemas simbólicos e culturais que lhes fornecem um senso de valor e importância. Isso pode incluir a identificação com uma causa maior, um propósito ou uma narrativa que dê sentido à vida. Ao encontrar significado e propósito em algo maior do que eles mesmos, é possível ao indivíduo se sentir como que transcendendo a mortalidade e criando um senso de imortalidade simbólica.

Dessa forma, podemos estabelecer uma conexão conceitual entre as ideias de Becker sobre a negação da morte e a busca de uma *causa sui*, onde os indivíduos buscam construir uma identidade e encontrar um propósito que vá além de sua existência finita. “Se a criança quiser crescer e se tornar um herói cultural imortal, deverá ter um antagonista definido, em especial no começo de sua tentativa de incorporar o projeto cultural *causa sui*” (BECKER, 2021, p. 203).

O autor afirma que até o amor romântico pode ser uma tentativa engenhosa e criativa, mas por ainda ser uma continuação do projeto *causa sui*, é uma mentira que deve fracassar. O desenvolvimento da pessoa é restringido pelo objeto absorvido por ele. “Para que a criança possa vir a ser verdadeiramente *causa sui*, terá que desafiar de

forma agressiva os pais, de alguma maneira ultrapassá-los e ultrapassar as ameaças e tentações que eles personificam” (BECKER, 2021, p. 62).

Segundo Becker citando Norman O. Brown, a essência do complexo de Édipo é o projeto de se tornar Deus – na fórmula de Spinoza, *causa sui*. (BECKER, 2021, p. 59).

A sociedade quer que caiba a ela a decisão de como as pessoas irão transcender a morte; só irá tolerar um projeto *causa sui* se ele se encaixar no projeto social padrão. Caso contrário haverá o alarme de anarquia. Este é um dos motivos para a existência de intolerância e censura, sob todos os modos com relação à moralidade pessoal: as pessoas temem que a moralidade padrão vá ser solapada – outra maneira de dizer que temem já não poderem mais controlar a vida e a morte. (BECKER, 2021, p. 69)

Para Becker, o conceito de *causa sui* está intimamente ligado à ideia de mentira ou ilusão e profundamente ligado ao conceito de narcisismo. Usaremos alguns trechos onde a expressão comparece para questionar a visão do autor sobre o narcisismo.

Certas pessoas são mais sensíveis à mentira da vida cultural, às ilusões do projeto *causa sui* em que outras estejam empenhadas de modo tão irrefletido e confiante. O neurótico é um indivíduo que tem dificuldade de manter o equilíbrio entre a ilusão da sua cultura e a realidade da sua natureza. A possível verdade terrível sobre si mesmo e o mundo vai penetrando em sua consciência. O homem comum está pelo menos certo de que o jogo cultural é a verdade, a inabalável e duradoura verdade. Ele pode fazer por merecer a sua imortalidade na ideologia de imortalidade dominante e agindo segundo essa ideologia. É tudo muito simples e nítido. (BECKER, 2021, p. 230)

Ou ainda: “A mentira *causa sui* adquire um impulso especial devido aquilo que a pessoa não quer admitir” (BECKER, 2021, p. 156). A seguir o autor liga a ideia de mentira ou ilusão e o narcisismo.

Ao explicar o poder preciso que mantinha os grupos unidos, Freud também pôde mostrar por que os grupos não temiam o perigo. Os membros não sentem que estão sozinhos com sua própria insignificância e seu desamparo, já que têm os poderes do líder herói com quem estão identificados. O narcisismo natural – a sensação de que a pessoa que está ao seu lado vai morrer, mas você não – reforçado pela dependência confiante do poder do líder. Não admira que centenas de milhares de homens saíssem das trincheiras marchando, diante do intenso fogo de artilharia na Primeira Guerra Mundial. Eles estavam, por assim dizer, parcialmente auto-hipnotizados. Não admira que homens imaginem vitórias quando é impossível inverter as condições de inferioridade: não têm eles os poderes onipotentes no exemplo da figura dos pais? [...] O mundo real é simplesmente terrível demais para que se admita a sua existência. Ele mostra que o homem é um animal pequeno, trêmulo, que irá decair e morrer. A ilusão muda tudo isso, faz com que o homem pareça importante e fundamental para o universo, de certa maneira, imortal. Quem transmite esta ilusão se não os pais ao alimentarem a macromentira do *causa sui* cultural? [...] No grupo, cada homem parece um herói onipotente que pode dar plena vazão aos seus apetites sob o olhar aprovador do pai. E, com isso, compreendemos o terrível sadismo da atividade em grupo. (BECKER, 2021, p. 167)

Especificamente sobre o narcisismo da pessoa de Freud, Becker escreve:

O movimento psicanalítico como um todo era o característico projeto *causa sui* de Freud; ele era um veículo pessoal para o heroísmo, para a transcendência de sua vulnerabilidade e suas limitações humanas. [...] O verdadeiro gênio tem um imenso problema que outros homens não têm. Ele tem de conquistar o seu valor como pessoa com o seu trabalho, o que significa que o seu trabalho carrega o ônus de justificá-lo. E o que é que justificar significa para o homem? Significa transcender a morte ao habitar-se a imortalidade. O gênio repete a presunção narcísica da criança: vive a fantasia do controle da vida, da morte e do destino no corpo de sua obra. A singularidade do gênio também decepa suas raízes. Ele é um fenômeno que não foi prenunciado e não parece ter quaisquer dívidas atribuíveis às qualidades dos outros; parece ter surgido da natureza como autógeno. Poderíamos dizer que ele tem o mais puro projeto *causa sui*: ele na verdade não tem família, é o pai de si mesmo. (BECKER, 2021, p. 141)

O projeto de imortalidade, de transcender a morte, é conectado por Becker com a ideia do narcisismo. Esse narcisismo tem ligação com o complexo de Édipo que, segundo Becker, foi algo contra o que Freud lutou durante toda a sua vida. Em sua escrita, Becker deixa entrever Narciso e seu espelho.

Fundir-se confiantemente no pai ou no substituto do pai ou mesmo do grande pai no céu é abandonar o projeto *causa sui* na tentativa de ser pai de si mesmo. E se você a abandona, fica diminuído porque o seu destino já não lhe pertence. Você é então a eterna criança seguindo em frente no mundo dos mais velhos. [...] Freud preferiu executar o seu projeto *causa sui* utilizando-se de sua obra e de sua organização – o movimento psicanalítico – como um espelho que lhe devolvesse pelo reflexo o poder. (BECKER, 2021, p. 149)

O autor comenta também a relação de Freud com o próprio corpo e, mais uma vez, define os traços narcisistas do pai da psicanálise:

Segundo esse ponto de vista, quando Freud falava no lado feminino de sua natureza podia perfeitamente estar falando da força do seu ego ao invés de sua fraqueza, de sua determinação de planejar sua imortalidade. É do conhecimento geral que as relações sexuais entre Freud e sua mulher cessaram por volta dos 41 anos e que ele pelo que sabemos foi estritamente monógamo. Esse comportamento estaria coerente com o seu projeto *causa sui*: o autoengrandecimento narcísico negando a dependência com relação ao corpo feminino e ao papel dado ao indivíduo pela natureza biológica e ainda o controle e o secreto reforço do poder e do significado de sua individualidade. (BECKER, 2021, p. 152)

Ainda referindo-se a Freud, Ernest Becker afirma:

O que quer dizer de fato ser uma figura trágica firmemente controlada pelo seu *daemon*? Quer dizer possuir um grande talento, procurar incansavelmente a expressão desse talento através da inabalável afirmação do projeto *causa sui*, o único capaz de ligar nascimento e forma. O indivíduo é consumido pelo que tem de fazer para expressar o seu talento. A paixão de seu caráter se torna inseparável de seu dogma. [...] Ele [Freud] se recusava a afastar-se inteiramente de sua teoria do instinto e adotar a ideia mais geral de um medo da morte. Segundo recusou-se a adotar uma postura complacente em relação à natureza externa. Freud era incapaz de dar grande expressão ao seu lado

místico e dependente. Parece-me que as suas relutâncias se relacionam na sua recusa em abandonar o projeto *causa sui*, o que teria levado a uma maior visão problemática da condição de criatura humana. Mas essa visão é o campo de cultura da fé, ou pelo menos leva a pessoa até a fé como uma realidade experimental, e não uma ilusão. (BECKER, 2021, p.157-158)

Por fim,

No sistema de ideias de *ranking*, o julgamento mais generoso que talvez pudesse ser feito com relação às limitações de Freud era que ele partilhava da fraqueza humana do neurótico: faltava-lhe a capacidade de ter uma ilusão de ter um mito criativo quanto às possibilidades de criação. Via as coisas de maneira excessivamente realista, sem a aura do milagre e da possibilidade infinita. A única ilusão que ele se permitia era a de sua ciência – e uma fonte dessas tende a ser um suporte fraco porque provém das energias da própria pessoa, e não de um poderoso além. Em geral este é o problema do artista: ele cria novos significados próprios e precisa por isso ser sustentado por eles. O diálogo tem inversões demais para ser seguro. Daí a ambivalência de Freud a vida inteira sobre o valor da posteridade e da fama, a segurança de todo o Panorama da evolução. [...] Freud ainda não havia eliminado o seu complexo de Édipo através da análise por mais que ele e os primeiros psicanalistas se orgulha sem de tê-lo eliminado. Ele não podia admitir emocionalmente o poder superior ou conceitualmente admitir a dimensão transcendental. (BECKER, 2021, p. 307)

A ambivalência do projeto *causa sui* e ambiguidade do significado da expressão trazem à tona as questões do Narciso, de Freud e de Becker. *Causa sui* aponta, em certos aspectos e em certas medidas, para o sujeito narcísico, para quem a morte consiste no fim do indivíduo, que sofre do terror da morte. Mas será que o medo é a única relação possível? Por que o medo? Só é possível o medo quando o sujeito dá excessivo valor ao ego.

A posição do sujeito como o centro do universo, egocêntrica, carrega o caráter narcisista, significa um ego que só vê a si mesmo. O ser que vai deixar de ser. Para Becker, “Só se pode falar de um caráter humano ideal a partir de uma perspectiva de transcendência absoluta” (BECKER, 2021, p. 307).

### 7.3 Projeto Alter Egoísta

O prefixo “ob” exprime o caráter de “diante de”, “em face de”, “em troca de” ou “contra”. Oblongo, observação, óbvio, objeto, obrigado, expressam a ideia de oposição ou comparação ou reverência a um outro. Há sempre o outro.

O verbo objetar significa colocar-se em oposição, alegar em sentido contrário. Eu objeto. O objeto é exatamente como quer Charles Sanders Peirce: um segundo. O prefixo “alter” equivale em latim ao termo “segundo”. Alteridade, *otherness* em inglês, referem-se à qualidade de ser outro.

A noção psicanalítica de objeto contempla a distinção entre “objeto externo” e “objeto interno”, este último criado para referir-se à interpretação do sujeito sobre o objeto (externo), o terceiro. “Monstros quiméricos, objetos subjetivos trapaceiros e formas demoníacas “terciárias” do mundo interno”, uma representação mental de um objeto externo (GROTSTEIN, 2003, p. 215).

Freud nos leva a considerar o narcisismo que surge através da indução de catexias objetais como sendo secundário, superposto a um narcisismo primário. Enquanto o narcisismo do período autoerótico é autossuficiente, as descobertas e decisões de investimentos mentais são acompanhadas de uma constelação de afetos e autoestima.

Na fase oral, o ser humano aos poucos descobre-se um ser inteiro, desligado de sua mãe. A intersubjetividade, a relação humana acontece primeiramente. Antes do nascimento, o ser e a mãe eram um único corpo. A intersubjetividade é mãe da subjetividade, dá ênfase na relação entre sujeito e objeto.

O narcisismo primário ocorre na fase oral, na relação entre o bebê e a mãe. Acontece o primeiro embate entre o amor de si e o amor ao outro. A criança conhece o mundo por meio de seu corpo, veículo de prazer (e desprazer).

Para Abbagnano, a “alteridade” carrega o sentido de ser outro, uma segunda personalidade ou persona que uma pessoa adota (ABBAGNANO, 2000, p. 34). O “alter egoísmo”, por sua vez, traz a ideia subjacente de considerar os outros como *alter egos*. Se considerarmos o neologismo “alter egoísta” a contração dos termos *alter ego* e *egoísmo*, chegamos à ideia de uma persona criada por alguém que tem sua visada específica, outra que a do sujeito. O narcisismo é frequentemente considerado uma forma de egoísmo. Neste sentido, o alter egoísmo refere-se à projeção do egoísmo em outrem, objeto do sujeito que projeta.

### 7.3.1 O que não é espelho: O Outro

Muitos psicanalistas e psicoterapeutas continuam a pensar no objeto como a atual outra pessoa e a pensar no objeto internalizado como pessoa externa que agora é residente dentro da mente. É frequentemente considerado que nós “introjetamos” nossos objetos e seus valores como nossos próprios. [...] O ego e o objeto se tornaram conceitualmente saturados e seus mistérios inerentes, esvaeceram no uso da palavra “sobrenatural” indicando a complexidade não linear do nosso ser vivo e humano na presença do mistério inerente dentro dos outros, porque isso sugere qualidades e capacidades excepcionais que nós uma vez atribuímos a deuses, messias e místicos. (GROTSTEIN, 2003, p. 31-32)



Seriam os conceitos de “alter ego do ego” ou “sujeito inefável do inconsciente”, o conceito de “mais que humano, o id” e “sonhador projetante”, como quer Grotstein, ou o que ele chama de “O”, todas manifestações de um objeto interno? Um eu que não é eu?

Mente não mente.

Subjetividade inefável dos outros. Alteridade do outro.

A objetividade do objeto e seu significado vêm da linguagem. Essa maneira de o objeto se colocar como tema que se oferece envolve o fato de significar; não o fato de referir o pensador que o fixa ao significado (e que faz parte do mesmo sistema), mas o fato de manifestar o significante, o emissor do signo, uma alteridade absoluta que, no entanto, fala e, assim, tematiza, ou seja, propõe um mundo. O mundo exatamente como proposto, como expressão, tem um sentido, mas nunca é, por isso mesmo, original. [...] O sensível refere-se a um significante. O signo não significa o significante, como significa o significado. O significado nunca é presença completa; não vem em uma franquia reta. O significante, aquele que emite o signo, está de frente apesar da mediação do signo sem se propor como tema. Ele pode certamente falar de si mesmo – mas então se anunciaria como significado e, conseqüentemente, como signo por sua vez. O Outro, o significante – manifesta-se na fala falando do mundo, e não de si, manifesta-se propondo o mundo, tematizando-o. (LÉVINAS, 1984, p. 69 – Tradução minha)

Segundo Lévinas, “Os sentidos têm um sentido que não é predeterminado como objetivação” (1984, p. 162).

Emmanuel Lévinas desenvolveu uma abordagem ética que se concentra no papel do outro e da alteridade na nossa responsabilidade moral. Em Lévinas, a linguagem “torna possível a objetividade dos objetos e sua tematização” (LÉVINAS, 1984, p. 188).

Assim,

Existe uma grande diferença entre pensar em um ego, por um lado, e de aceitar “eu” como o sujeito consumado complexo não linear multidimensional, pelo outro – ou entre usar a construção do id como oposta ao “Outro” de Lacan (1966), que eu às vezes interpreto como “segundo *self*” ou “alter ego” ou “sujeito inefável do inconsciente. (GROTSTEIN, 2003. p. 23)

Para Lacan, para quem o inconsciente se estrutura como linguagem, o “Outro” não é apenas uma pessoa específica, mas sim a dimensão social, simbólica e linguística que desempenha um papel central na formação da identidade e da subjetividade. A relação com o Outro é fundamental na busca do reconhecimento e da construção da identidade. O autor desenvolveu a noção de “Grande Outro”, que representa uma dimensão transcendente e inacessível do sentido e da verdade. O “Grande Outro” está além da compreensão e do alcance do sujeito, e sua ausência cria uma falta fundamental que impulsiona a busca do sujeito por significado e completude. Trata da alteridade do

“eu” consciente.

É exatamente a existência e extensão do simbólico que definiria, por contraste, o ser humano das outras espécies. A falta de inconsciente nos animais não estaria vinculada à ausência de razão, afeto ou consciência, mas à falta de uma cultura baseada na fala. “Nós somos capazes de fazer metáforas e alegorias, de dizer uma coisa e aludir a outra, de mentir, de enganar o outro, de fazer ironias. Tudo isso são propriedades da linguagem que Lacan vai associar ao campo do simbólico”, aponta [Christian] Dunker. [...] Um dos efeitos do simbólico, dessa relação continuada de trocas, é a existência do sujeito. “Lacan vai redefinir o inconsciente como o discurso do outro, o grande outro”, pontua o professor Dunker. “O que é esse grande outro? É o simbólico, a linguagem, a alteridade em suas diferentes figuras. Na figura da morte, da cultura, da história, desse outro sexo que não é o meu, na figura do estrangeiro. Tudo isso vai compor uma redescritção do inconsciente estruturado como uma linguagem e do outro como o discurso do inconsciente. (PRADO, 2021)

Conceituar o Outro é tarefa impossível. Os significados são conflitantes conforme o repertório abordado.

O Outro pode ser entendido como um elemento-chave no processo de desenvolvimento da identidade e da personalidade, referindo-se à percepção do *self* em relação aos outros e como os indivíduos e a questões de identidade, alteridade, representação e poder. Trata do que Abbagnano chama “problema do outro”, quando existem outros “eus”, outros sujeitos, em que o dever é a autodeterminação originária do eu.

A compreensão do “Outro” é crucial para a análise das relações humanas, culturais e sociais, bem como para o estudo das dinâmicas de poder e inclusão/exclusão social.

A verdadeira vida está ausente. Mas nós estamos no mundo. A metafísica surge e mantém-se neste alibi. Está voltada para o outro lado, para o doutro modo, para o outro. Sob a forma mais geral, que revestiu na história do pensamento, ela aparece, de fato, como um movimento que parte de um mundo que nos é familiar – sejam quais forem as terras ainda desconhecidas que o marginem ou que ele esconda –, de uma “nossa casa” que habitamos, para fora-de-si, estrangeiro para um além. [...] O termo deste movimento – o outro lado ou outro – é denominado “outro” no sentido eminente. [...] Por isso mesmo, a sua autoridade incorporasse na minha identidade de pensante e de possuidor. O desejo metafísico tende para uma coisa inteiramente diversa para o absolutamente outro. (LÉVINAS, 1984, p. 21 – Tradução minha)

Comentando o ideal da filosofia socrática, Lévinas afirma que “a filosofia é uma egologia” (LÉVINAS, 1984, p. 14 – Tradução minha)

Um conceito central na obra *Totalité et infini: Essai sur l'extériorité* de Lévinas é o “rosto do outro”. O autor argumenta que, ao encontrar o rosto do outro, somos confrontados com uma presença única e singular que nos chama à responsabilidade. O

rosto do outro é uma expressão da vulnerabilidade e da humanidade do outro, e revela sua singularidade. Ao olhar para o rosto do outro, somos desafiados a reconhecer sua alteridade, a respeitá-lo e a responder eticamente a ele. Somos chamados a sair de nosso “eu” isolado e a reconhecer a humanidade e a dignidade do outro, colocando-o em primeiro plano. Lévinas argumenta que a ética verdadeira começa quando reconhecemos o Outro como um ser único, diferente de nós mesmos, e nos sentimos responsáveis por seu bem-estar. (WECY, 2015).

O “Outro”, conforme abordado no presente trabalho, refere-se a uma entidade ou realidade externa ao eu, ou ao sujeito. Um objeto. Refere-se à relação entre o indivíduo e algo que lhe é diferente ou estranho, geralmente implicando uma dualidade ou uma separação entre o eu e o não eu. Diversidade. O alter egoísmo, por sua vez, refere-se a uma capacidade de translucidez, uma transcendência ao olhar e desejos do outro e compreensão de suas preocupações egóicas como preocupações deste Outro com o coletivo, como um ideal ao bem comum. Sob este aspecto, o alter egoísmo define a ética necessária e vital para a manutenção do planeta no desenrolar do século 21.

Porque reconheço os outros, existo (SCHWARTZ, 2023).

Novo *ethos* em que o Ideal-de-Eu é coletivo, compartilhado e comum. Os sujeitos constituem o Eu na relação com o Outro, no campo da alteridade. Constituição da subjetividade.

Ter um corpo é um grande desafio para a humanidade. Esse fato obriga a pensar em finitude.

O corpo guarda o DNA, cujo enigma vem sendo gradualmente solucionado e é encontrado no interior de cada célula de todos os seres vivos. No período de Freud, a eugenia já investigava a genética. Poderes primitivos de sentimentos elementares, não é possível apagar as informações da família e a hereditariedade. Freud descreve também o narcisismo dos pais que se espelham em seus filhos.

Esse corpo, elo em uma realidade elementar, é também o que permite apreender o mundo, trabalhar. Ser livre é construir um mundo onde se possa ser livre. [...] A consciência não cai em um corpo – não encarna; é uma desencarnação – ou, mais exatamente, um adiamento da corporeidade do corpo. Isso não acontece no éter da abstração, mas como toda a concretude do habitar e do trabalhar. Estar consciente é estar em relação com o que é, mas como se o presente do que é ainda não estivesse totalmente realizado e constituísse apenas o futuro de um ser rememorado. (LÉVINAS, 1984, p. 140 – Tradução minha)

Ernest Becker como que constrói todo o seu pensamento a partir da máxima “da terra viemos, à terra voltaremos”. A consciência da morte e o terror resultante desta

consciência é, segundo Becker, o grande desconforto contra o qual a humanidade luta. O corpo seria, então, a ligação com a vida e com a existência daquele ser.

No entanto, ao mesmo tempo, como também sabiam os sábios orientais, o homem é um verme e alimento para os vermes. Este é o paradoxo: ele está fora da natureza e irremediavelmente dentro dela; ele é duplo, nas estrelas e ainda alojado em um corpo ofegante que já pertenceu a um peixe e ainda carrega as marcas das guelras para provar isso. Seu corpo é um invólucro material e carnudo que lhe é estranho de várias maneiras – a maneira mais estranha e repugnante é que ele dói e sangra e decai e morre. (BECKER, 1975, p. 26 – Tradução minha)

Para o personagem Narciso, o objeto de amor, de investimento psíquico, é a imagem do seu corpo no espelho. “O avesso do avesso, do avesso, do avesso” (VELOSO, 1978). Jogo infinito.

Como ser o ser que vai deixar de ser? Como sair da posição narcísica?

A cidade de São Paulo é narcísica e falocêntrica. Sujeitos egóicos pertencentes à elite construíram a cidade em relações de violência e morte, por meio de posse ou ocupação.

O planejamento urbano gemina ideias a que se deve obedecer.

O objeto é projetado na mente como objeto interno, constituição ontológica do projeto. O “projeto” (*Projekt*) é um conceito-chave em “Ser e Tempo” e faz parte da análise de Heidegger sobre a existência humana (*Dasein*).

Ao contrário de Heidegger, que se concentrou na análise da existência individual do *Dasein* e na relação com o mundo, Lévinas direcionou sua filosofia para a relação ética com o outro ser humano. O “projeto” (*projet*), em sua filosofia, tem um significado específico. Em vez de se referir a planos, objetivos ou metas individuais, o projeto em Lévinas diz respeito a uma espécie de proposta ética que emerge a partir do encontro com o outro.

Estar atento é justamente ter tempo. Não transbordar o tempo presente no projeto que antecipa o futuro, mas distanciar-se do próprio presente, relacionando-se com o elemento onde se está instalado, como com o que ainda não está. Toda a liberdade de habitação depende do tempo que permanece sempre com o habitante. (LEVINAS, 1984, p. 140 – Tradução minha)

#### **7.4 Transcendência em Ernest Becker**

O conceito desta transcendência, rigorosamente desenvolvido, é expresso pelo termo infinito. Esta revelação do infinito não conduz à aceitação de nenhum conteúdo dogmático, e seria errado apoiar sua racionalidade filosófica em nome da verdade transcendental da ideia do infinito. (LÉVINAS, 1984, p. 13 – Tradução minha)

Ernest Becker argumenta que a consciência da morte é uma força motriz por trás do comportamento humano na busca de significado e imortalidade simbólica. O ser que é capaz de imaginar outros mundos é capaz de conhecer o fato de ser, ele e seus pares, todos mortais. E fala em transcendência.

E assim se chega a nova possibilidade a nova realidade pela destruição do eu ao fazer face à angústia do terror da existência. O eu tem que ser destruído e reduzido a nada para que a autotranscendência comece. Então o eu poderá começar a relacionar-se com poderes além de si mesmo. Ele tem que se debater em sua finitude, tem que “morrer”, a fim de contestar essa finitude, a fim de olhar além dela. E olhar para o quê? Kierkegaard responde: para a infinitude, para a transcendência absoluta, para o Poder Máximo da Criação que fez criaturas finitas. (BECKER, 2021, p. 118)

Precursor do existencialismo, Kierkegaard discutiu a fé e a existência autêntica bem como a liberdade individual e a angústia geradas pelas escolhas que o ser assume na vida e a importância da subjetividade na busca pela verdade. O filósofo e teólogo via na verdadeira fé e autenticidade das escolhas a relação íntima com o divino. A angústia, segundo ele, constitui parte inevitável da vida da existência humana. Ele acreditava que a fé verdadeira poderia curar este mal, fornecendo um caminho para superar as ansiedades e incertezas do mundo. Para ele, na religião cristã, o ser humano se relaciona com Deus de maneira que vai além do limite da existência, sendo uma forma de transcendência, e nomeava “ato de fé” o ato de abraçar a religião, sem questioná-la. Kierkegaard propõe três estágios da existência: estético, ético e religioso, quando ocorre a transcendência e a relação com o divino.

Em *A negação da morte*, Ernest Becker discorre sobre Kierkegaard no que refere a seus interesses em temas existenciais e de natureza complexa da condição humana (BECKER, 2021, p. 93-123).

Mas agora Kierkegaard parece ter nos levado a um impasse, a uma situação impossível. Ele nos disse que, ao perceber a verdade de nossa condição, podemos transcender a nós mesmos. E, por outro lado, ele nos diz que a verdade de nossa condição é nossa condição de criatura completa e abjeta, que parece nos empurrar ainda mais para baixo na escala da autorrealização, para mais longe de qualquer possibilidade de transcendência do eu. Mas isso é apenas uma aparente contradição. A inundação de ansiedade não é o fim para o homem. É antes uma “escola” que dá ao homem a educação última, a maturidade final. (BECKER, 1975b, p. 96 – Tradução minha).

Outros pensadores cristãos são também citados por Ernest Becker.

A completa transcendência da condição humana significa possibilidades ilimitadas inimagináveis [...] Rank via o cristianismo como uma verdadeira tolice ideal no sentido em que o discutimos: uma confiança infantil e uma esperança para a condição humana que deixava em aberto o domínio do mistério. Obviamente, todas as religiões ficam muito aquém de seus próprios ideais, e Rank estava falando sobre o cristianismo não como praticado, mas



como um ideal. O cristianismo, como todas as religiões, na prática, reforçou a transferência regressiva em um vínculo ainda mais sufocante: os pais recebem a sanção da autoridade divina. Mas como um ideal, o cristianismo, em todas as coisas que listamos, permanece elevado, talvez até mais alto em alguns aspectos vitais, como pessoas como Kierkegaard, Chesterton, os Niebuhrs e tantos outros argumentaram convincentemente. (BECKER, 1975b, p. 204 – Tradução minha)

Becker refere-se recorrentemente ao caso de Sigmund Freud para destacar que este não havia cedido para a autotranscendência e faz um importante apontamento:

Novamente voltamos ao problema da vida de Freud: qual é o custo da negação da absoluta transcendência, da tentativa de fabricar a própria religião? Quando um homem falha em extrair os poderes de sua existência da fonte mais elevada, qual é o custo para ele e para aqueles ao seu redor? Ainda nem começamos a discutir questões como essa na caracteriologia, mas me parece que são básicas e necessárias as questões-chave, sem as quais não podemos nem falar de saúde mental com inteligência. Rank colocou a questão básica: ele perguntou se o indivíduo é capaz de “afirmar-se e aceitar-se a si mesmo”. Mas ele rapidamente se esquivou dizendo que “não pode ser dito”. Somente o tipo criativo pode fazer isso. (BECKER, 1975b, p. 205 – Tradução minha)

Santo Agostinho dizia “Se achares mutável a tua natureza, transcende-te a ti mesmo. Lembra-te de que, ao te transcenderes a ti mesmo, estás transcendendo uma alma racional e que, portanto, debes visar ao ponto do qual provém a luz da razão” (AGOSTINHO *Apud* ABBAGNANO, 2000, p. 970).

Afinal, Kierkegaard dificilmente era um cientista desinteressado. Ele deu sua descrição psicológica porque teve um vislumbre de liberdade para o homem. Ele era um teórico da personalidade aberta, da possibilidade humana. Nessa busca, a psiquiatria atual está muito atrás dele. Kierkegaard não tinha uma ideia formada do que é “saúde”. Mas ele sabia o que não era: não se tratava de um ajustamento normal – nada menos, como ele se esforçou de forma analítica e excruciante para nos mostrar. Ser um homem cultural normal é, para Kierkegaard, estar doente – quer se saiba disso ou não: “existe uma coisa chamada saúde fictícia, para psiquiatras, neuroses da saúde?” Mas Kierkegaard não só colocou a questão, como também a respondeu. Se a saúde não é “normalidade cultural”, então deve referir-se a outra coisa, deve apontar para além da situação habitual do homem, das suas ideias habituais. A saúde mental, em uma palavra, não é típica, mas ideal-típica. É algo muito além do homem, algo a ser alcançado, almejado, algo que leva o homem além de si mesmo. A pessoa “saudável”, o verdadeiro indivíduo, a alma autorrealizada, o homem “real”, é aquele que transcendeu a si mesmo. (BECKER, 1975b, p. 86 – Tradução minha)

Ernest Becker aponta o mito de Eros, a ânsia pela unificação da experiência pela forma de maior expressividade e busca o sentido entre o mundo visível e o invisível. Fala da natureza e do terror e descreve a negação da morte e a ansiedade gerada por ela, e as conseqüentes mentira e alienação para trazer à luz o paradoxo do herói, onde salvar o mundo destrói o mundo. E fala em transcendência. Essa transcendência tem o caráter

coletivo e espiritual. No trecho a seguir, Ernest Becker desenvolve a ideia de educação de crianças e do modelo de ajustamento dela na sociedade, e evidencia a ênfase na alteridade opondo-se ao egoísmo:

A tensão, em outras palavras, é a qualidade-modelo para uma filosofia da democracia como tipo-ideal. É a qualidade que coloca a si mesma a transcendência como um objetivo social total, e o faz sem suplantar a liberdade individual. É a qualidade oposta ao ajustamento, à segurança egoísta, à vida individualista mesquinha. Tensão implica que há algo ao qual o indivíduo deve dedicar-se além das preocupações mesquinhas e egoístas. A tensão, em uma palavra, é a qualidade da responsabilidade pessoal na comunidade cósmica do homem e da natureza. Negligenciamos totalmente essa qualidade em nossa ideologia de ajuste, precisamente porque essa ideologia é parte integrante de nosso fracasso em valorizar o homem, nossa incapacidade de estabelecer um senso elevado de contato com o cosmos, nossa terrível insistência excessiva no conforto da criatura, o enfraquecimento da dignidade humana básica. (BECKER, 1976, p. 294 – Tradução minha)

Para Ernest Becker, a morte talvez seja esse grande e infinito “Outro”. O que nos faz humanos é a alteridade, não a finitude em si que a morte individual confirma.

### 8.1 Arquiteto – Urbanista – Utopista

Subjetividade, alteridade e caráter de inclusão primordial lidam com o projeto coletivo que escapa ao olhar subjetivo, num aprendizado de reconhecimento do Outro.

O projeto inventado ou criado, inusitado e novo, sai de uma cabeça solitária para iluminar e compreender. Resolve-se em luz e converte a exterioridade em ideia. Para que possamos definir o poder como a presença em um mundo que, por direito, se resolve em minhas ideias. Porém, é preciso ir ao encontro do Outro como feminino, para que o futuro da criança aconteça no além do possível, no além dos projetos. A relação se assemelha àquela que foi descrita para a ideia de infinito: não posso explicá-lo sozinho como explico sozinho o mundo luminoso. Esse futuro não é nem o germe aristotélico (menos que o ser, um ser menor), nem a possibilidade heideggeriana que constitui o próprio ser, mas que transforma a relação com o futuro em potência do sujeito. Minha e não minha, possibilidade de mim, mas também possibilidade do Outro, do amado – meu futuro não cabe na essência lógica do possível. (LÉVINAS, 1984, p. 245 – Tradução minha)

A transcendência em Ernest Becker se constitui na superação do dualismo, para além da substância, além do ser, além do imanente, e é, ainda assim, intimamente gerada na concepção da vida, da descoberta do outro e, portanto, da alteridade. No processo, os pais, ou o complexo de Édipo, apresenta sua verdadeira influência na experiência da vida.

Portanto, esta é uma culpa natural e simbolicamente insolúvel, ou seja, um sentimento profundo de que a própria existência é irremediavelmente transcendida pela prioridade de toda a criação: Se abriremos nossas sensibilidades para a majestade e o milagre da criação, então devemos “verdadeiramente” desmornar de joelhos em palpitante medo e pequenez, e em algum tipo de gratidão por ter recebido o “privilégio” transitório de ser apenas um espectador. Isso é o que os fenomenólogos existenciais entendem por culpa “ontológica” ou “traseira”, em oposição à culpa “existencial” ou “circunstancial” – a culpa que brota de nossa história de vida. Mas podemos ver que os dois são inseparáveis: a transcendência dos comandos inibidores dos pais estão enraizados na transcendência ontológica de seu organismo concreto. Não há como a criança, mesmo se tornando o adulto mais maduro e reflexivo, superar a injustiça da decadência e morte do maravilhoso organismo parental – porque é ontologicamente injusto. Mesmo que a criança pudesse absolver-se de qualquer parte na causa dessa decadência e morte, ainda assim a sua injustiça transcende-a e humilha-a. É isto que lhe dá a sensação irredutível de estar vinculado e em dívida, que torna a sua entrega “natural”. (BECKER, 1969, p. 50 – Tradução minha)

### 8.2 Transcendência em Aloysio Becker

A mais importante característica da proposta de Edifícios Híbridos, ou Edifícios-pistas, trata do fato de contar com a concepção de uma nova tecnologia da construção que parte do princípio de agregar, na mesma estrutura, as funções de moradia, trabalho ou lazer com a função de passagem ou mobilidade urbana. O fixo e o fluxo da cidade

organizados e coordenados na mesma estrutura física e projetados conjuntamente. Na proposta de Aloysio Becker e Oswaldo Beirão, a mobilidade e fluidez são potencialmente enriquecedoras para a trama da cidade, possibilitaria o arejamento e as flexibilizações horizontal e vertical do uso da cidade. Edifícios híbridos para combater o déficit habitacional e de serviços e efetivar o direito à moradia com melhoria na mobilidade urbana. Contava com o desenho de políticas públicas, voltadas à implantação de edifícios híbridos na cidade e hoje apresenta potencial para o desenvolvimento de tecnologia social contemplando as novas possibilidades de trocas e ações de caráter público-institucional ou da organização da sociedade civil.

A pesquisa previa a hipótese de construção de vias inseridas em edifícios (para ciclovias, esteiras rolantes, pistas destinadas a veículos coletivos, entre outros), no subsolo e/ou elevadas. Edifícios híbridos. Híbrido, na linguística, refere-se à palavra formada por elementos de línguas diferentes, uma unidade formada por diferentes culturas.

A dupla de planejadores urbanos desejava desenvolver em parceria com beneficiários, por meio de estratégias de planejamento participativo, projeto de intervenção urbana que incentivasse a diversidade, pela modalidade de tecnologia da construção baseada em edifícios projetados para contemplar ligações entre eles, estas destinadas a diferentes usos, para a passagem de pessoas e produtos, somadas à criação de espaços para moradia, comércio, escolas, hospitais etc.

A segunda característica a ser evidenciada é a busca da alteridade do Outro como base fundante da proposta.

Em 1967, o arquiteto Aloysio Becker via seu projeto como prioristicamente participativo. Desejava que as escolhas partissem do público atingido e beneficiários. A proposta mesma era pensar a cidade de forma não narcísica, não cartesiana.

Mas olhem para o homem, a criatura impossível! Aqui, a natureza parece ter deixado de lado a cautela e os instintos programados. Criou um animal que não tem defesa alguma contra a percepção do mundo exterior, um animal inteiramente aberto à experiência. Não apenas diante de seu nariz, em seu *Umwelt*, mas em muitos outros *Umwelten*. Pode relacionar-se não apenas com os animais de sua espécie, mas, de certa maneira, com todas as outras espécies. Ele pode contemplar não apenas o que é comestível para ele, mas estende seu eu interior ao amanhã, a sua curiosidade é a séculos passados, seus temores a daqui a cinco bilhões de anos. Pergunta se e quando o Sol irá esfriar e quais são as suas esperanças em relação a uma eternidade no futuro. Vive não apenas em um minúsculo território, tampouco em um planeta inteiro, mas numa galáxia num universo em dimensões além dos universos visíveis. É estarrecedor o fardo que o homem suporta, o fardo experiencial. (BECKER, 2021, p. 75)

O trabalho volta à proposição de Aloysio Becker de edifícios híbridos e projeta uma imersão no Metaverso com foco no alter egoísmo, que estrutura o Projeto Transcendência, na busca do infinito e uno, trajeto baseado no amor e na intuição, além do trabalho direcionado para a comunidade.

O espectador é convidado a buscar a fronteira entre a vida e a morte, a se auto-hipnotizar. Assumimos a mentira, que nos protege do desamparo. Fazemos com que o legado se materialize em ações, ou em outras palavras, nos conscientizamos de que o passado está presente no futuro, susceptível de se revelar como sacralidade cósmica.



PARTE 9 - ANEXO

Link para construção no Metaverso

<https://www.spatial.io/s/Ana-Beckers-Digital-Area-6490a007e551e16bb876ae2b?share=6570602653275483449>

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicolas. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ANCHIETA, José de. **Teatro de Joseph de Anchieta**: originais acompanhados de tradução versificada: P. Armando Cardoso. São Paulo: Edições Loyola, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Informação do Brasil e de suas capitânias (1584)**. Introdução: Leonardo Arroyo. São Paulo: Editora Obelisco, 1964.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores),VI, 3-4, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Política**. Trad. Mário da Gama Kury. São Paulo: Madamu, 2021.
- \_\_\_\_\_. **Ética a Eudemo**. Trad. António Amaral. Lisboa : Imprensa Nacional, 2019.
- \_\_\_\_\_. **De Anima**. Trad. Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica Editora, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Poetica**. Trad. Domenico Pesce. Milano: Bompiani, 2004.
- BACK, João Miguel. **O problema do começo da lógica em Hegel**. Porto Alegre, Editora Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.
- BALDICK, Chris. **The Oxford dictionary of literary terms**. London: Oxford University Press, 2008. Disponível em: [https://archive.org/details/oxforddictionary0000bald\\_s5b2/page/n7/mode/2up](https://archive.org/details/oxforddictionary0000bald_s5b2/page/n7/mode/2up). Acesso em: 12 jan. 2022.
- BECKER, Ernest. **A negação da morte**: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana. Trad. Luiz Carlos do Nascimento Silva. 14ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 2021.
- \_\_\_\_\_. **Escape from evil**. New York: Free Press, 1975b. Disponível em: <https://archive.org/details/escapefromevil00beck/page/n13/mode/2up>. Acesso em: 13 maio 2019.
- \_\_\_\_\_. **The birth and death of meaning**: an interdisciplinary perspective on the problem of man. London: Penguin Books, 1980. Disponível em: <https://archive.org/details/birthdeathofmean0000erne/page/n5/mode/2up?view=theater>. Acesso em: 8 set. 2023.
- \_\_\_\_\_. **The denial of death**. New York: The Free Press, 1975a.
- \_\_\_\_\_. **The structure of evil : an essay on the unification of the science of man**.

- New York: Free Press, 1976. Disponível em: <https://archive.org/details/structureofevil0000erne/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 21 dez. 2019.
- \_\_\_\_\_. **Zen: a rational critiques**. Department of Psychiatry, State University of New York, Upstate Medical Center. New York: W.W-Norton & Company, Inc, 1961.
- \_\_\_\_\_. **Angel in Armour: a post-freudian perspective on the nature of man**. New York : G. Brasiller, 1969. Disponível em: <https://archive.org/details/angelinarmorpost00beck/page/n1/mode/2up>.
- BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- \_\_\_\_\_. **A obra de arte no tempo de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2014.
- BENTO, M. **Narcisismo e desamparo**. Acto Falho. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, ano 5, n. 6, abr. 1999. Disponível em: [https://www.sedes.org.br/Departamentos/Formacao\\_Psicanalise/site/wp-content/uploads/2015/01/NARCISISMO-E-DESAMPARO-REFLEX%C3%95ES-.pdf](https://www.sedes.org.br/Departamentos/Formacao_Psicanalise/site/wp-content/uploads/2015/01/NARCISISMO-E-DESAMPARO-REFLEX%C3%95ES-.pdf). Acesso em: 23 maio 2020.
- BINET, Alfred. **The immortality of Infusoria**. New York: The Monist, 1890. Disponível em: <https://archive.org/details/jstor-27896827/mode/2up>. Acesso em: 27 mar. 2022.
- BRYANT, Thomas **Sexological deliberation and social engineering**: Albert Moll and the sterilization debate in late imperial and Weimar Germany. National Library of Medicine: Apr. 56(2):237-54, 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23002295/>. Acesso em: 14 dez. 2020.
- BRUNO, Ernani da Silva. **Memória da cidade de São Paulo**. Depoimentos de moradores e visitantes (1553-1958). São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1981.
- CAMPOS, Haroldo de. **Ideograma: lógica, poesia, linguagem**. São Paulo: Edusp/Cultrix, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Signância quase céu**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- CARVALHO, José Jorge. O encontro impossível de Eco e Narciso. In: **Revista USP**. São Paulo (38): 150-165, junho/agosto 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28411/30267>. Acesso em: 11 jan. 2022.
- CASTELLS, Manuel. Towards a Political Urban Sociology. In: **Captive Cities –**

- Studies in the Political Economy of Cities and Regions.** London: John Wiley & Sons, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de investigação em sociologia urbana.** Lisboa: Ed. Presença, 1984.
- \_\_\_\_\_. **The informational city: informational technology, economic restructuring and the urban-regional process.** 5ª ed. Oxford e Cambridge: Blackwell Publishers, 1995.
- \_\_\_\_\_. (Org). **Imperialismo y urbanización en América Latina.** Barcelona: Gilli, 1973.
- CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito.** Trad. Jacó Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- \_\_\_\_\_. **A filosofia das formas simbólicas I: a linguagem.** Trad. Marion Fleischer; São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A filosofia das formas simbólicas II: o pensamento mítico.** Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A filosofia das formas simbólicas III: fenomenologia do conhecimento.** Trad. Eurides Avance de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CUSA, Nicholas. **Ophthalmos aplois or the single eye.** Trad. Dr. Cusanus. London: Giles Randall, 1646 upload Peter-John Parisi. Disponível em: <https://archive.org/details/TheVisionOfGodByNicholasOfCusa-OphthalmosAploisOrTheSingleEye>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- DESSOIR, Max. **Bibliographie des modernen Hypnotismus.** Berlin: Carl Duncker's Verlag, 1888. Disponível em: <https://archive.org/details/bibliographiedes00dessoift>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- DICIONÁRIO Online de Português. Porto: 7 Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/felino/>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/felino>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- ELLIS, Havelock. **My Life: autobiography of Havelock Ellis.** Boston: Houghton Mifflin Company, 1939. Disponível em: <https://archive.org/details/mylifeautobiogra0000elli/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 22 ago. 2020.
- ÉSQUILO. **Prometeu acorrentado.** Trad. J.B. Mello e Sousa; 16ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

- FELDHERR, A. **Playing gods: Ovid's Methamorphoses and the politics of fiction.** New Jersey: Princeton University, 2010.
- FLUSSER, Vilém. **Ficções filosóficas.** São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O mundo codificado: por uma filosofia do *design* e da comunicação.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2002.
- FOLHA DE S.PAULO. Grande São Paulo: o desafio do ano 2000. São Paulo: Folha de S.Paulo, edição comemorativa, nov., 1967.
- FRAGOSO, E. A. da R. As definições de *causa sui*, substância e atributo. In: **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas.** [S. l.], v. 2, n. 1, 2015. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/1170>. Acesso em: 13 jul. 2023.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp. **Vida e obras de Gil Vicente – Trovador, mestre da balança.** Lisboa: Ed. Ocidente, 1944.
- FREUD, Sigmund. **Works of Freud: public domain.** New York: Boni and Liveright, 1920. Disponível em: <https://archive.org/details/the-interpretation-of-dreams-1913/A%20general%20introduction%20to%20psychoanalysis/mode/2up>. Acesso em: 12 jun. 2019.
- \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1987. Disponível em: <http://www.cemp.com.br/textos.php?id=46>. Acesso em: 14 jul. 2020.
- GROTSTEIN, James S. **Who is the dreamer who dreams the dream?** Washington DC: The Analytic Press, Inc., 2000.
- \_\_\_\_\_. **Quem é o sonhador que sonha o sonho?: um estudo de presenças psíquicas.** Trad. Sérgio M. T. Trunci [et al.]; Rio de Janeiro: Imago ed., 2003.
- \_\_\_\_\_. **Splitting and projective identification.** Londres: Jason Aronson, (s/d). Disponível em: <https://archive.org/details/splittingproject0000grot/page/n5/mode/2up?view=theater>, Acesso em 15 jul. 2023.
- HARVEY, David. **A justiça social e a cidade.** São Paulo: Hucitec, [198?].
- \_\_\_\_\_. Government Policies, Financial Institutions and Nieghbouhood Change in United States Cities. In: **Captive Cities - Studies in the Political Economy of Cities and Regions.** London: John Wiley & Sons [?].



- \_\_\_\_\_. **The limits to capital.** Chicago: The University of Chicago Press, 1982.
- HESSEL, Lothar; RAEDERS, Georges. **O teatro no Brasil: Colônia à Regência.** Porto Alegre: Editora Universidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974.
- HUTCHENS, B. C. **Compreender Lévinas.** Trad. Vera Lúcia Mello Jocelyne. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- KEEN, Sam. **New voices and visions.** York: Harper & Row, 1974.
- KOYRÉ, Alexandre. **Do mundo fechado ao universo infinito.** Trad. Donaldson M. Garschagen. Apresentação e revisão Manoel Barros da Motta. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. Disponível em: <https://archive.org/details/AlexandreKoyreDoMundoFechadoAoUniversoInfinito/page/n4/mode/1up>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- LANGENBUCH, Juergen Richard. **A estruturação da Grande São Paulo: estudo de geografia urbana.** Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1971.
- LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938-1950.
- \_\_\_\_\_. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** Tomo II. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1938.
- \_\_\_\_\_. **Nóbrega e a fundação de São Paulo.** Lisboa: Instituto de Intercâmbio Luso-Brasileiro, 1953. Disponível em: <https://archive.org/details/dli.ernet.535566>. Acesso em: 11 jan. 2021.
- \_\_\_\_\_. **Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil: assistência de Portugal 1549-1760.** Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1965. Disponível em: <https://archive.org/details/dli.ernet.534946>. Acesso em: 11 jan. 2021.
- \_\_\_\_\_. **Os Jesuítas na vila de S. Paulo: (século XVI).** São Paulo: Departamento de Cultura, 1925. Disponível em: <https://archive.org/details/osjesuitasnavila00leit/mode/2up>. Acesso em: 8 set. 2023.
- LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **História da Capitania de São Vicente.** São Paulo: Melhoramentos, 19-?.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade.** Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Totalité et infini: Essai sur l'extériorité.** Boston: Martinus Nijhoff Publishers, 1984. Disponível em: <https://archive.org/details/totalitetinfinie0000lvin/page/4/mode/2up?view=theater>.

Acesso em: 27 dez. 2022.

- MARTINES, Paulo. O ato moral segundo Tomás de Aquino. In: **TransFormação**. 42 Marília: Universidade Estadual Paulista, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/6c8G4JTJvp6JXqMqY7YPfPR#>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- MARX, Murillo. **Nosso chão: do sagrado ao profano**. Edusp: São Paulo, 1989.
- MEYER, Regina Maria Prosperi. **Metrópole e urbanismo: São Paulo anos 50**. (Tese) São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 1991.
- MINSKY, Marvin. **The society of mind**. New York: Simon & Schuter, 1985.
- MITCHELL, William. **City of bits: space, place and infobahn**. Cambridge: The MIT Press, 1998.
- \_\_\_\_\_. **E-topia: urban life, jim – but not as we know it**. Cambridge: The MIT Press, 2000.
- MOREAU, Filipe Eduardo. **Os índios nas letras de Nóbrega e Anchieta**. (Dissertação). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)/Universidade de São Paulo, 1997.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. Brasília/São Paulo: Ed. Martins Fontes/ Editora da UnB. 1961, 2<sup>a</sup>. ed. brasileira, abril 1982.
- \_\_\_\_\_. **The condition of man**. London: Martin Secker & Warburg ltd., 1944. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.33966/page/n249/mode/2up?q=cities>. Acesso em: 18 jul. 2022.
- \_\_\_\_\_. **Technics and civilization**. London: George Routledge & Sons, Ltd., 1947. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.33981/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 18 jul. 2022.
- NANDOR, F.; FRANK, G. **Freud: dictionary of psychoanalysis**. New York: Barnes & Noble, 2004. Disponível em: <https://archive.org/details/freuddictionaryo0000freu/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 8 set. 2023.
- NÓBREGA, Manoel da. Carta para El-Rei D. João – 1554. In: **Cartas do Brasil e escritos do Padre Manuel da Nóbrega. Opera omnia**. Coimbra: Por ordem da

- Universidade, 1955. Disponível em: <https://archive.org/details/cartaaaapdrmnelnobrg/page/22/mode/2up>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- \_\_\_\_\_. **Cartas do Brasil :1549-1560**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Diálogo sobre a conversão do gentio** Lisboa: União Gráfica, 1954.
- OTERO, Jura. **Aula ministrada no dia 4 de abril de 1985 na ECA/USP**. São Paulo: Arquivo particular, 1985.
- OVÍDIO, Públio Nasão. **A morte de Narciso**. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo. Folha de S. Paulo, 1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/21/mais!/10.html>. Acesso em: 8 set. 2023.
- \_\_\_\_\_. **Metamorfosis**. Trad. Consuelo Álvarez y Rosa Ma. Iglesias. Madrid : Catedra Letras Universales, 2003. Disponível em: <https://archive.org/details/ovidio.-metamorfosis-2003/mode/2up>.
- \_\_\_\_\_. **Metamorfosis: libros I - V**. Trad. José Carlos Fernández Corte y Josefa Cantó Llorca. Madrid : Editorial Gredos, 2008. Disponível em: <https://archive.org/details/ovidio.-metamorfosis.-libros-i-v-2008/page/n3/mode/2up>
- \_\_\_\_\_. **Metamorfosis: libros I – VII**. Trad. Rubén Bonifaz Nuño. Cidade do México : Universidad Nacional Autónoma de México, 1979. Disponível em: <https://archive.org/details/ovidio.-metamorfosis.-libri-i-vii-bilingue-1979/page/n1/mode/2up?view=theater>
- \_\_\_\_\_. **Metamorfoses**. Trad. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho. (Pós-doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Metamorfoses**. Trad. Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Livros Cotovia, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Le metamorphosi**. Trasmutationi: tradotte dal latino diligentemente in uolgar uerso, con le sue allegorie, significazione & dichiaratione delle fabole in prosa. Trad. Niccolo Agostini; ?, 1533. Disponível em: [https://archive.org/details/gri\\_33125008634442/page/n63/mode/2up?q=Eco&view=theater](https://archive.org/details/gri_33125008634442/page/n63/mode/2up?q=Eco&view=theater). Acesso em: 8 set. 2023.
- \_\_\_\_\_. **Metamorphoses**. Trad. Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Amores e a arte de amar**. Trad. Carlos Ascenso André. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- PADOVANO, Bruno. **Além da Cidade Tricolor: do caos ao cosmonismo**. São Paulo: Editora Espiral, 2015.

- PLATÃO, A. **República**. Tradução e notas Maria Helena Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em: <https://archive.org/details/a-republica-plata-o/mode/2up>. Acesso em: 23 abr. 2019.
- PLOTINO. **Enéadas**. Madrid: Editorial Gredos, 1982. Disponível em: <https://archive.org/details/plotino-eneadas-i-ii/Plotino-Eneadas-I-II/mode/2up>. Acesso em: 23 mar. 2023.
- PRADO, Luiz. Como Lacan renovou a psicanálise e a aproximou das ciências humanas. In: **Jornal da USP**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/como-lacan-renovou-a-psicanalise-e-a-aproximou-das-ciencias-humanas/>. Acesso em: 27 jul. 2023.
- QUINET, Antonio. **Os Outros em Lacan**. São Paulo: Zahar, (s.d). Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4097934/mod\\_resource/content/1/288261375-Antonio-Quinet-Os-Outros-Em-Lacan.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4097934/mod_resource/content/1/288261375-Antonio-Quinet-Os-Outros-Em-Lacan.pdf). Acesso em: 13 jul. 2023.
- RANK, Otto. **Will Therapy and Truth and Reality**. New York: Alfred A. Knopf, 1945. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.168127/page/n9/mode/2up>. Acesso em: 23 maio 2021.
- REICH, W. **Análise do caráter**. 3ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- REIS Fo, Nestor Goulart dos. **Campos Eliseos: a casa e o bairro, a tecnologia da construção civil em 1900**. Proj. São Paulo: Imesp, 1992.
- REZENDE, Carlos Penteado. Fragmentos para a história da Música em São Paulo. In: **IV Centenário da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1954.
- SAIA, LUIS. **Morada paulista**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo 1822**. Tradução e prefácio de Vivaldi Moreira; apresentação e notas de Mário G. Ferri. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- SEABRA, Odette. **Os meandros dos rios nos meandros do poder: o processo de valorização dos rios e das várzeas do Tietê e do Pinheiros na cidade de São Paulo**. (Tese). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1987.
- SILVEIRA, Miroel. **A contribuição italiana ao teatro brasileiro, 1895-1964**. São Paulo: Edições Quíron, 1976.
- \_\_\_\_\_. **A outra crítica**. São Paulo: Edições Símbolo, 1976.
- SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 10ª ed.

1ª ed.,1973.

SOUSA, Herbert **Escritos indignados: democracia x neoliberalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1993.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, C. F. P. **Viagem pelo Brasil**. V. I. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. Tradução brasileira promovida pelo Instituto histórico e geográfico brasileiro para a comemoração do seu centenário. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

TAUNAY, Affonso de Escragnolle. **São Paulo nos primeiros anos (1554-1601): ensaio de reconstituição social**. Lisboa: Tours Imprensa de E. Arrault et Cia, 1920. Disponível em: <https://archive.org/details/spaulonosprimeir00taun/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 20 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. **História da cidade de São Paulo**. São Paulo: Melhoramentos, [19-?].

\_\_\_\_\_. **São Paulo no século XVI: história da Villa Piratiningana**. São Paulo: Tours: Arrault, 1921. Disponível em: <https://archive.org/details/spaulonosprimeir00taun/page/6/mode/2up>. Acesso em: 21 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **História seiscentista da Villa de São Paulo**. (Tomo II 1653-1666). São Paulo: Typ. Ideal, 1927a.

\_\_\_\_\_. **História seiscentista da Villa de São Paulo**. (Tomo II 1653-1666). São Paulo: Typ. Ideal, 1927b.

\_\_\_\_\_. **História colonial da cidade de São Paulo no século XIX**. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico, 1950.

\_\_\_\_\_. **História da cidade de São Paulo sob o Império:1842-1854**. São Paulo: Graf Municipal de São Paulo, 1977.

\_\_\_\_\_. **História da cidade de São Paulo no Século 17I**. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico, 1949.

\_\_\_\_\_. **Notícias de São Paulo, 1565-1820**. 2. ed. Campinas: PUC/Departamento de História, 1980.

TILLICH, Paul. **The Protestant Era**. Chicago: University of Chicago, 1959. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.177699/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 13 fev. 2023

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo, três cidades em um século**. São Paulo:



- Livraria Duas Cidades, 1981.
- \_\_\_\_\_.; PONTES, José Alfredo Vidigal. **São Paulo, registros 1899-1940**. São Paulo: Eletropaulo Eletricidade de São Paulo, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo**. São Paulo: Empresa das Artes, 1996
- TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino-Português**. Porto: Domingos Barreira Editor, 1939.
- USENER, Hermann. **Religionsgeschichtliche Untersuchungen**. Bonn: Verlag von Max Cohen & Sohn, 1889. Disponível em: <https://archive.org/details/religionsgeschi00usengooog/page/n8/mode/2up>. Acesso em: 17 set. 2022.
- VARGAS, Maria Tereza (Coor.). **Teatro operário na cidade de São Paulo**. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Informação e Documentação Artísticas, 1980.
- WERCY, M. L COSTA, R. **Antecedentes judaicos de a ética de la alteridade em Emmanuel Lévinas**. Campo Grande: Rev. Psicol. Saúde vol.7 no.2 dez. 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-093X2015000200005#:~:text=Na%20origem%20do%20juda%20C3%ADsmo%20est%20C3%A1,n%20C3%A3o%20se%20pode%20abarc%20C%20objetivar](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2015000200005#:~:text=Na%20origem%20do%20juda%20C3%ADsmo%20est%20C3%A1,n%20C3%A3o%20se%20pode%20abarc%20C%20objetivar). Acesso em: 13 jul. 2023.

#### LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1 – Caravaggio. Disponível em: <https://www.gettyimages.pt/fotos/caravaggio>, Acesso em: 30 ago. 2023.
- Imagem 2 – Ilustração de livro do século XVI. Disponível em: [https://archive.org/details/gri\\_33125008634442/page/n63/mode/2up?q=Eco&view=theater](https://archive.org/details/gri_33125008634442/page/n63/mode/2up?q=Eco&view=theater). Acesso em 30 ago. 2023.
- Imagem 3 – Francesco Curradi. Disponível em: <https://pt.wahooart.com/@/8XZD23-Francesco-Curradi-narciso>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- Imagem 4 – Jan Cossiers. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jan\\_Cossiers\\_-\\_Narciso.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jan_Cossiers_-_Narciso.jpg). Acesso em: 30 ago. 2023.
- Imagem 5 – Franz Caucig. Disponível em: <https://www.ng-slo.si/en/permanent-collection/1800-1820/narcissus-franc-kavcic-caucig?workId=1595>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- Imagem 6 – Joseph Mallord William Turner. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/turner-narcissus-and-echo-t03869>. Acesso em: 30

ago. 2023.

Imagem 7 – Adolf Joseph Grass. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/79/Narcissus\\_Adolf\\_Grass\\_1867.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/79/Narcissus_Adolf_Grass_1867.jpg). Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 8 – Jules-Cyrille Cavé. Disponível em: [https://www.fantasticacultural.com.br/artigo/891/o\\_mito\\_de\\_narciso\\_-\\_o\\_primeiro\\_narcisista/202208270611198-narciso\\_jules\\_cyrille\\_cave](https://www.fantasticacultural.com.br/artigo/891/o_mito_de_narciso_-_o_primeiro_narcisista/202208270611198-narciso_jules_cyrille_cave). Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 9 – Tony Robert-Fleury: *Philippe Pinel à la Salpêtrière*. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Philippe\\_Pinel\\_%C3%A0\\_la\\_Salp%C3%AAtre.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Philippe_Pinel_%C3%A0_la_Salp%C3%AAtre.jpg). Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 10 – François-Xavier Fabre: *The death of Narcissus*. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fabre\\_-\\_The\\_Death\\_of\\_Narcissus.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fabre_-_The_Death_of_Narcissus.jpg). Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 11 – John William Waterhouse: *Eco e Narciso*. Disponível em: [https://www.fantasticacultural.com.br/artigo/891/o\\_mito\\_de\\_narciso\\_-\\_o\\_primeiro\\_narcisista/202208270611186-narciso\\_john\\_william\\_waterhouse](https://www.fantasticacultural.com.br/artigo/891/o_mito_de_narciso_-_o_primeiro_narcisista/202208270611186-narciso_john_william_waterhouse). Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 12 – John William Waterhouse: *Sleep and his Half-brother Death*. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Waterhouse-sleep\\_and\\_his\\_half-brother\\_death-1874.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Waterhouse-sleep_and_his_half-brother_death-1874.jpg). Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 13 – Gyula Benczúr: *Narcissus*. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Benczur-narcissus.jpg>. Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 14 – Salvador Dali: *Metamorfose de Narciso*. Disponível em: <https://www.celesteprize.com/artwork/ido:281997/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 15 – John Woodrow Kelley: *Narciso*. Disponível em: [https://www.fantasticacultural.com.br/artigo/891/o\\_mito\\_de\\_narciso\\_-\\_o\\_primeiro\\_narcisista](https://www.fantasticacultural.com.br/artigo/891/o_mito_de_narciso_-_o_primeiro_narcisista). Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 16 – François-Xavier Fabre: *Édipo e a Esfinge*. Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impresoes-artisticas-sofisticadas/Francois-Xavier-Fabre/583842/%C3%89dipo-e-a-Esfinge,-c.1806-08.html>. Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 17 – Gustave Moreau. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Gustave\\_Moreau\\_005.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Gustave_Moreau_005.jpg). Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 18 – Jean-Auguste Dominique Ingres: *Édipo e a Esfinge*. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/jean-auguste-dominique-ingres/edipo-e-a-esfinge-1808>. Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 19 – Filarete. Disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Plano-radioconcentrico-de-Sforzinda-projetada-em-1460-pelo-italiano-Filarete\\_fig3\\_314395681](https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Plano-radioconcentrico-de-Sforzinda-projetada-em-1460-pelo-italiano-Filarete_fig3_314395681). Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 20 – Prestes Maia. Plano de avenidas <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/07.082/259>. Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 21 – M. Sebastian Serlio – corte. Disponível em: [https://archive.org/details/ldpd\\_12050504\\_000/page/n137/mode/2up](https://archive.org/details/ldpd_12050504_000/page/n137/mode/2up). Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 22 – Palladio – Teatro Olímpico: corte  
[https://www.researchgate.net/figure/Figura-9A-y-9B-Andrea-Palladio-seccion-y-alzado-frontal-del-proscenio-del-Teatro\\_fig6\\_349954320](https://www.researchgate.net/figure/Figura-9A-y-9B-Andrea-Palladio-seccion-y-alzado-frontal-del-proscenio-del-Teatro_fig6_349954320) Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 23 – Palladio – Teatro Olímpico, Vicenza: cenário. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/figure/Figura-9A-y-9B-Andrea-Palladio-seccion-y-alzado-frontal-del-proscenio-del-Teatro\\_fig6\\_349954320](https://www.researchgate.net/figure/Figura-9A-y-9B-Andrea-Palladio-seccion-y-alzado-frontal-del-proscenio-del-Teatro_fig6_349954320). Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 24 – Scamozzi – Sabioneta: planta da cidade. Disponível em:  
<https://kvl.cch.kcl.ac.uk/THEATRON/theatres/sabbioneta/assets/images/sabimg23.html>.  
Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 25 – Scamozzi – Palmanova: planta da cidade. Disponível em:  
<https://www.archdaily.com.br/br/974964/explorando-a-historia-das-cidades-renascentistas-ideais>. Acesso em: 30 ago. 2023.

Imagem 26 – Prestes Maia. Plano de avenidas  
<https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/07.082/259> Acesso em: 30 ago. 2023.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

(acervo particular)

Foto 1 - Região da rua dos Lavapés.

Foto 2 - Região da rua Tomás de Lima.

Foto 3 - Região da rua Tomás de Lima.

Foto 4 - Rua Tomás de Lima, esquina com rua Barão de Iguape.

Foto 5 - Rua Tomás de Lima, esquina com rua São Paulo.

Foto 6 - Outro ângulo da rua Tomás de Lima, esquina com rua São Paulo.

Foto 7 - Panorâmica da região da rua Tomás de Lima.

Foto 8 - Rua Tomás de Lima, esquina com as rua Lund e rua dos Estudantes.

Foto 9 - Outro ângulo da esquina das rua Tomás de Lima e rua dos Estudantes.

Foto 10 - Rua Conde de Sarzedas.

Foto 11 - Rua Conde de Sarzedas.

Foto 12 - Rua Conde de Sarzedas, e acesso para complexo viário já estabelecido, que virá a ser a ligação Leste-Oeste.

Foto 13 - Esquina das ruas Tabatinguera e Silveira Martins.

Foto 14 - Percurso cruzando a rua do Carmo.

Foto 15 - Percurso cruzando a Av. Rangel Pestana, chegando à rua 25 de Março.

Foto 16 - Rua 25 de Março, à direita a Praça Fernando Costa e à esquerda o Parque Dom Pedro II.

Foto 17 - Rua 25 de Março, esquina com rua Cav. Basílio. Ao fundo a Praça Fernando Costa.

Foto 18 - Rua 25 de Março, esquina com a rua L. Leme.

Foto 19 - Rua 25 de Março um pouco mais afastado.

Foto 20 - Rua 25 de Março, esquina com a rua Anhangabaú.

Foto 21 - Rua 25 de Março, esquina com a rua Anhangabaú.

Foto 22 - Panorâmica que toma desde a Praça Fernando Costa, passando pela rua 25 de Março e esquina com Av. Senador Queiróz.

Foto 23 - Rua 25 de Março e esquina com Av. Senador Queiróz.

Foto 24 - Mercado Municipal e Parque Dom Pedro II ao fundo.

Foto 25 - Esquina da rua 25 de Março com a Av. Senador Queiróz.

Foto 26 - Rua 25 de Março, terminando na rua Paula Souza.

Foto 27 - Esquina da rua Mauá com a Av. Prestes Maia.

Foto 28 - Rua Mauá e Estação da Luz.

Foto 29 - Esquina da rua Mauá com as rua General Couto de Magalhães e rua dos Gusmões.

Foto 30 - Esquina da rua Mauá com as rua General Couto de Magalhães e rua dos Gusmões.

Foto 31 - Rua dos Gusmões, esquina com a rua dos Andrades.

Foto 32 - Rua dos Gusmões, esquina com a rua Santa Efigênia.

Foto 33 - Rua dos Gusmões, esquina com a rua Santa Efigênia.

Foto 34 - Rua Santa Efigênia, esquina com a Av. Duque de Caxias.

Foto 35 - Rua Santa Efigênia, esquina com a Av. Duque de Caxias, no sentido contrário à foto anterior.

Foto 36 - Al. Barão de Piracicaba.

Foto 37 - Al. Barão de Piracicaba com Largo Coração de Jesus.

Foto 38 - Al. Barão de Piracicaba , esquina com a Al. Nothmann.

Foto 39 - Al. Barão de Piracicaba , esquina com a Al. Nothmann.

Foto 40 - Al. Nothmann.

Foto 41 - Al. Nothmann, esquina com Al. Dino Bueno, vencendo a linha de trens.

Foto 42 - Após cruzar a estrada de ferro, rua Anhaia, atingindo a rua dos Italianos.

Foto 43 - Rua Anhaia, atingindo a rua dos Italianos.

Foto 44 - Rua dos Italianos, esquina com a rua Solon.

Foto 45 - Rua dos Italianos, esquina com a rua Jaraguá.

Foto 46 - Rua dos Italianos, esquina com a rua Javaés.

Foto 47 - Rua dos Italianos, esquina com a rua Javaés.

Foto 48 - Esquina da Rua dos Italianos com a rua Sérgio Tomás. Ao fundo vê-se o Rio Tietê.